

Organizadores
Ana Angélica Ferrazí
Lenilson Sílva

Ainda Escrevo Poesias

O confinamento não anda fácil





Ainda escrevo poesias

1^a edição

**Ourinhos – SP
2020
Edições & Publicações**

Ainda escrevo poesias

1^a Edição

Revisão e diagramação e capa: Lenilson Silva

Coordenação geral: Ana Angélica Ferrazzi

ISBN: 978-65-86615-09-8

CIP – Brasil – Catalogação na Publicação

Ficha Catalográfica feita na editora

FERRAZI, Ana Angélica. SILVA, Lenilson

Ainda escrevo poesias - 1^a ed. Ourinhos: Edições & Publicações 2020.

Pgs.: 129. 14 x 21 cm (broch.)

ISBN: 978-65-86615-09-8

1. Poesia. 2. Título.

CDD. B869.8

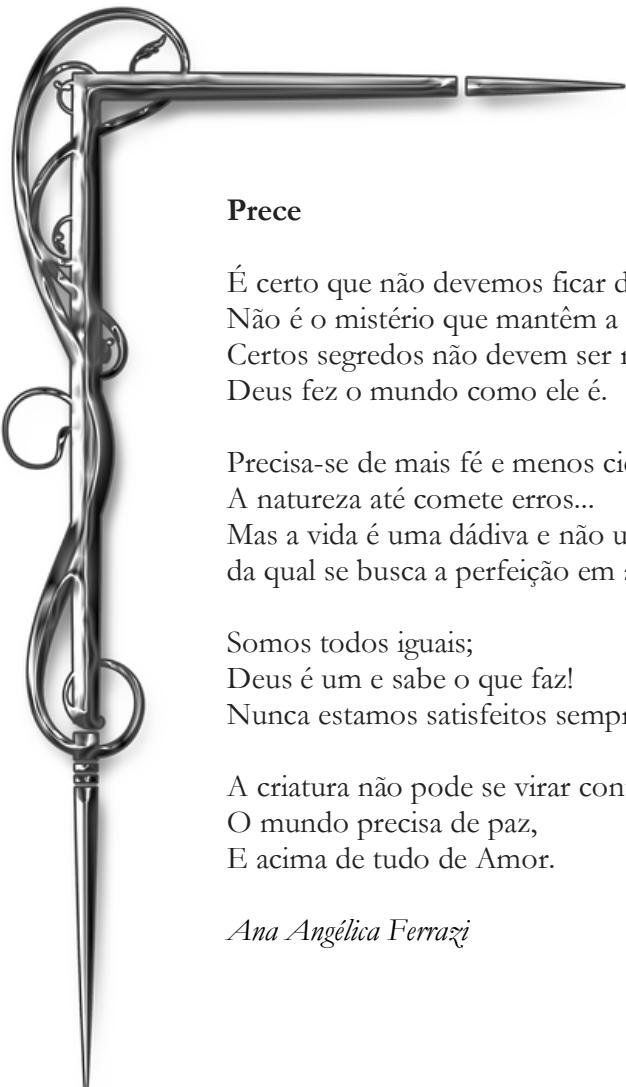
Índice para catálogo sistemático

1. Poesia. 2. Título.

Prezado leitor,

Sinta-se à vontade para folhear cada página, presentear, lê-lo e fazer com que cada texto perpassasse limpidamente pelo seu dia a dia, dê o crédito em respeito aos direitos autorais.

Faça referência aos autores quando usar em quaisquer meios de comunicação. Isso é ter consciência que a essência deste trabalho foi respeitada e que prezem para o dom de quem preenche a sua alma.



Prece

É certo que não devemos ficar de olhos vendados;
Não é o mistério que mantêm a fé;
Certos segredos não devem ser revelados...
Deus fez o mundo como ele é.

Precisa-se de mais fé e menos ciência;
A natureza até comete erros...
Mas a vida é uma dádiva e não uma experiência,
da qual se busca a perfeição em acertos

Somos todos iguais;
Deus é um e sabe o que faz!
Nunca estamos satisfeitos sempre queremos mais.

A criatura não pode se virar contra o Criador;
O mundo precisa de paz,
E acima de tudo de Amor.

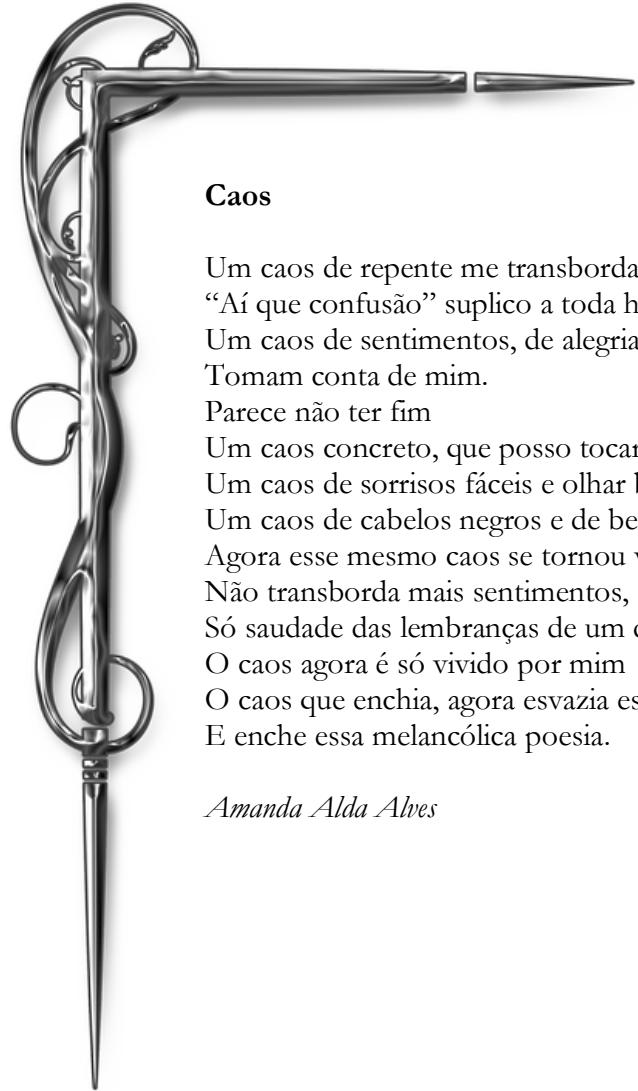
Ana Angélica Ferrazzi

ANA ANGÉLICA FERRAZI

Mora na cidade de Ourinhos/SP. Cursou Letras/Literatura na Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP), tendo concluído a Pós-graduação na mesma instituição, especializando-se em Estudos Linguísticos e Literários.

Já publicou 4 obras, participou de coletâneas literárias, dentre outros trabalhos. É funcionária pública estadual e atua também no mercado editorial com edição e publicação de livros.

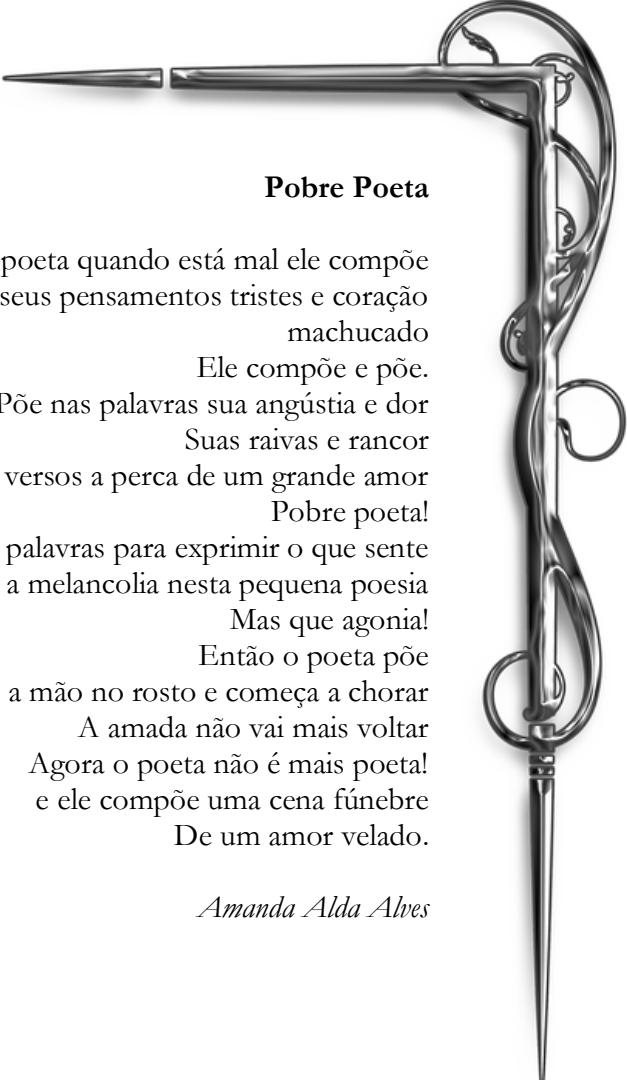




Caos

Um caos de repente me transborda
“Aí que confusão” suplico a toda hora
Um caos de sentimentos, de alegria, de amor
Tomam conta de mim.
Parece não ter fim
Um caos concreto, que posso tocar e amar
Um caos de sorrisos fáceis e olhar brilhante
Um caos de cabelos negros e de beijos envolventes.
Agora esse mesmo caos se tornou vazio
Não transborda mais sentimentos, amor e alegria
Só saudade das lembranças de um dia
O caos agora é só vivido por mim
O caos que enchia, agora esvazia essa triste poeta
E enche essa melancólica poesia.

Amanda Alda Alves



Pobre Poeta

O poeta quando está mal ele compõe
Na noite fria dos seus pensamentos tristes e coração
machucado

Ele compõe e põe.

Põe nas palavras sua angústia e dor
Suas raivas e rancor

Disfarçando nos versos a perca de um grande amor
Pobre poeta!

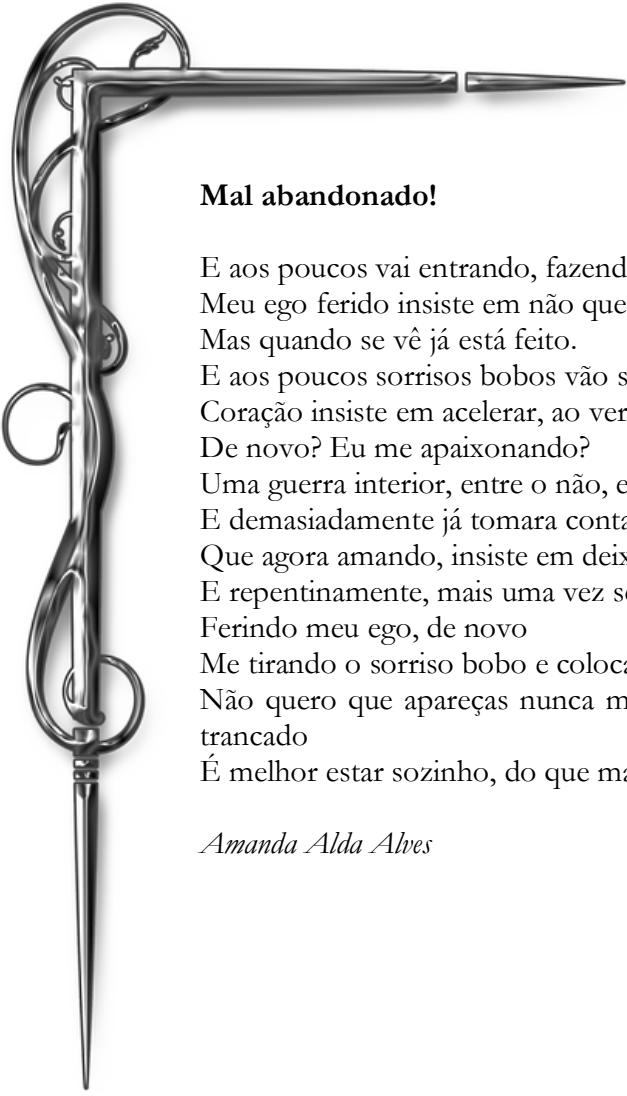
Já está sem palavras para exprimir o que sente
Já não pode mais atrair a melancolia nesta pequena poesia
Mas que agonia!

Então o poeta põe
Põe a mão no rosto e começa a chorar

A amada não vai mais voltar
Agora o poeta não é mais poeta!
e ele compõe uma cena fúnebre

De um amor velado.

Amanda Alda Alves



Mal abandonado!

E aos poucos vai entrando, fazendo morada no peito
Meu ego ferido insiste em não querer.
Mas quando se vê já está feito.
E aos poucos sorrisos bobos vão se formando
Coração insiste em acelerar, ao ver
De novo? Eu me apaixonando?
Uma guerra interior, entre o não, e o poder
E demasiadamente já tomara conta do meu ser
Que agora amando, insiste em deixar querer
E repentinamente, mais uma vez se vai embora
Ferindo meu ego, de novo
Me tirando o sorriso bobo e colocando ódio no peito
Não quero que apareças nunca mais! Meu Eu agora estou
trancado
É melhor estar sozinho, do que mal abandonado

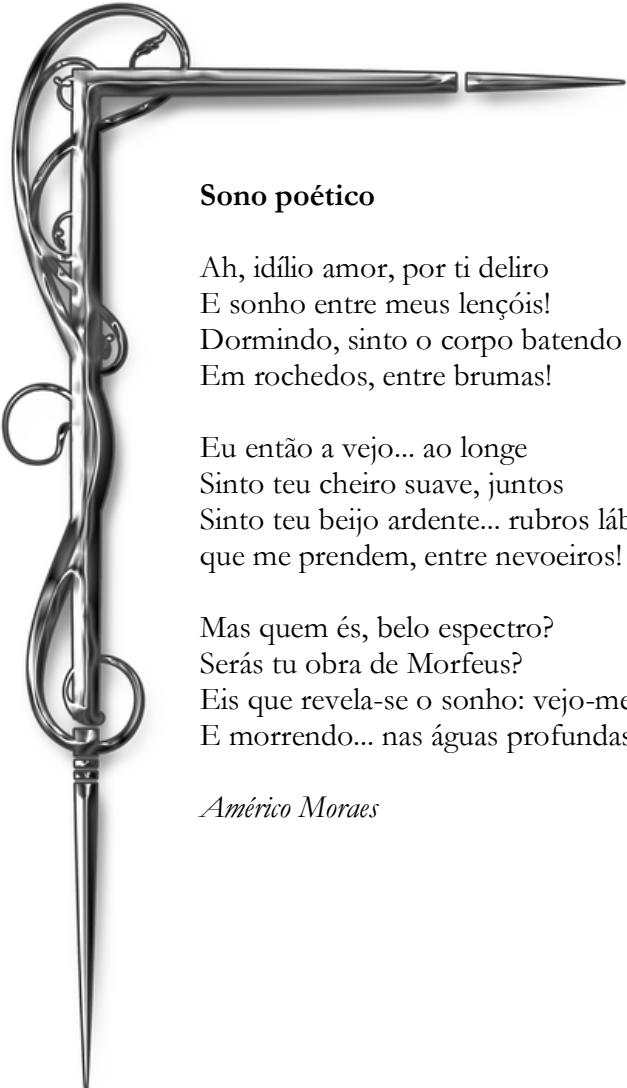
Amanda Alda Alves

AMANDA ALDA

Nasceu no dia 08 de maio de 1998, no interior mineiro na cidade de Ipatinga, localizada no Vale Do Aço, mas cresceu e viveu por muito anos em São Domingos Das Dores/Mg, e Inhapim/MG. Apesar da pouca idade, sempre teve uma paixão imensa pela literatura Brasileira, e escreve diariamente contos e poesias, para o site Recanto Das Letras.

Formada em Letras-Português/ Inglês pelo Centro Universitário De Caratinga, carrega no peito a arte literária contemporânea, e o apreço pela liberdade na escrita. Uma paixão enorme pelas Letras a define.





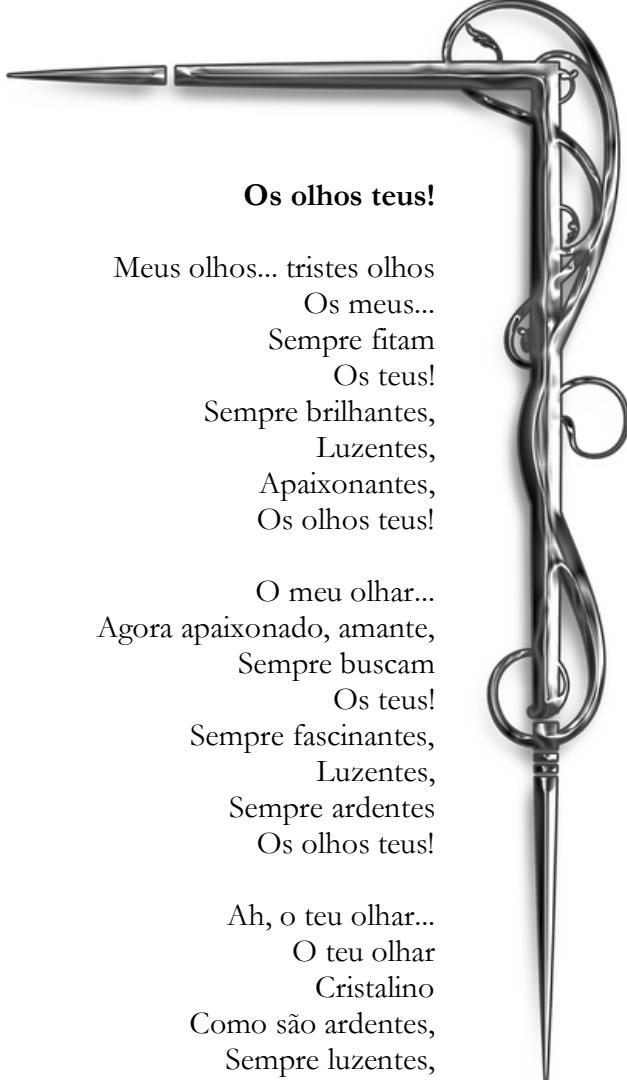
Sono poético

Ah, idílio amor, por ti deliro
E sonho entre meus lençóis!
Dormindo, sinto o corpo batendo
Em rochedos, entre brumas!

Eu então a vejo... ao longe
Sinto teu cheiro suave, juntos
Sinto teu beijo ardente... rubros lábios
que me prendem, entre nevoeiros!

Mas quem és, belo espectro?
Serás tu obra de Morfeus?
Eis que revela-se o sonho: vejo-me afogando
E morrendo... nas águas profundas do meu sono poético!

Américo Moraes



Os olhos teus!

Meus olhos... tristes olhos
Os meus...
Sempre fitam
Os teus!
Sempre brilhantes,
Luzentes,
Apaixonantes,
Os olhos teus!

O meu olhar...
Agora apaixonado, amante,
Sempre buscam
Os teus!
Sempre fascinantes,
Luzentes,
Sempre ardentes
Os olhos teus!

Ah, o teu olhar...
O teu olhar
Cristalino
Como são ardentes,
Sempre luzentes,
Brilhantes,
Apaixonantes,
Os olhos teus!

Américo Moraes

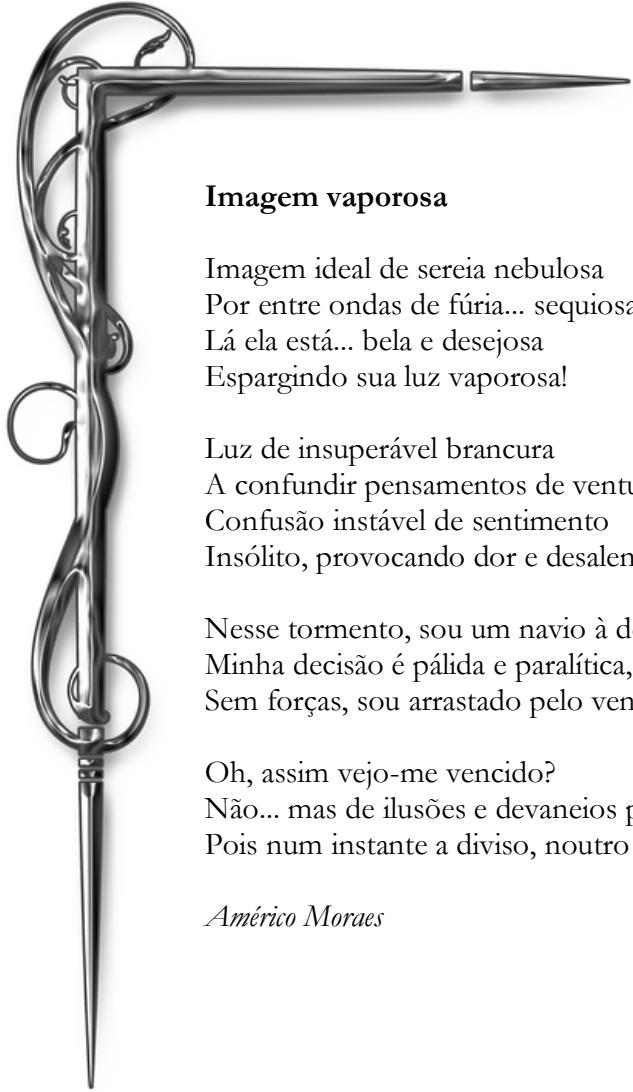


Imagen vaporosa

Imagen ideal de sereia nebulosa
Por entre ondas de fúria... sequiosa.
Lá ela está... bela e desejosa
Espargindo sua luz vaporosa!

Luz de insuperável brancura
A confundir pensamentos de ventura
Confusão instável de sentimento
Insólito, provocando dor e desalento.

Nesse tormento, sou um navio à deriva...
Minha decisão é pálida e paralítica,
Sem forças, sou arrastado pelo vento!

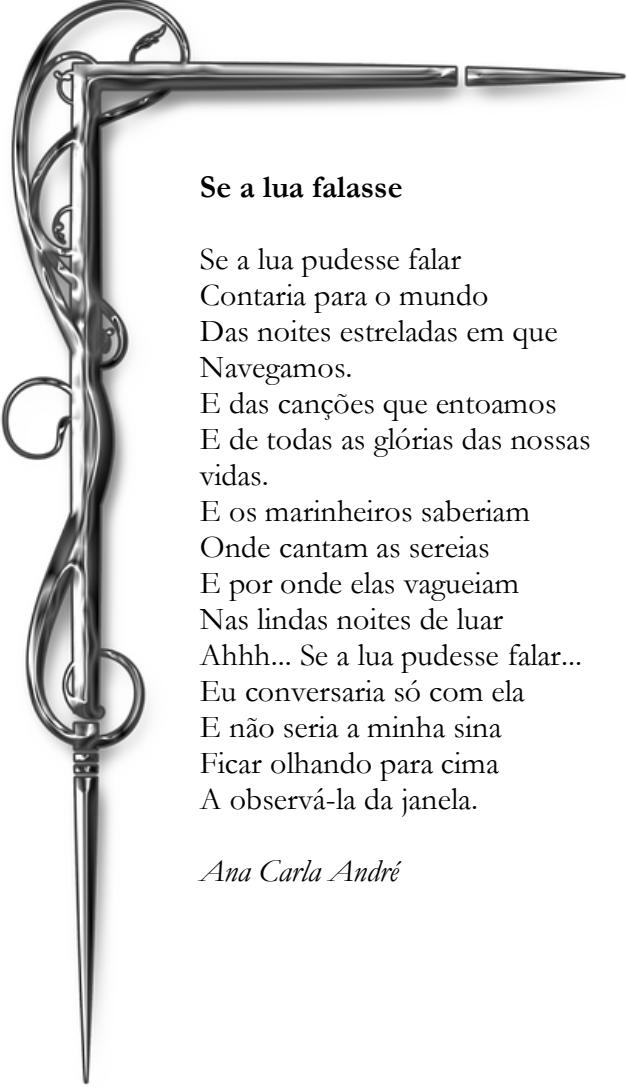
Oh, assim vejo-me vencido?
Não... mas de ilusões e devaneios perdido
Pois num instante a diviso, noutro a esqueço!

Américo Moraes

FRANCISCO AMÉRICO MARTINS MORAES

Nasci em Goianésia-GO, e cresci entre duas cidades: Vila Propício e Pirenópolis. Aos 12 anos me transferi com meus pais e irmãos para Porto Velho-RO, em 1990. Hoje sou portovelhense e amazônica de coração. Depois de formado em História-Unipec-2007 (minha grande paixão), passei a colecionar novas paixões: o desenho, a pintura, a escultura e, é claro, a poesia e a literatura. De cada uma pratico um pouco nas horas de “ócio criativo”, exceto a escultura que ainda pretendo aprender. Profissionalmente atuo como professor de História nas redes públicas estadual e municipal em Porto Velho. Além disso, me especializei em História do Brasil (FIJ-2013) e recentemente concluí o curso de mestrado em Estudos Literários da Universidade Federal de Rondônia-2019.

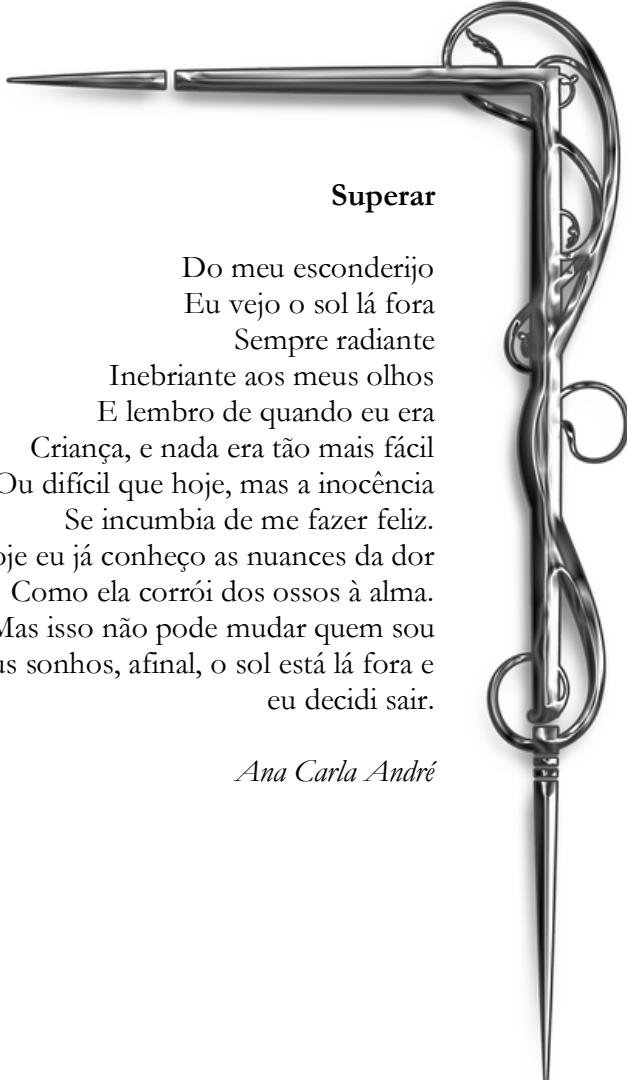




Se a lua falasse

Se a lua pudesse falar
Contaria para o mundo
Das noites estreladas em que
Navegamos.
E das canções que entoamos
E de todas as glórias das nossas
vidas.
E os marinheiros saberiam
Onde cantam as sereias
E por onde elas vagueiam
Nas lindas noites de luar
Ahhh... Se a lua pudesse falar...
Eu conversaria só com ela
E não seria a minha sina
Ficar olhando para cima
A observá-la da janela.

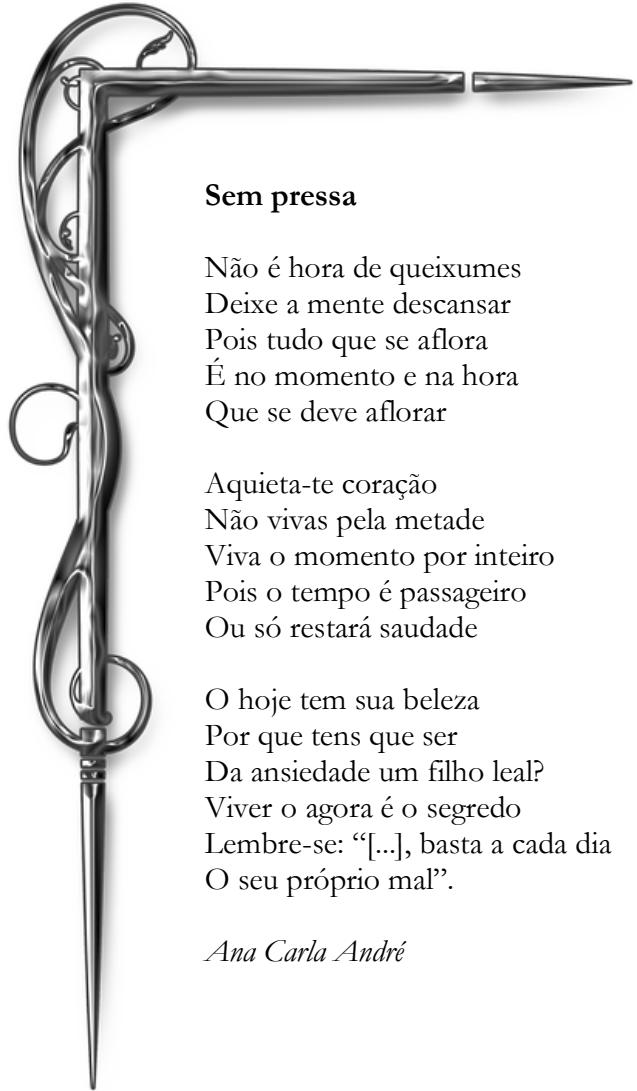
Ana Carla André



Superar

Do meu esconderijo
Eu vejo o sol lá fora
Sempre radiante
Inebriante aos meus olhos
E lembro de quando eu era
Criança, e nada era tão mais fácil
Ou difícil que hoje, mas a inocência
Se incumbia de me fazer feliz.
Hoje eu já conheço as nuances da dor
Como ela corrói dos ossos à alma.
Mas isso não pode mudar quem sou
Prosseguirei com os meus sonhos, afinal, o sol está lá fora e
eu decidi sair.

Ana Carla André



Sem pressa

Não é hora de queixumes
Deixe a mente descansar
Pois tudo que se aflora
É no momento e na hora
Que se deve aflorar

Aquieta-te coração
Não vivas pela metade
Viva o momento por inteiro
Pois o tempo é passageiro
Ou só restará saudade

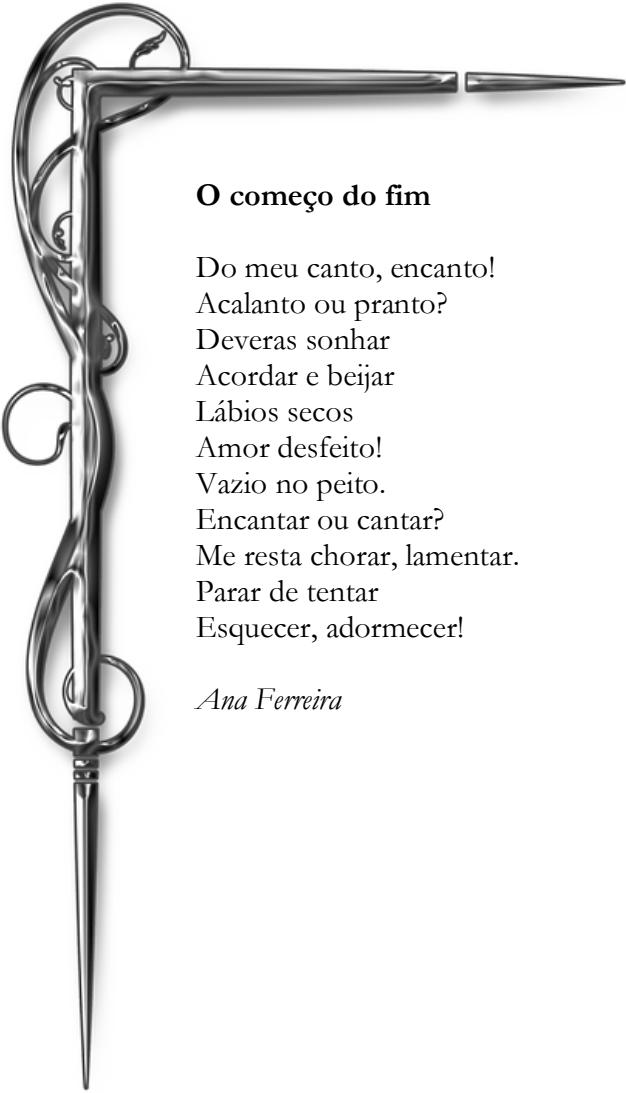
O hoje tem sua beleza
Por que tens que ser
Da ansiedade um filho leal?
Viver o agora é o segredo
Lembre-se: “[...], basta a cada dia
O seu próprio mal”.

Ana Carla André

ANA CARLA ANDRÉ

Nasceu em Acopiara-CE em 07 de setembro de 1993. Reside atualmente na cidade de Bauru, interior de São Paulo. Carrega desde criança um amor absoluto pela poesia e pelo ser humano. Cursa atualmente Serviço Social na Universidade Anhanguera de Bauru. Possui poemas publicados no jornal local, participou de sua primeira antologia (Antologia Poesia Agora-Inverno 2019).

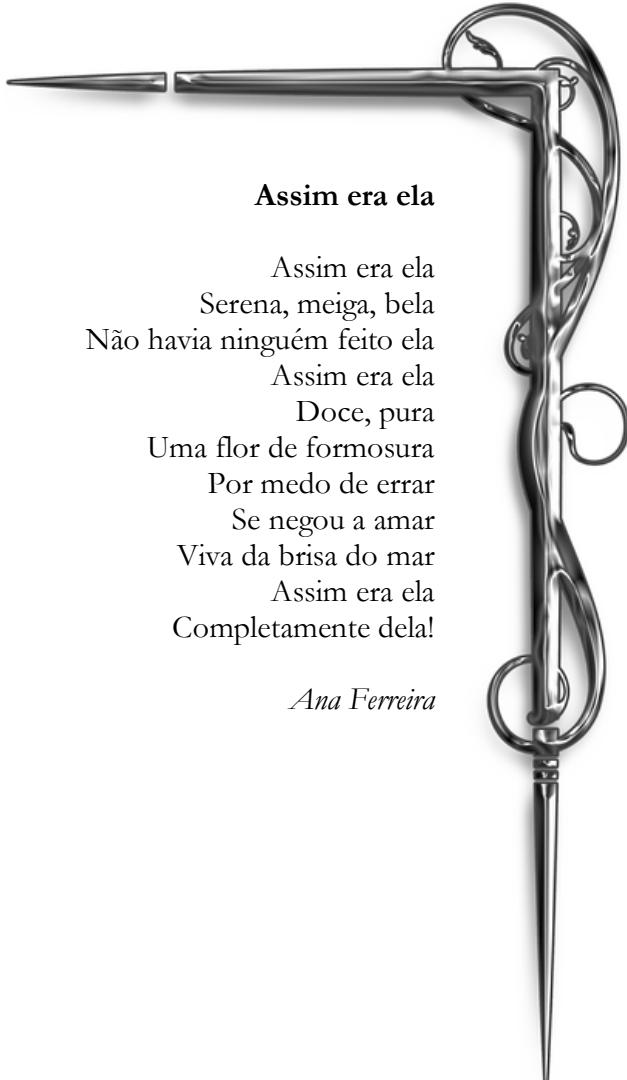




O começo do fim

Do meu canto, encanto!
Acalanto ou pranto?
Deveras sonhar
Acordar e beijar
Lábios secos
Amor desfeito!
Vazio no peito.
Encantar ou cantar?
Me resta chorar, lamentar.
Parar de tentar
Esquecer, adormecer!

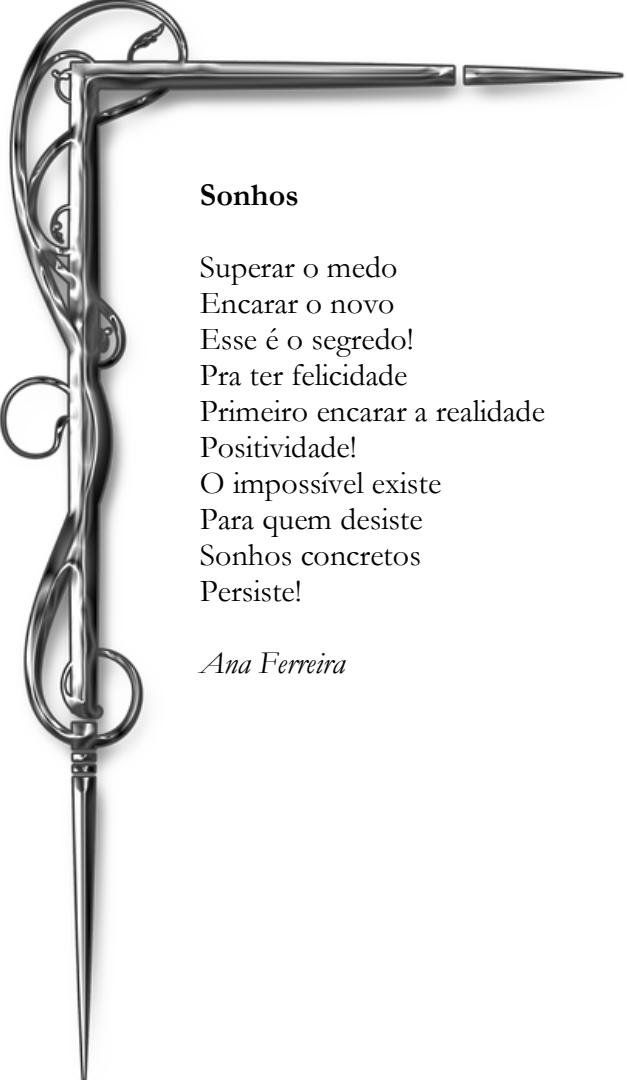
Ana Ferreira



Assim era ela

Assim era ela
Serena, meiga, bela
Não havia ninguém feito ela
Assim era ela
Doce, pura
Uma flor de formosura
Por medo de errar
Se negou a amar
Viva da brisa do mar
Assim era ela
Completamente dela!

Ana Ferreira



Sonhos

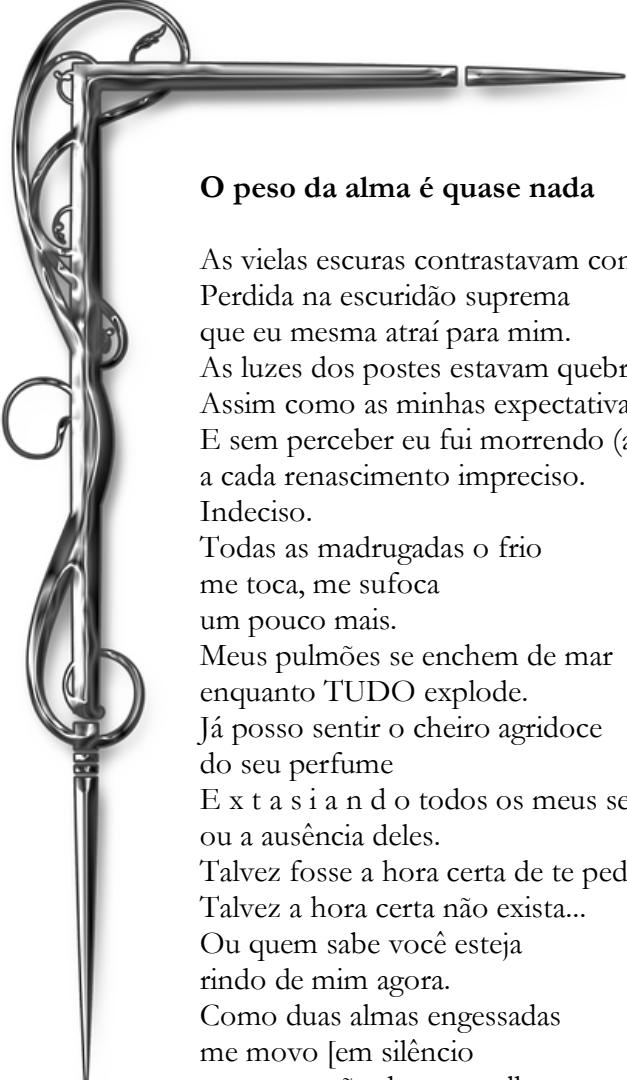
Superar o medo
Encarar o novo
Esse é o segredo!
Pra ter felicidade
Primeiro encarar a realidade
Positividade!
O impossível existe
Para quem desiste
Sonhos concretos
Persiste!

Ana Ferreira

ANA FERREIRA

Nascida em Catalão - GO, mestrandona em estudos da linguagem, pós-graduada em gestão de pessoas e marketing pela Universidade Federal de Goiás, membro da Academia de Letras e Artes de Goiás e também do Núcleo Acadêmico de Letras e Artes de Portugal, autora do livro Expressando Sentimentos, participa de diversas obras antológicas e coletâneas nacionais e internacionais.

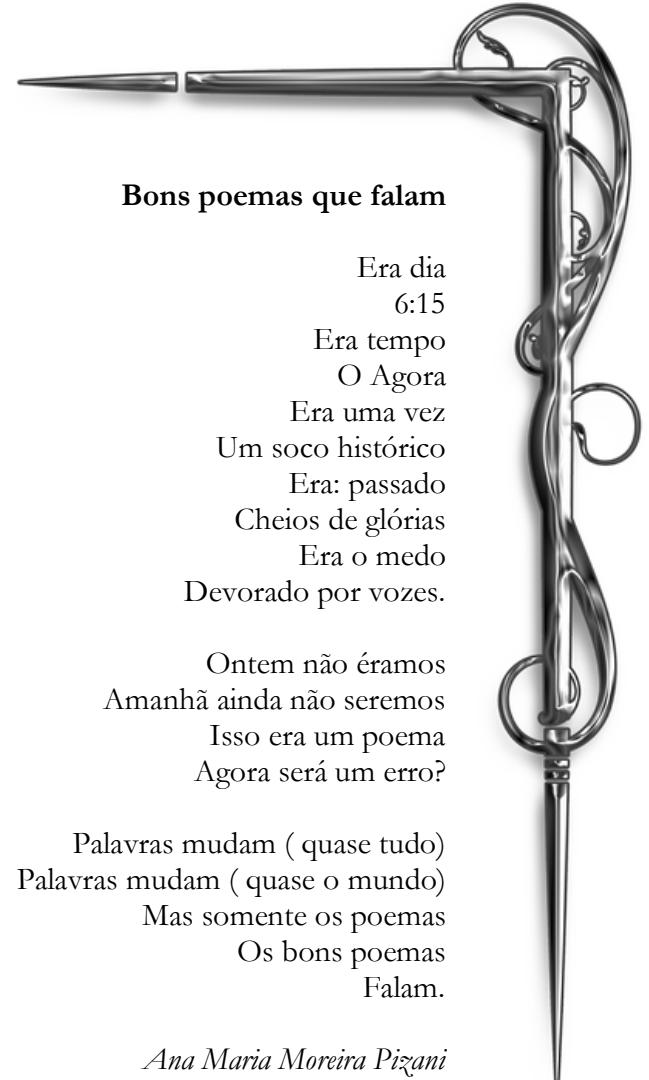




O peso da alma é quase nada

As vielas escuras contrastavam com os seus olhos
Perdida na escuridão suprema
que eu mesma atraí para mim.
As luzes dos postes estavam quebradas
Assim como as minhas expectativas.
E sem perceber eu fui morrendo (aos poucos)
a cada renascimento impreciso.
Indeciso.
Todas as madrugadas o frio
me toca, me sufoca
um pouco mais.
Meus pulmões se enchem de mar
enquanto TUDO explode.
Já posso sentir o cheiro agridoce
do seu perfume
E x t a s i a n d o todos os meus sentidos
ou a ausência deles.
Talvez fosse a hora certa de te pedir um beijo
Talvez a hora certa não exista...
Ou quem sabe você esteja
rindo de mim agora.
Como duas almas engessadas
me movo [em silêncio
na contramão dos seus olhos.
Quem estará presente a minha chegada?
Afinal
O peso da alma
De qualquer alma
É quase nada.

Ana Maria Moreira Pizzani



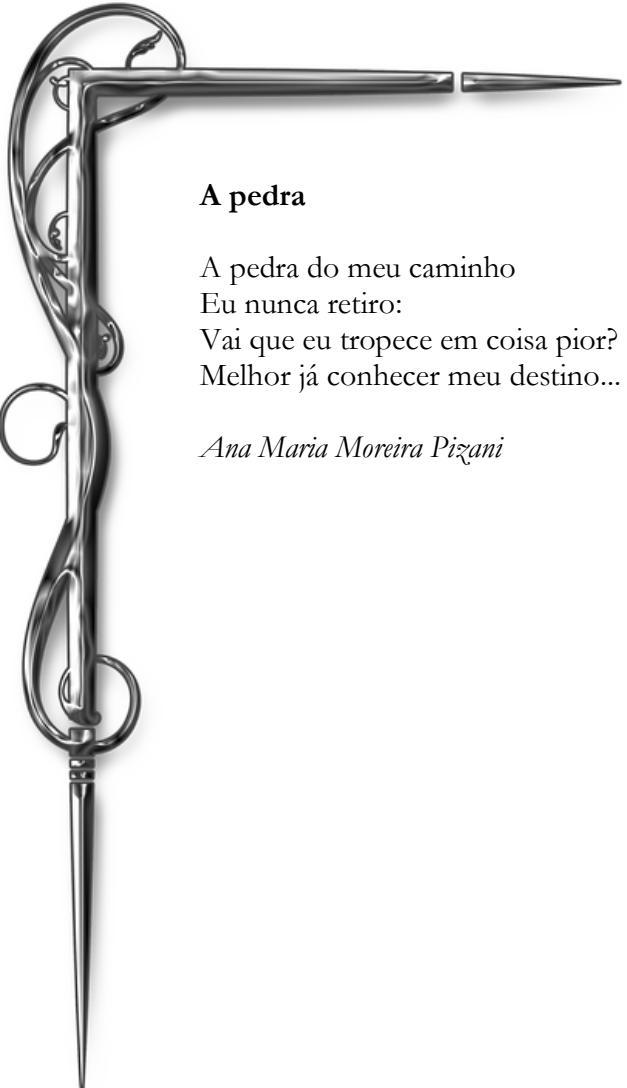
Bons poemas que falam

Era dia
6:15
Era tempo
O Agora
Era uma vez
Um soco histórico
Era: passado
Cheios de glórias
Era o medo
Devorado por vozes.

Ontem não éramos
Amanhã ainda não seremos
Isso era um poema
Agora será um erro?

Palavras mudam (quase tudo)
Palavras mudam (quase o mundo)
Mas somente os poemas
Os bons poemas
Falam.

Ana Maria Moreira Pizzani



A pedra

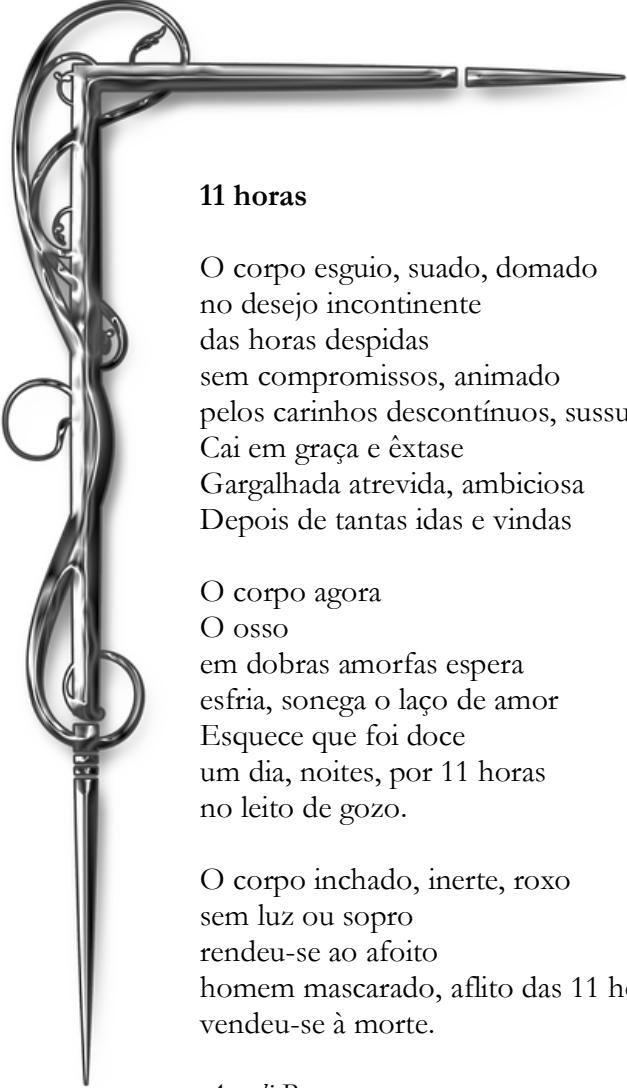
A pedra do meu caminho
Eu nunca retiro:
Vai que eu tropece em coisa pior?
Melhor já conhecer meu destino...

Ana Maria Moreira Pizani

ANA MARIA MOREIRA PIZANI

Nasci no interior de Minas Gerais numa pequena cidade chamada Corinto, onde desde muito cedo fui despertada para o hábito da leitura através do incentivo da minha mãe, Márcia, e da minha avó, Iolanda. Atualmente trabalho como professora de Língua Portuguesa, Redação e Literatura em uma escola da rede estadual de Minas Gerais, onde procuro despertar em meus alunos o interesse pela leitura. Sou amante dos livros, dos bons filmes e séries e acredito que o Amor e o Conhecimento ainda transformarão o mundo.





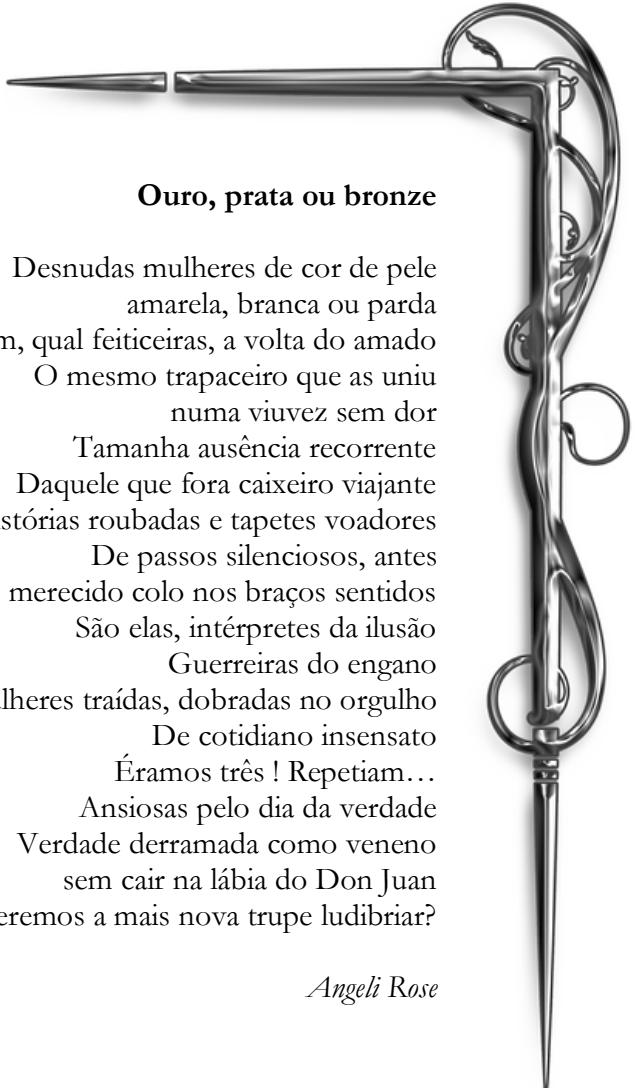
11 horas

O corpo esguio, suado, domado
no desejo incontinente
das horas despidas
sem compromissos, animado
pelos carinhos descontínuos, sussurrados
Cai em graça e êxtase
Gargalhada atrevida, ambiciosa
Depois de tantas idas e vindas

O corpo agora
O osso
em dobras amorfas espera
esfria, sonega o laço de amor
Esquece que foi doce
um dia, noites, por 11 horas
no leito de gozo.

O corpo inchado, inerte, roxo
sem luz ou sopro
rendeu-se ao afoito
homem mascarado, aflito das 11 horas,
vendeu-se à morte.

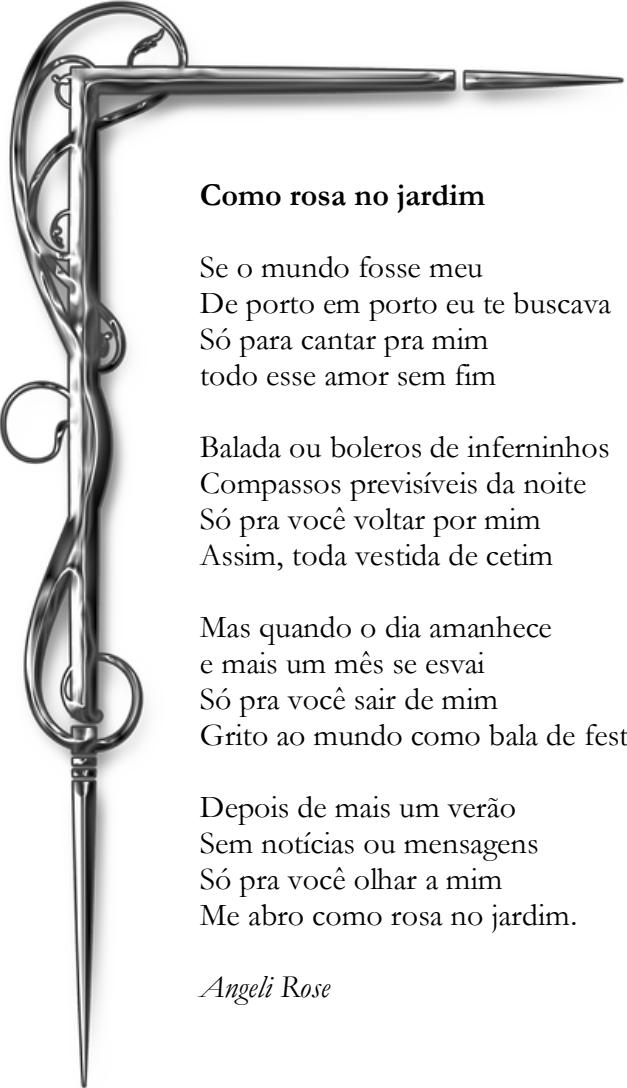
Angeli Rose



Ouro, prata ou bronze

Desnudas mulheres de cor de pele
amarela, branca ou parda
tramam, qual feiticeiras, a volta do amado
O mesmo trapaceiro que as uniu
numa viuvez sem dor
Tamanha ausência recorrente
Daquele que fora caixeleiro viajante
de histórias roubadas e tapetes voadores
De passos silenciosos, antes
do merecido colo nos braços sentidos
São elas, intérpretes da ilusão
Guerreiras do engano
Mulheres traídas, dobradas no orgulho
De cotidiano insensato
Éramos três ! Repetiam...
Ansiosas pelo dia da verdade
Verdade derramada como veneno
sem cair na lábia do Don Juan
Veremos a mais nova trupe ludibriar?

Angeli Rose



Como rosa no jardim

Se o mundo fosse meu
De porto em porto eu te buscava
Só para cantar pra mim
todo esse amor sem fim

Balada ou boleros de inferninhos
Compassos previsíveis da noite
Só pra você voltar por mim
Assim, toda vestida de cetim

Mas quando o dia amanhece
e mais um mês se esvai
Só pra você sair de mim
Grito ao mundo como bala de festim!

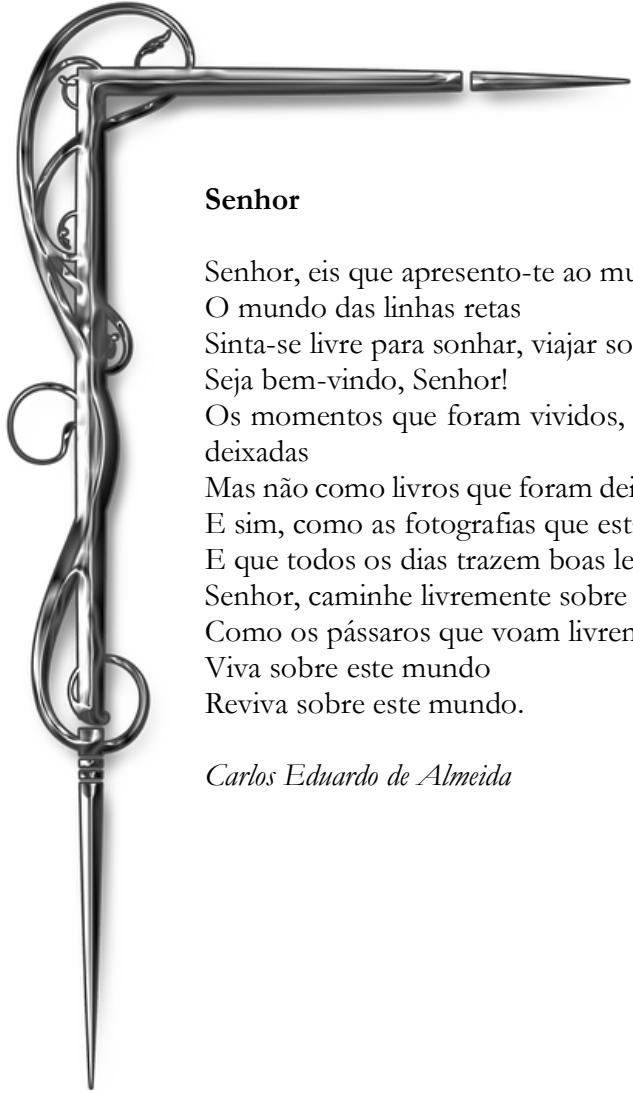
Depois de mais um verão
Sem notícias ou mensagens
Só pra você olhar a mim
Me abro como rosa no jardim.

Angeli Rose

ANGELI ROSE

É poeta, carioca, ativista cultural, pesquisadora, professora, escreve por profissão e insistência. Ph.D em Educação (UFRJ), Doutora em Letras (PUC-Rio). Escritora selecionada para diversas antologias nacionais e internacionais, autora de **BIOGRAFIA NÃO AUTORIZADA DE UMA MULHER PANCADA**, de 2 e-books acadêmicos pela editora Atenas, entre ensaios e artigos. Foi agraciada com diversos títulos honoríficos, com destaque para a medalha **MARIELLE FRANCO** (Literarte/Casa Olodum). É vice-presidente da ALB/Campos-RJ e membro de academias e associações de letras, ciências e artes.

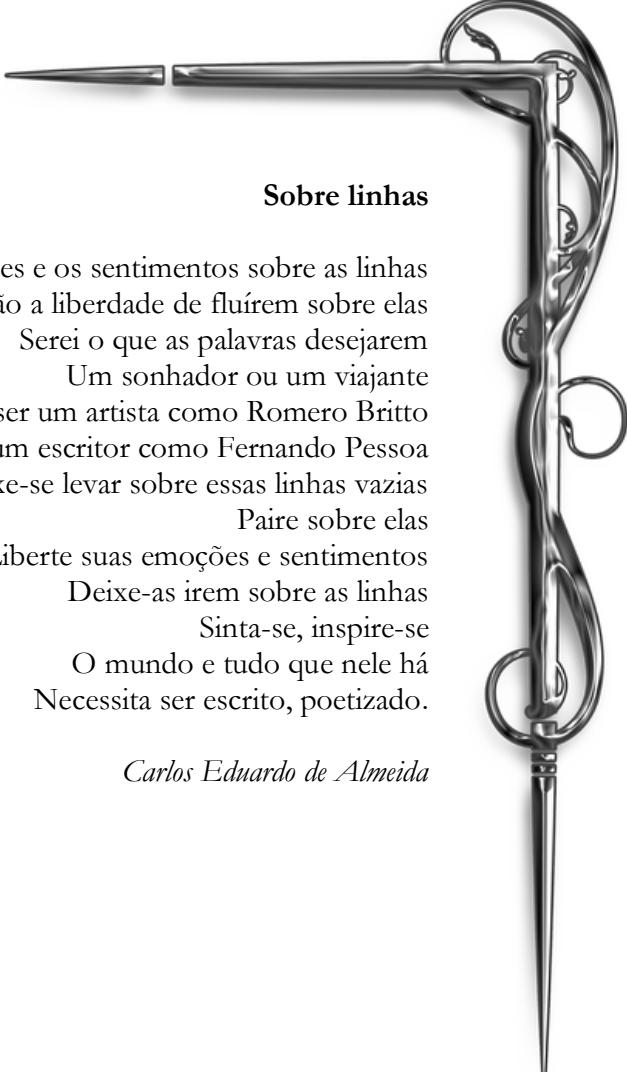




Senhor

Senhor, eis que apresento-te ao mundo
O mundo das linhas retas
Sinta-se livre para sonhar, viajar sobre elas
Seja bem-vindo, Senhor!
Os momentos que foram vividos, as lembranças que foram deixadas
Mas não como livros que foram deixados sobre as prateleiras
E sim, como as fotografias que estão guardadas
E que todos os dias trazem boas lembranças
Senhor, caminhe livremente sobre estas linhas retas
Como os pássaros que voam livremente sobre os céus
Viva sobre este mundo
Reviva sobre este mundo.

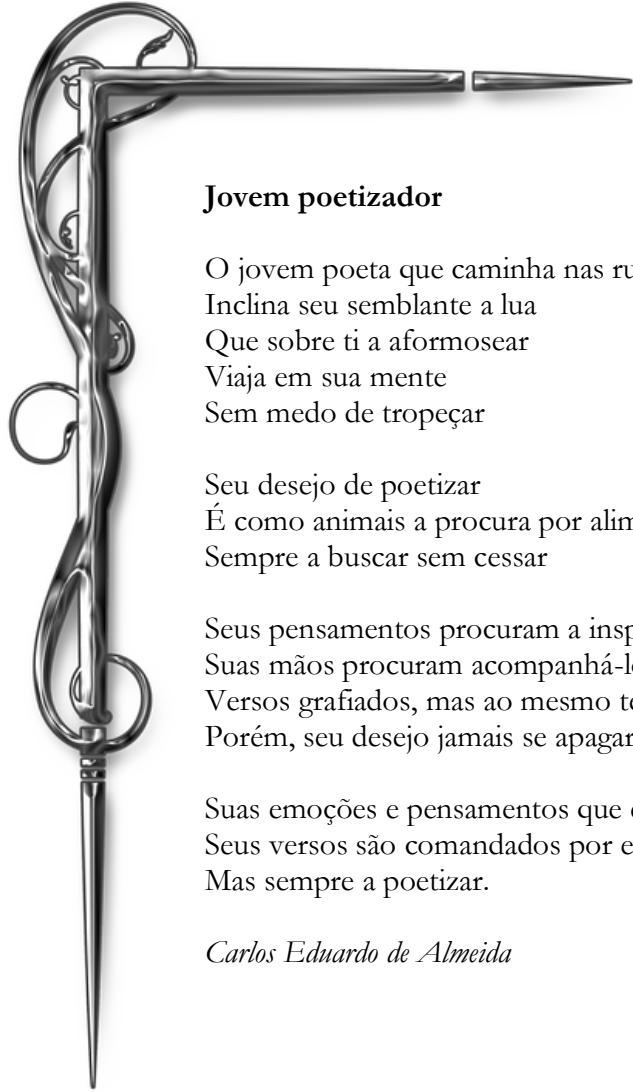
Carlos Eduardo de Almeida



Sobre linhas

As emoções e os sentimentos sobre as linhas
São a liberdade de fluírem sobre elas
Serei o que as palavras desejarem
Um sonhador ou um viajante
Posso ser um artista como Romero Britto
Ou até mesmo um escritor como Fernando Pessoa
Deixe-se levar sobre essas linhas vazias
Paire sobre elas
Liberte suas emoções e sentimentos
Deixe-as irem sobre as linhas
Sinta-se, inspire-se
O mundo e tudo que nele há
Necessita ser escrito, poetizado.

Carlos Eduardo de Almeida



Jovem poetizador

O jovem poeta que caminha nas ruas a noite
Inclina seu semblante a lua
Que sobre ti a aformosear
Viaja em sua mente
Sem medo de tropeçar

Seu desejo de poetizar
É como animais a procura por alimento
Sempre a buscar sem cessar

Seus pensamentos procuram a inspiração
Suas mãos procuram acompanhá-los
Versos grafiados, mas ao mesmo tempo apagados
Porém, seu desejo jamais se apagará

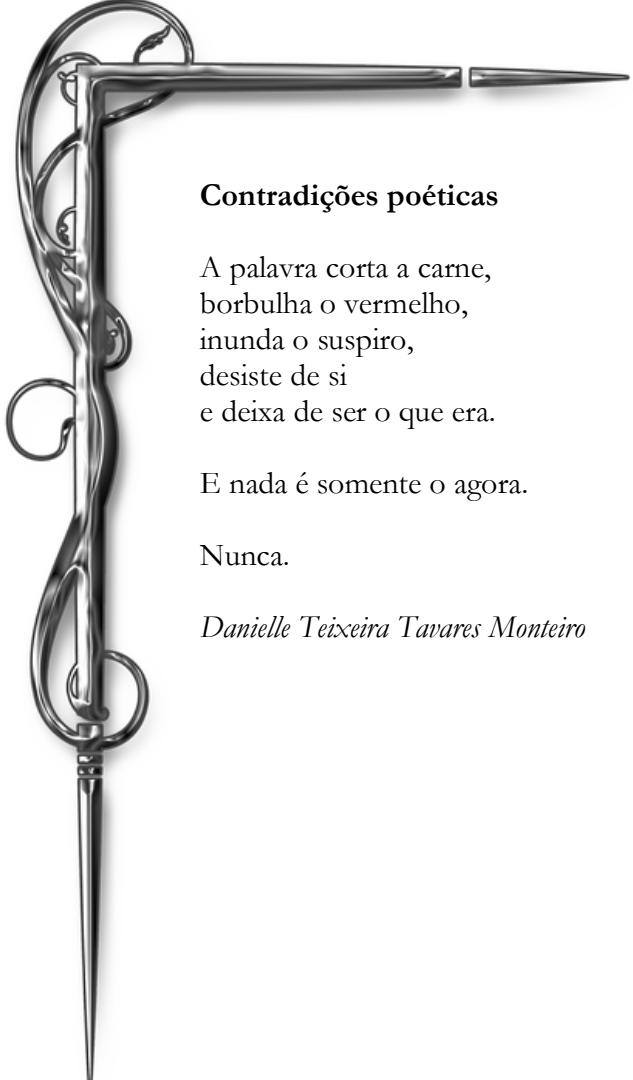
Suas emoções e pensamentos que escrevem
Seus versos são comandados por elas
Mas sempre a poetizar.

Carlos Eduardo de Almeida

CARLOS EDUARDO DE ALMEIDA

20 anos, morador santa-cruzense da cidade de Santa Cruz do Rio Pardo no interior de São Paulo. Começou a se maravilhar pelo mundo das poesias e haicais com 16 anos em 2016 ainda no ensino médio, com sonho de algum dia que suas poesias e haicais fossem publicadas e lidas por todos, contudo deixou que o pessimismo levasse suas autorias em 2018, recomeçando do zero após dois anos sem escrever. Apaixonado pelo mundo da matemática, cativo por literatura de investigação criminal de Agatha Christie e poesias e haicais das mais variáveis tipologias, se jogou no mundo das palavras, como o próprio diz: “Serei e farei aquilo que as palavras quiserem que eu seja e faça”.





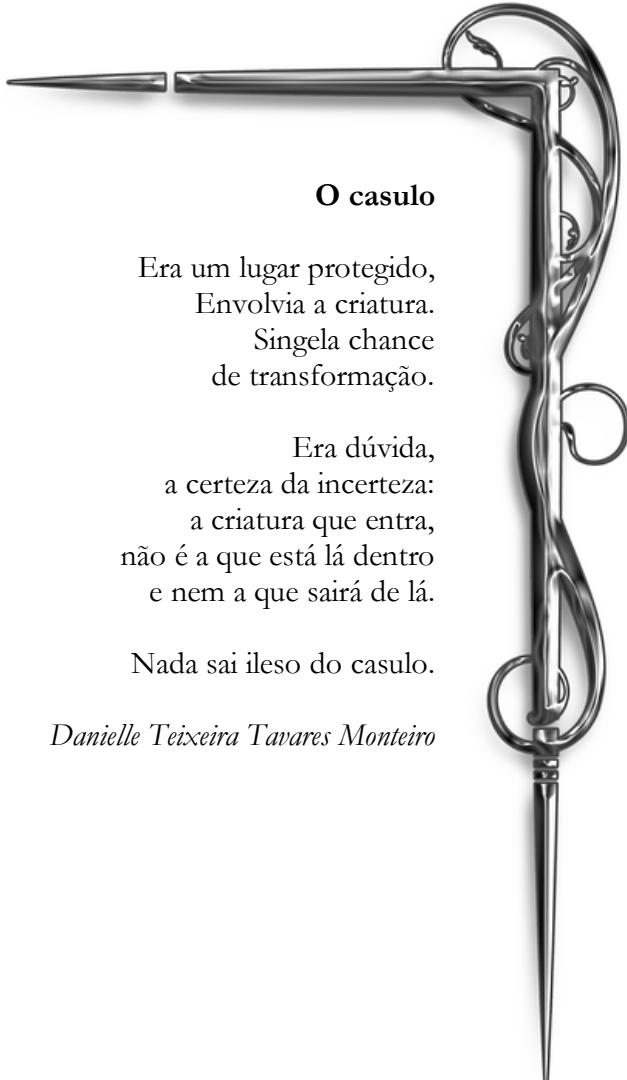
Contradições poéticas

A palavra corta a carne,
borbulha o vermelho,
inunda o suspiro,
desiste de si
e deixa de ser o que era.

E nada é somente o agora.

Nunca.

Danielle Teixeira Tavares Monteiro



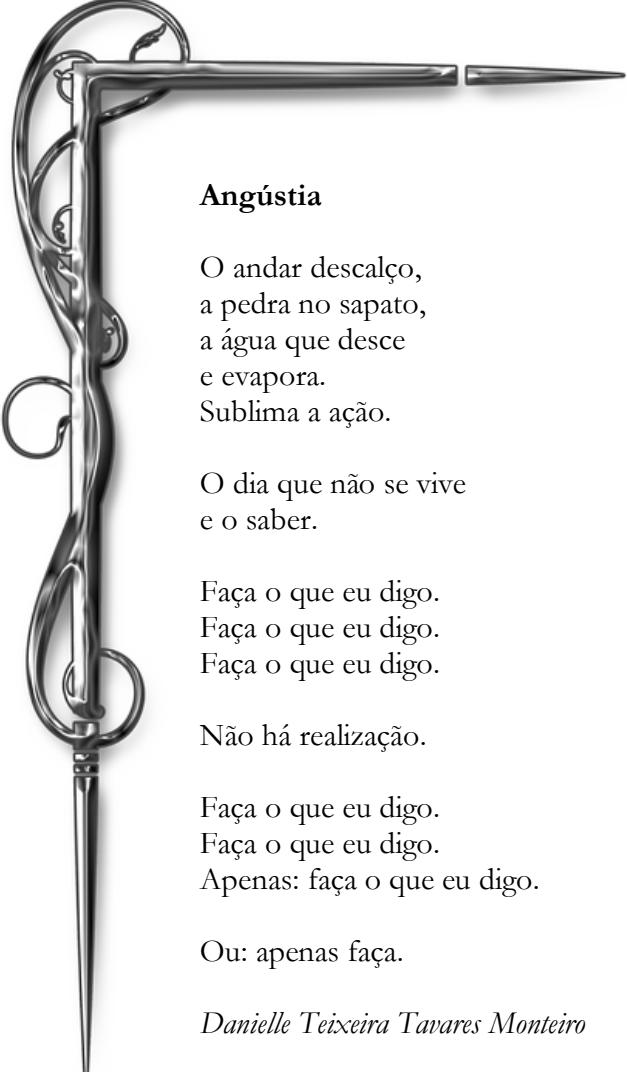
O casulo

Era um lugar protegido,
Envolvia a criatura.
Singela chance
de transformação.

Era dúvida,
a certeza da incerteza:
a criatura que entra,
não é a que está lá dentro
e nem a que sairá de lá.

Nada sai ileso do casulo.

Danielle Teixeira Tavares Monteiro



Angústia

O andar descalço,
a pedra no sapato,
a água que desce
e evapora.
Sublima a ação.

O dia que não se vive
e o saber.

Faça o que eu digo.
Faça o que eu digo.
Faça o que eu digo.

Não há realização.

Faça o que eu digo.
Faça o que eu digo.
Apenas: faça o que eu digo.

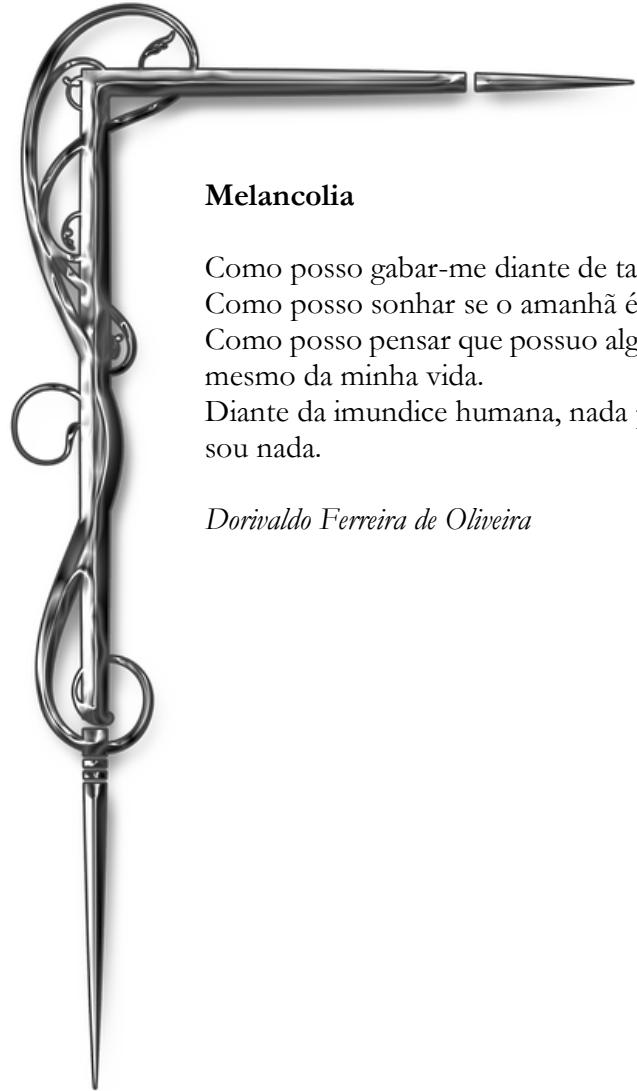
Ou: apenas faça.

Danielle Teixeira Tavares Monteiro

DANIELLE TEIXEIRA TAVARES MONTEIRO

Danielle, mãe de Agnes e esposa de Jesus Alexandre; assistente Social de formação, psicanalista, mestre e doutora em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais e pela Universidade de Coimbra, Portugal; pesquisadora no grupo de pesquisa Psicologia, Trabalho e Processos Psicossociais (PUC Minas – CNPQ) e servidora pública da Assembleia Legislativa do Estado de Minas Gerais (ALMG). Envolvi-me com a arte através da escrita e da dança e, atualmente desenvolvo trabalhos que relacionam psicanálise e processos artísticos no Instituto Kinesis – dança, expressão, artes. Sou idealizadora do blog Imersão, no qual apresento meus textos e expresso as manifestações de um olhar que olha. Em 2020, publiquei meu primeiro livro de poesias Avesso.

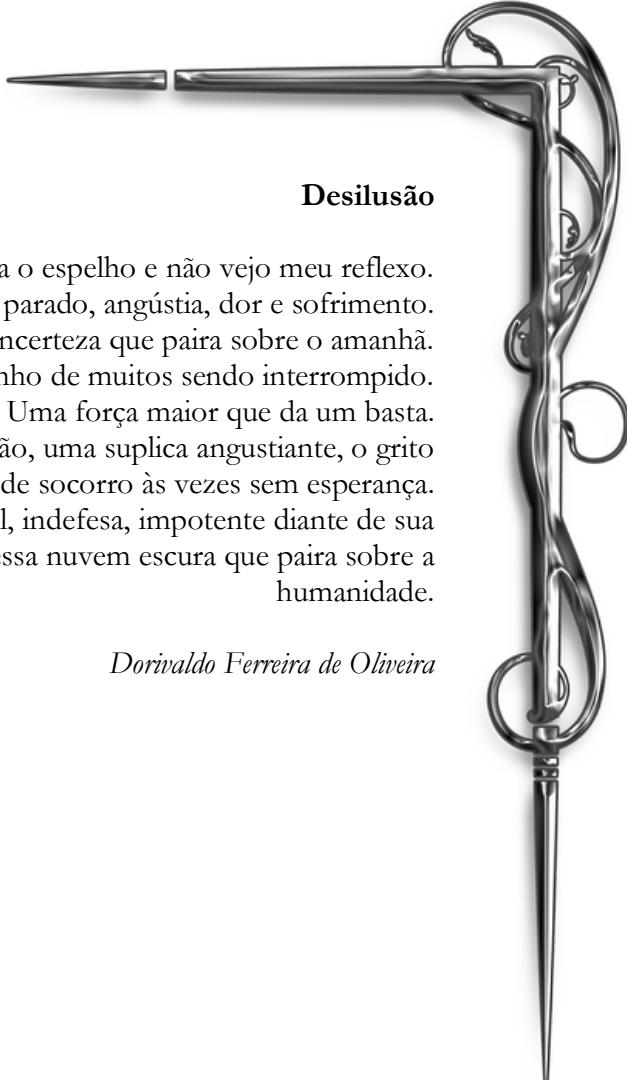




Melancolia

Como posso gabar-me diante de tal fragilidade.
Como posso sonhar se o amanhã é incerto.
Como posso pensar que possuo algo se não sou senhor nem
mesmo da minha vida.
Diante da imundice humana, nada posso fazer. Sou matéria,
sou nada.

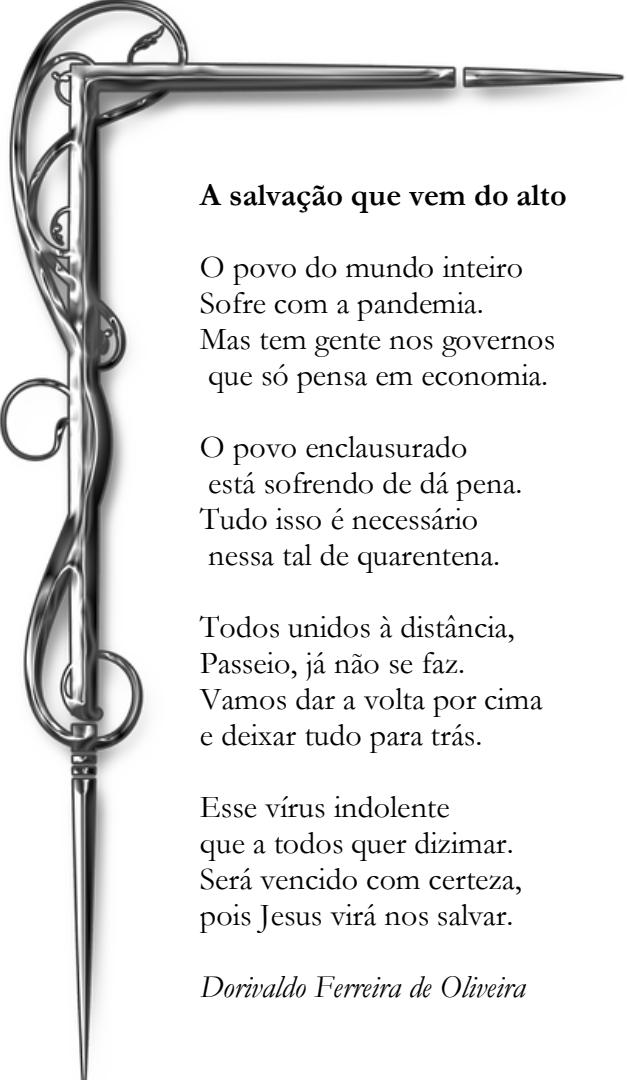
Dorivaldo Ferreira de Oliveira



Desilusão

Olho para o espelho e não vejo meu reflexo.
Só vejo o tempo parado, angústia, dor e sofrimento.
Vejo a dúvida e a incerteza que paira sobre o amanhã.
Vejo o sonho de muitos sendo interrompido.
Uma força maior que da um basta.
O que vejo é a devastação, uma suplica angustiante, o grito
de socorro às vezes sem esperança.
Vejo a humanidade frágil, indefesa, impotente diante de sua
ignorância, e uma espessa nuvem escura que paira sobre a
humanidade.

Dorivaldo Ferreira de Oliveira



A salvação que vem do alto

O povo do mundo inteiro
Sofre com a pandemia.
Mas tem gente nos governos
que só pensa em economia.

O povo enclausurado
está sofrendo de díxa pena.
Tudo isso é necessário
nessa tal de quarentena.

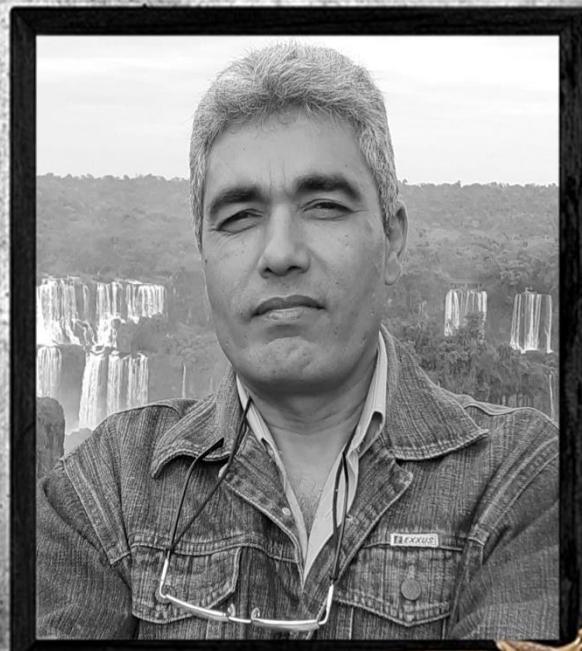
Todos unidos à distância,
Passeio, já não se faz.
Vamos dar a volta por cima
e deixar tudo para trás.

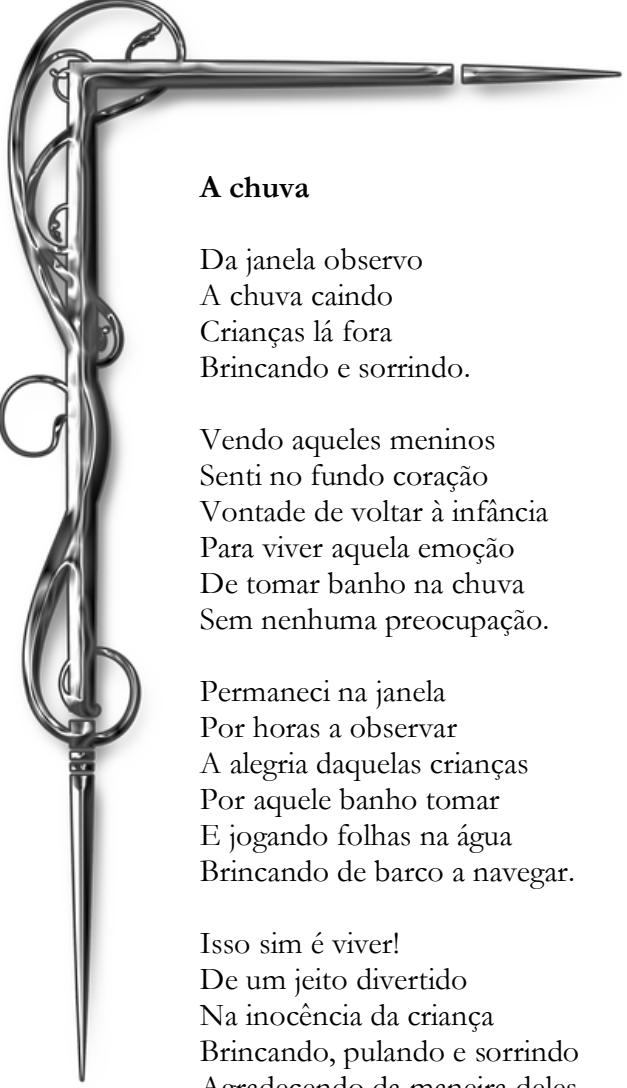
Esse vírus indolente
que a todos quer dizimar.
Será vencido com certeza,
pois Jesus virá nos salvar.

Dorivaldo Ferreira de Oliveira

DORIVALDO FERREIRA DE OLIVEIRA

Professor de Geografia. Casado, pai de dois filhos, nascido em Jaboti/Paraná. Morador de Chavantes, São Paulo. Licenciado em pedagogia e Geografia. Pós-graduado em Educação Especial, História e Geografia, Educação Infantil e Psicopedagogia Institucional. Autor de “A PEDRA DE MÁRMORE”. Livro publicado em 2018. “A PEDRA DE DIAMANTE”. Livro publicado em 2019. Participação em mais de quinze antologias, e co-organizador de um projeto escolar que resultou no lançamento do livro “SEMEANDO SONHOS”.





A chuva

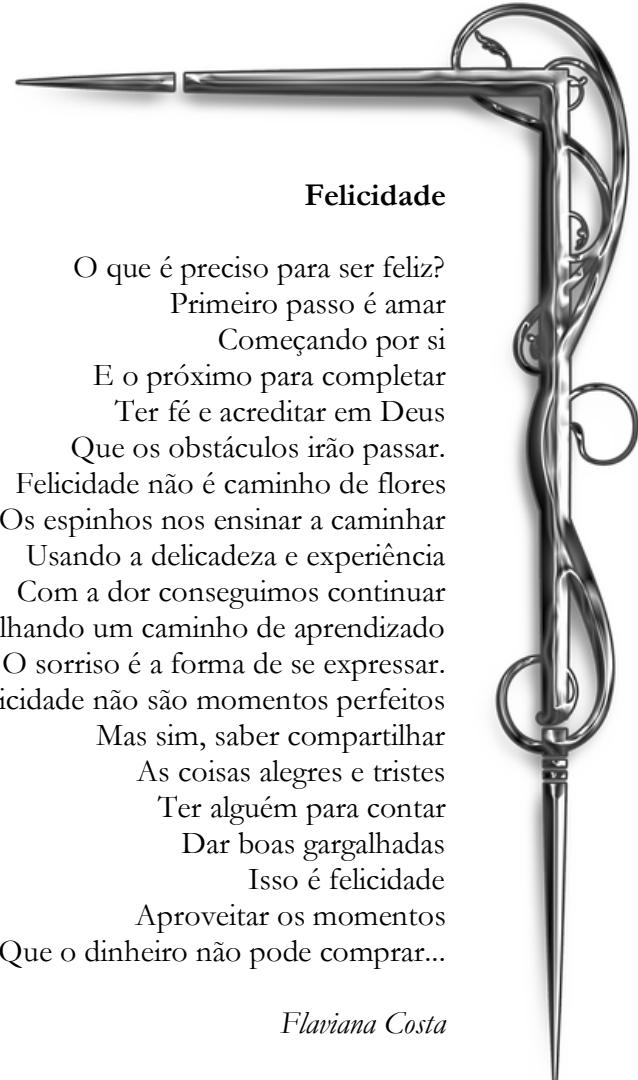
Da janela observo
A chuva caindo
Crianças lá fora
Brincando e sorrindo.

Vendo aqueles meninos
Senti no fundo coração
Vontade de voltar à infância
Para viver aquela emoção
De tomar banho na chuva
Sem nenhuma preocupação.

Permaneci na janela
Por horas a observar
A alegria daquelas crianças
Por aquele banho tomar
E jogando folhas na água
Brincando de barco a navegar.

Isso sim é viver!
De um jeito divertido
Na inocência da criança
Brincando, pulando e sorrindo
Agradecendo da maneira deles
A chuva que está caindo...

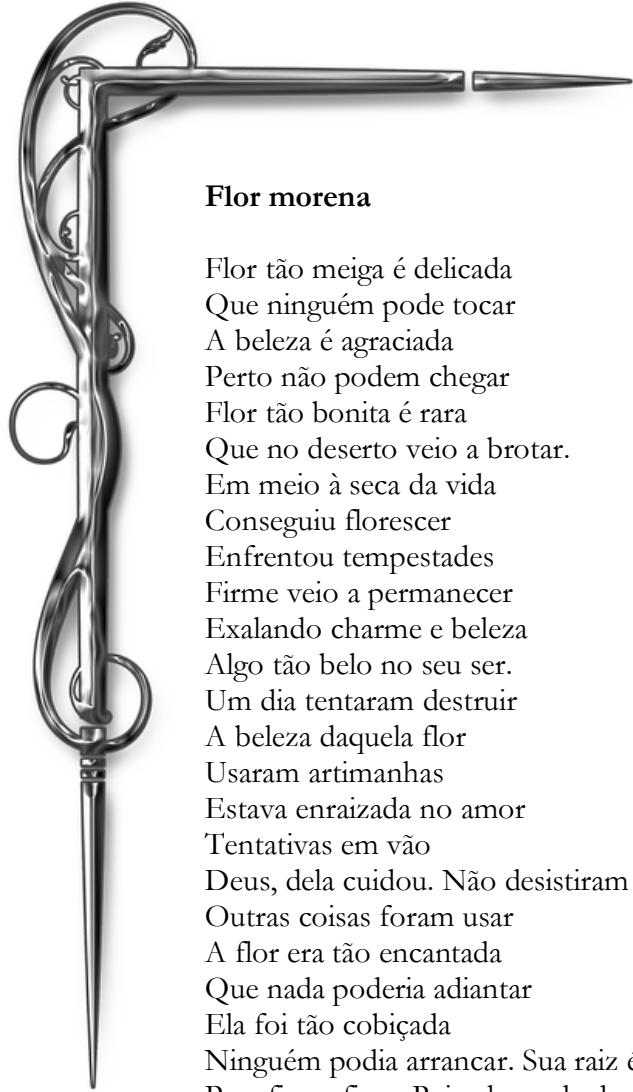
Flaviana Costa



Felicidade

O que é preciso para ser feliz?
Primeiro passo é amar
Começando por si
E o próximo para completar
Ter fé e acreditar em Deus
Que os obstáculos irão passar.
Felicidade não é caminho de flores
Os espinhos nos ensinar a caminhar
Usando a delicadeza e experiência
Com a dor conseguimos continuar
Trilhando um caminho de aprendizado
O sorriso é a forma de se expressar.
Felicidade não são momentos perfeitos
Mas sim, saber compartilhar
As coisas alegres e tristes
Ter alguém para contar
Dar boas gargalhadas
Isso é felicidade
Aproveitar os momentos
Que o dinheiro não pode comprar...

Flaviana Costa



Flor morena

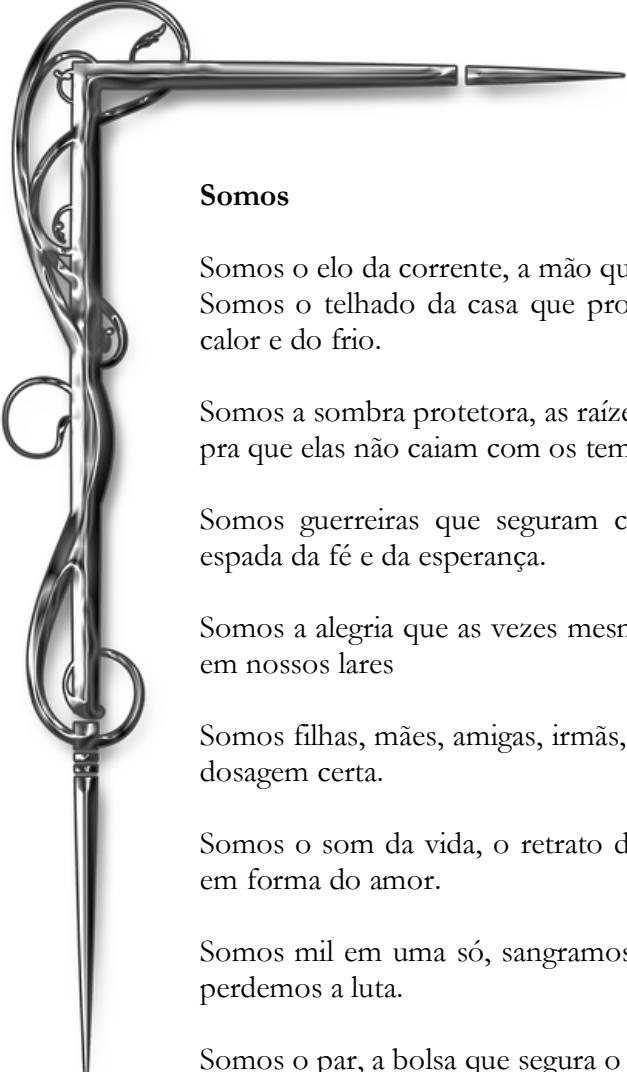
Flor tão meiga é delicada
Que ninguém pode tocar
A beleza é agraciada
Perto não podem chegar
Flor tão bonita é rara
Que no deserto veio a brotar.
Em meio à seca da vida
Conseguiu florescer
Enfrentou tempestades
Firme veio a permanecer
Exalando charme e beleza
Algo tão belo no seu ser.
Um dia tentaram destruir
A beleza daquela flor
Usaram artimanhas
Estava enraizada no amor
Tentativas em vão
Deus, dela cuidou. Não desistiram da batalha
Outras coisas foram usar
A flor era tão encantada
Que nada poderia adiantar
Ela foi tão cobiçada
Ninguém podia arrancar. Sua raiz é que sustenta
Para firme ficar. Raiz chamada de amor
Não podem imaginar
A força dessa energia
Que faz continuar
Brilhando e encantando
Permanecendo forte neste lugar.

Flaviana Costa

FLAVIANA DA COSTA LOURENÇO

Natural de Santana do Ipanema-AL, filha de uma agricultora e o caminhoneiro, nascida no dia 25 de setembro de 1989. Dentre sete irmãos, foi a única a concluir os estudos. Em 2009 formou-se como professora no “Antigo Magistério”, ingressou no nível superior, nos cursos de Licenciatura em Pedagogia pela (UNEAL), e Licenciatura em Matemática pelo (IFPE). É pós-graduada em Psicopedagogia pelo (Instituto Pró Saber - BA). Atuou como professora na rede municipal, estadual e particular de ensino. Têm obras literárias publicadas em antologias, participações e classificações em concursos literários, é acadêmica correspondente da Academia Internacional ALPAS 21.





Somos

Somos o elo da corrente, a mão que balança o mundo.
Somos o telhado da casa que protege os nossos filhos do calor e do frio.

Somos a sombra protetora, as raízes que seguram as árvores pra que elas não caiam com os temporais.

Somos guerreiras que seguram com as mãos calejadas a espada da fé e da esperança.

Somos a alegria que as vezes mesmo triste mantemos a paz em nossos lares

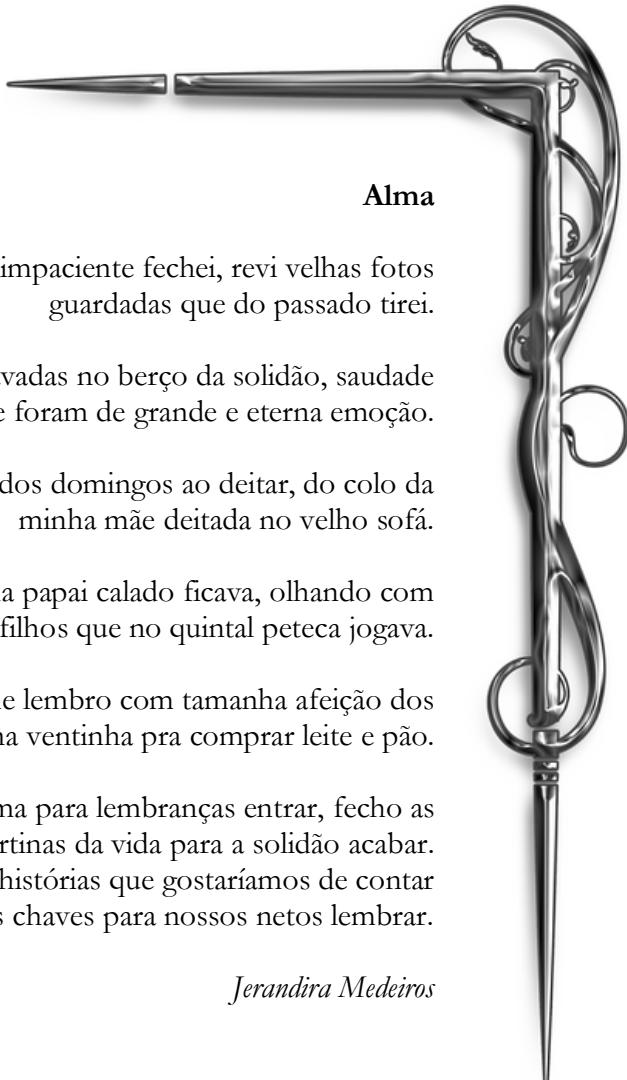
Somos filhas, mães, amigas, irmãs, o vinho bom tomado na dosagem certa.

Somos o som da vida, o retrato da paixão, a compreensão em forma do amor.

Somos mil em uma só, sangramos por dentro, mais jamais perdemos a luta.

Somos o par, a bolsa que segura o peso da família
Enfim somos mulheres que enfeita o homem.

Jerandira Medeiros



Alma

Abri a janela da alma impaciente fechei, revi velhas fotos
guardadas que do passado tirei.

Lembranças outrora gravadas no berço da solidão, saudade
do tempo que foram de grande e eterna emoção.

No retrato da família, dos domingos ao deitar, do colo da
minha mãe deitada no velho sofá.

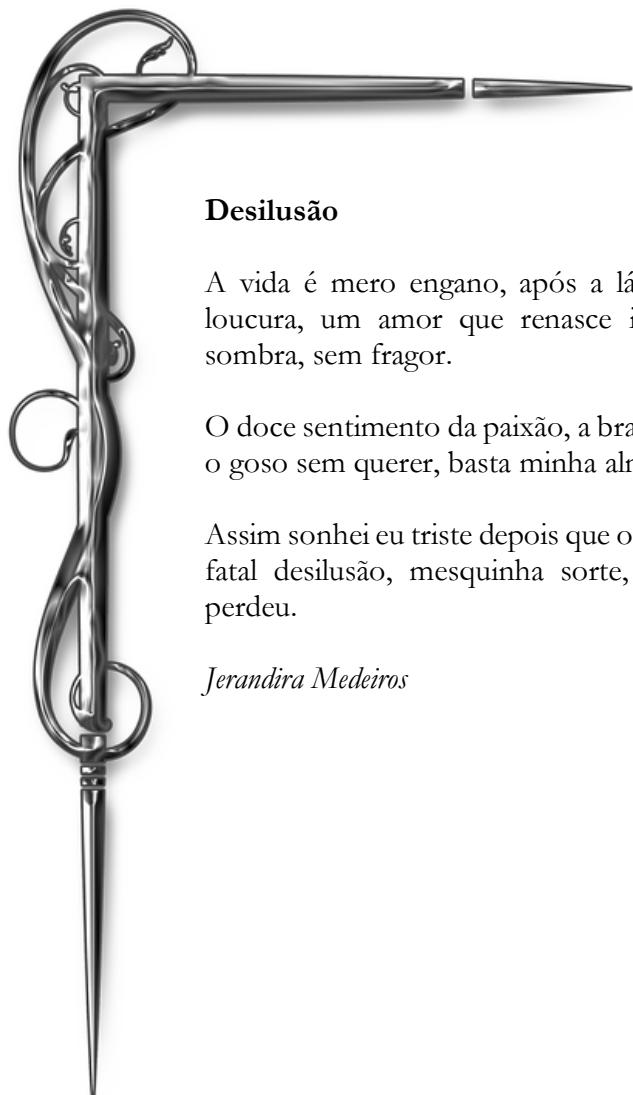
No cantinho da cozinha papai calado ficava, olhando com
ternura para os filhos que no quintal peteca jogava.

Dos meus irmãos eu me lembro com tamanha afeição dos
passeios na ventinha pra comprar leite e pão.

Abri a janela da alma para lembranças entrar, fecho as
cortinas da vida para a solidão acabar.

Todos nós temos histórias que gostaríamos de contar
guardadas com várias chaves para nossos netos lembrar.

Jerandira Medeiros



Desilusão

A vida é mero engano, após a lágrima e a dor, purgente loucura, um amor que renasce insana , sem nada, sem sombra, sem fragor.

O doce sentimento da paixão, a brasa o peito sem esperança, o goso sem querer, basta minha alma seu sofrer.

Assim sonhei eu triste depois que o amor que eu amei desfez, fatal desilusão, mesquinha sorte, do breve amor que se perdeu.

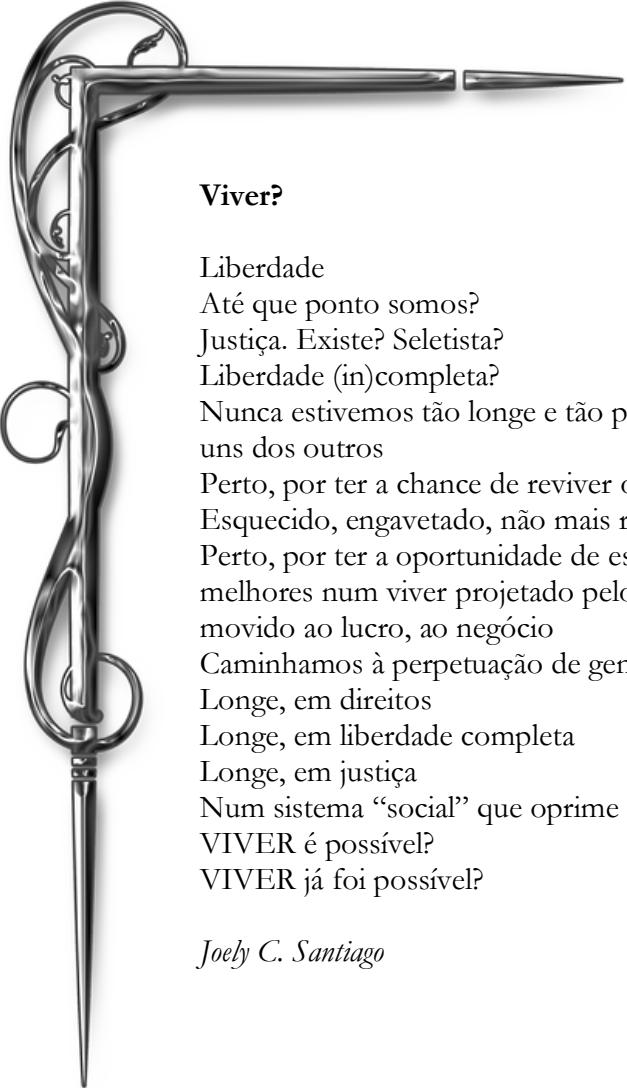
Jerandira Medeiros

JERANDIRA PIRES DE PONTES MEDEIROS

Sarapuí – SP. Nasci em uma pequena cidade chamada Cajati, nos meus primeiros anos de vida morei em um bairro chamado Capitão Brás, que por coincidência foi meu bisavô que fundou.

Sou casada, mãe de quatro filhos e avó de duas netas, sou artesã, contadora de histórias, fabrico peças para cofre de segurança, poetisa, escritora, participo do clube dos livros e faço projetos.





Viver?

Liberdade

Até que ponto somos?

Justiça. Existe? Seletista?

Liberdade (in)completa?

Nunca estivemos tão longe e tão perto ao mesmo tempo,
uns dos outros

Perto, por ter a chance de reviver o “eu te amo”

Esquecido, engavetado, não mais regado

Perto, por ter a oportunidade de esperançar e imaginar dias
melhores num viver projetado pelo ser mortal, racional,
movido ao lucro, ao negócio

Caminhamos à perpetuação de genocídios

Longe, em direitos

Longe, em liberdade completa

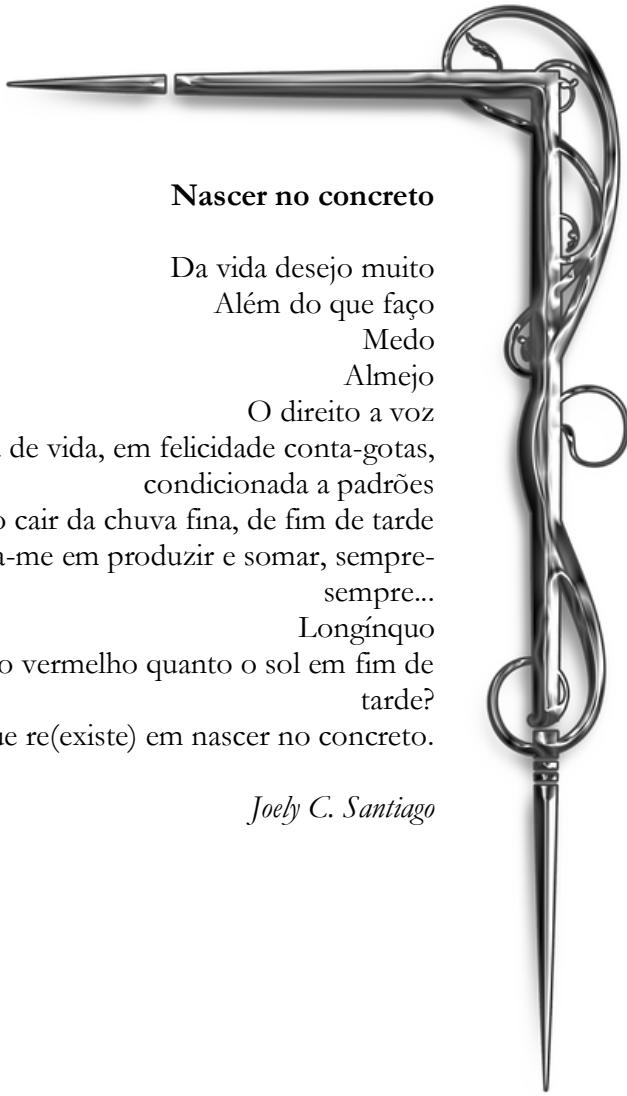
Longe, em justiça

Num sistema “social” que opprime e mata, diariamente

VIVER é possível?

VIVER já foi possível?

Joely C. Santiago



Nascer no concreto

Da vida desejo muito
Além do que faço
Medo
Almejo

O direito a voz

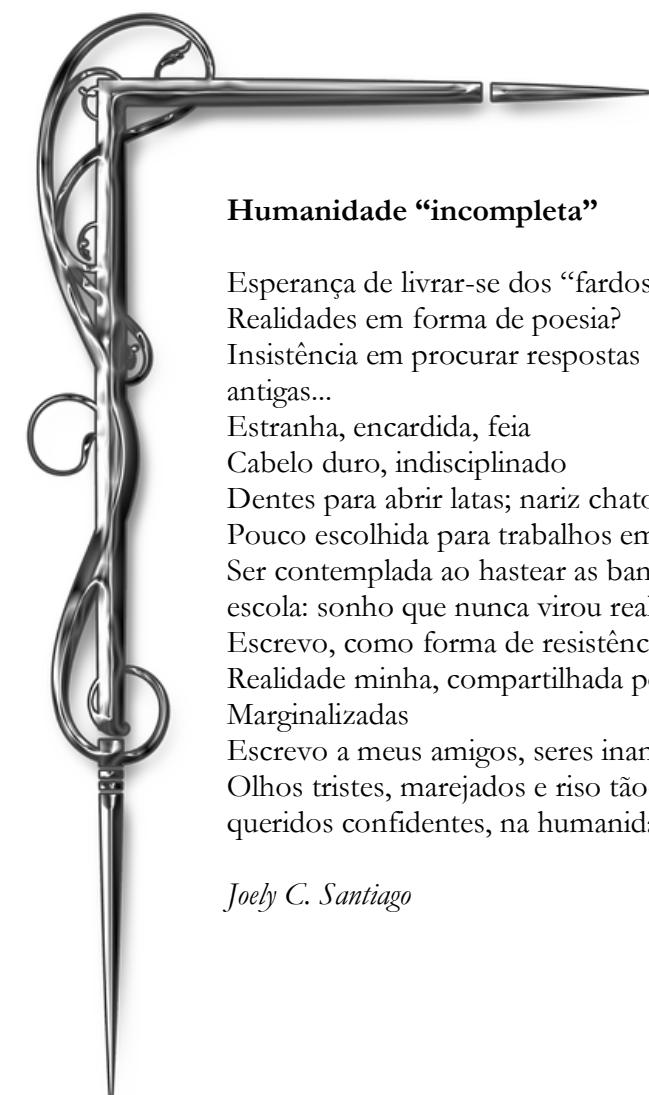
Na insistência de vida, em felicidade conta-gotas,
condicionada a padrões

Inquieto-me com o cair da chuva fina, de fim de tarde
O grito surdo acorrenta-me em produzir e somar, sempre-
sempre...

Longínquo
Haveria vermelho tão vermelho quanto o sol em fim de
tarde?

Resisto, como raiz que re(existe) em nascer no concreto.

Joely C. Santiago



Humanidade “incompleta”

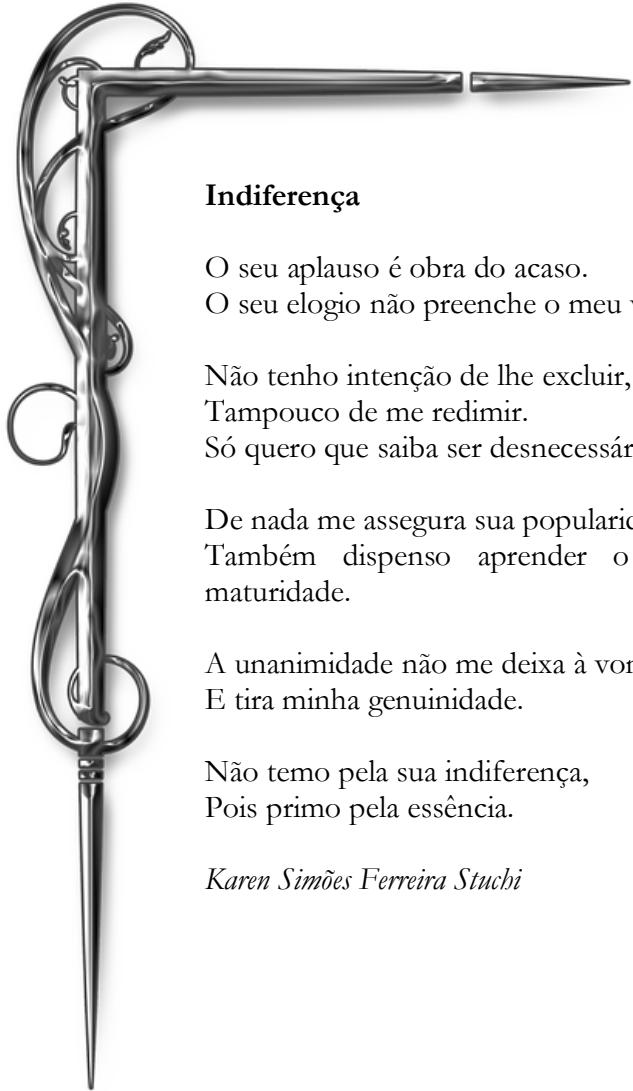
Esperança de livrar-se dos “fardos” da cor
Realidades em forma de poesia?
Insistência em procurar respostas às inquietações antigas-
antigas...
Estranha, encardida, feia
Cabelo duro, indisciplinado
Dentes para abrir latas; nariz chato
Pouco escolhida para trabalhos em grupo
Ser contemplada ao hastear as bandeiras, nos tempos de
escola: sonho que nunca virou realidade!
Escrevo, como forma de resistência, de denúncia, talvez...
Realidade minha, compartilhada por muitas pessoas de cor
Marginalizadas
Escrevo a meus amigos, seres inanimados
Olhos tristes, marejados e riso tão-tão raro, velhos e
queridos confidentes, na humanidade “incompleta”.

Joely C. Santiago

JOELY C. SANTIAGO

Remanescente da Comunidade Quilombola de
Pedras Negras, no Vale do Guaporé (RO).





Indiferença

O seu aplauso é obra do acaso.
O seu elogio não preenche o meu vazio.

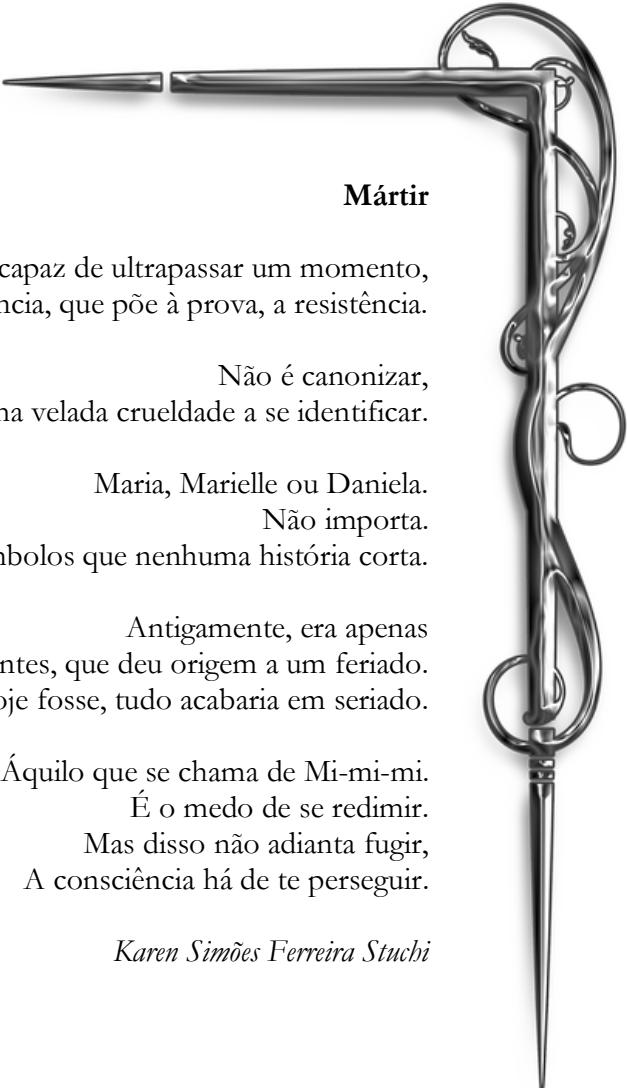
Não tenho intenção de lhe excluir,
Tampouco de me redimir.
Só quero que saiba ser desnecessário me incluir.

De nada me assegura sua popularidade,
Também dispenso aprender o que você chama de
maturidade.

A unanimidade não me deixa à vontade.
E tira minha genuinidade.

Não temo pela sua indiferença,
Pois primo pela essência.

Karen Simões Ferreira Stuchi



Mártir

Um sofrimento, capaz de ultrapassar um momento,
Uma consequência, que põe à prova, a resistência.

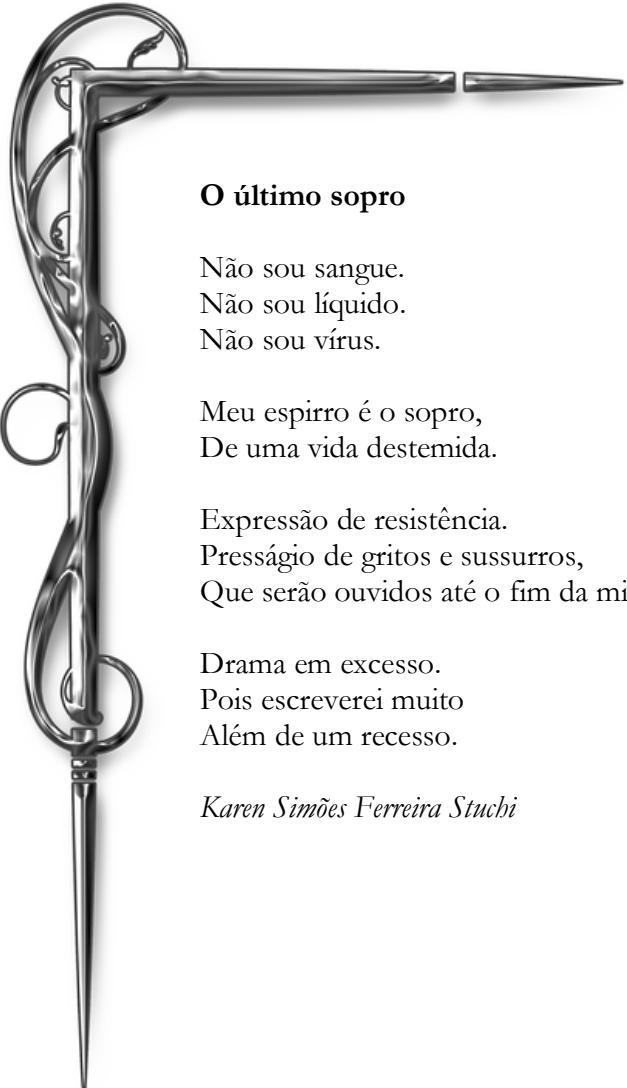
Não é canonizar,
Mas sim uma velada crueldade a se identificar.

Maria, Marielle ou Daniela.
Não importa.
Serão símbolos que nenhuma história corta.

Antigamente, era apenas
Tiradentes, que deu origem a um feriado.
Se hoje fosse, tudo acabaria em seriado.

Áquilo que se chama de Mi-mi-mi.
É o medo de se redimir.
Mas disso não adianta fugir,
A consciência há de te perseguir.

Karen Simões Ferreira Stuchi



O último sopro

Não sou sangue.
Não sou líquido.
Não sou vírus.

Meu espirro é o sopro,
De uma vida destemida.

Expressão de resistência.
Presságio de gritos e sussurros,
Que serão ouvidos até o fim da minha existência.

Drama em excesso.
Pois escreverei muito
Além de um recesso.

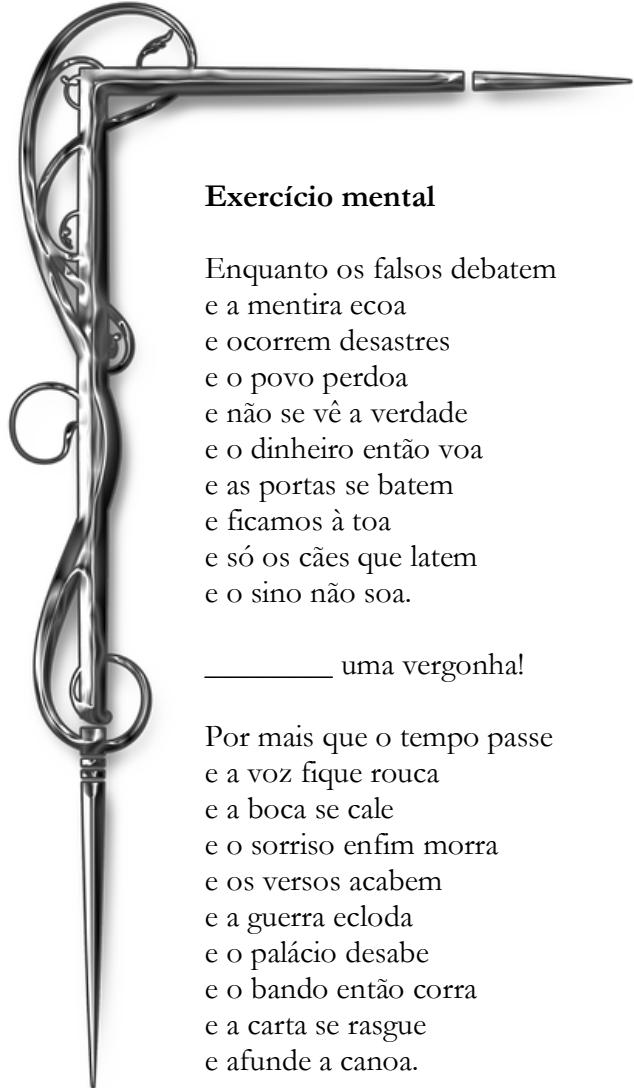
Karen Simões Ferreira Stuchi

KAREN SIMÕES FERREIRA STUCHI

Advogada do Instituto de Meio- Ambiente de Santa Catarina (IMA/SC). Natural de Catanduva, interior de São Paulo. Apaixonada por dramaturgia e poesia. É atriz amadora.

Escreve poemas, mas apenas publica lhes em rede social, embora tenha vontade de escrever um livro.





Exercício mental

Enquanto os falsos debatem
e a mentira ecoa
e ocorrem desastres
e o povo perdoa
e não se vê a verdade
e o dinheiro então voa
e as portas se batem
e ficamos à toa
e só os cães que latem
e o sino não soa.

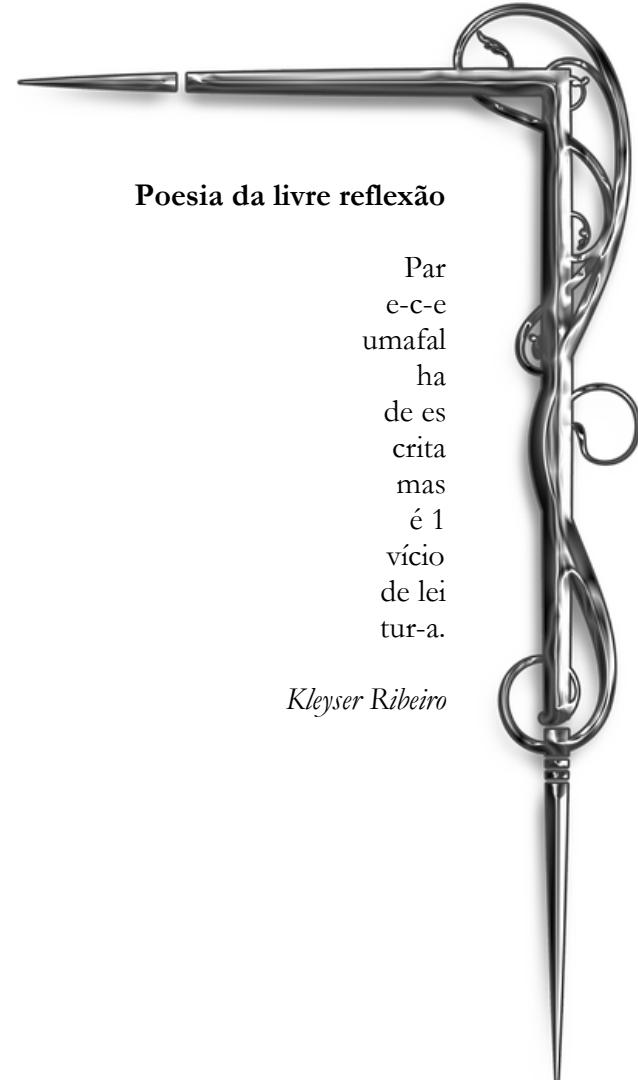
_____ uma vergonha!

Por mais que o tempo passe
e a voz fique rouca
e a boca se cale
e o sorriso enfim morra
e os versos acabem
e a guerra ecloda
e o palácio desabe
e o bando então corra
e a carta se rasgue
e afunde a canoa.

_____ uma vergonha!

Só não me culpe
por suas próprias conclusões.

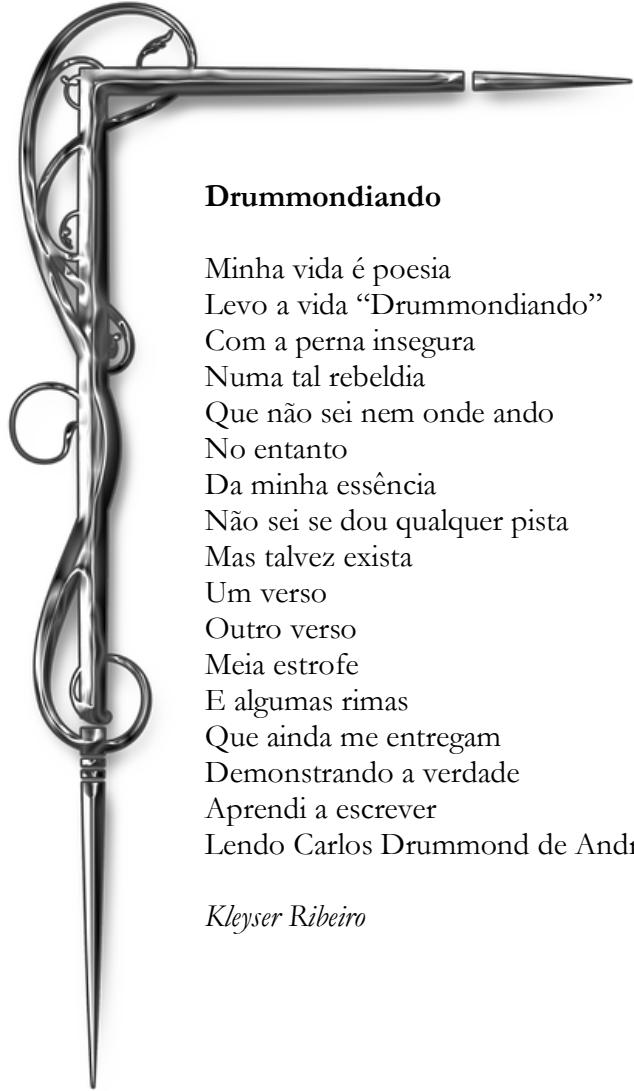
Kleyser Ribeiro



Poesia da livre reflexão

Par
e-c-e
uma fal
ha
de es
crica
mas
é 1
vício
de lei
tur-a.

Kleyser Ribeiro



Drummondiando

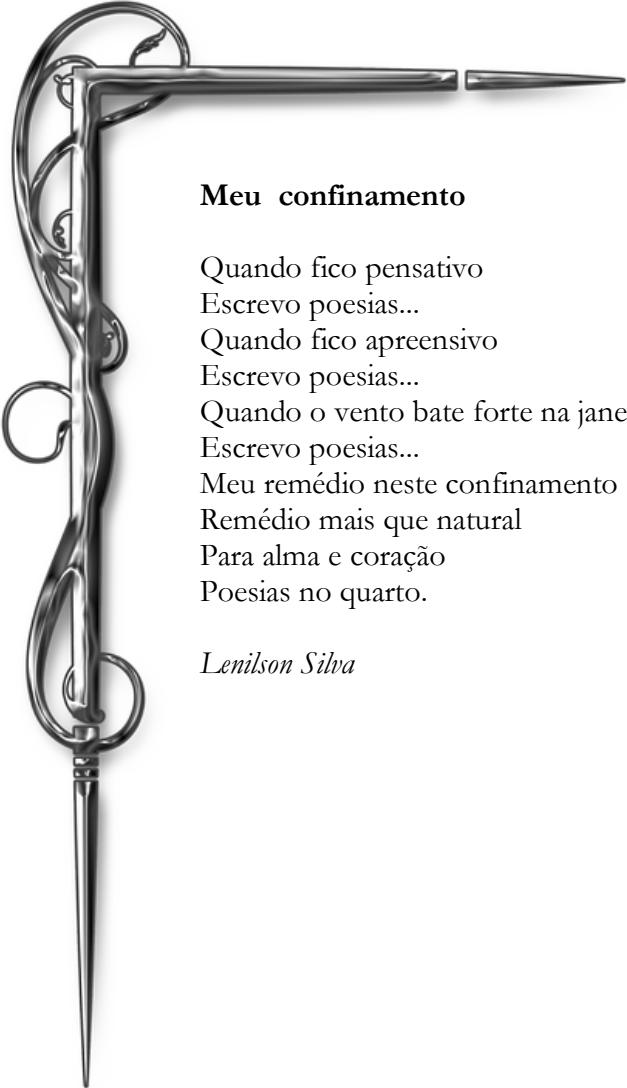
Minha vida é poesia
Levo a vida “Drummondiando”
Com a perna insegura
Numa tal rebeldia
Que não sei nem onde ando
No entanto
Da minha essência
Não sei se dou qualquer pista
Mas talvez exista
Um verso
Outro verso
Meia estrofe
E algumas rimas
Que ainda me entregam
Demonstrando a verdade
Aprendi a escrever
Lendo Carlos Drummond de Andrade

Kleyser Ribeiro

KLEYSER RIBEIRO.

Kleyser Ribeiro é professor, escritor, contista, poeta, engenheiro civil e corretor de imóveis. Nasceu na pequena cidade de Imaruí, na região sul de Santa Catarina. Cresceu em Joinville, na região norte do estado. Morou também em Florianópolis. Atuou como professor substituto na Universidade Federal de Santa Catarina. Tornou-se professor efetivo na Universidade do Estado de Santa Catarina. Reside em Laguna, no litoral sul, onde iniciou a carreira literária. Possui publicações em livros de várias editoras.





Meu confinamento

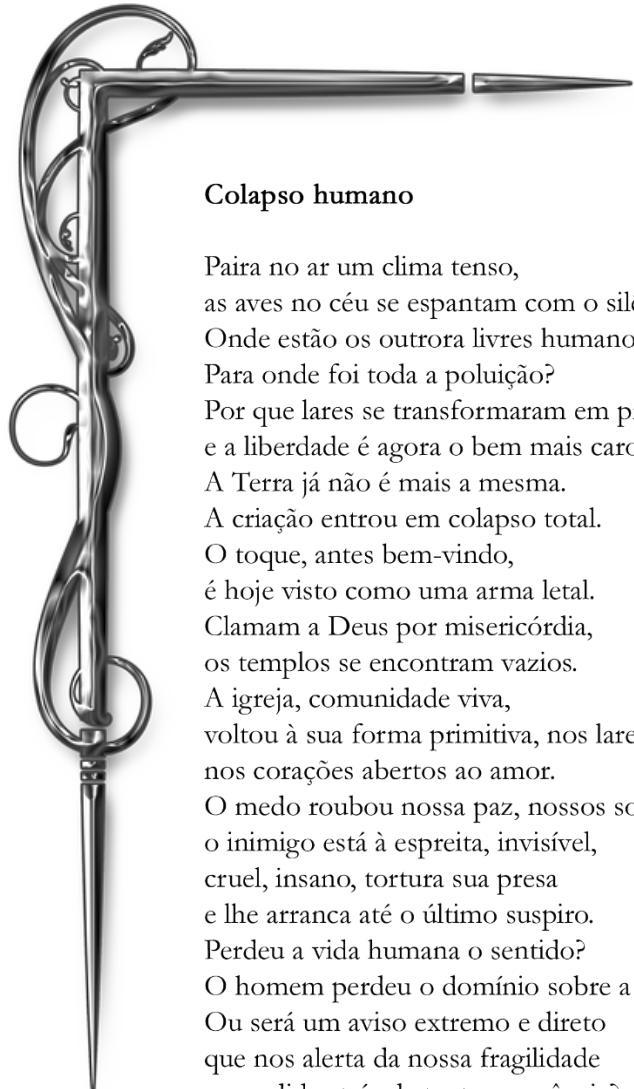
Quando fico pensativo
Escrevo poesias...
Quando fico apreensivo
Escrevo poesias...
Quando o vento bate forte na janela
Escrevo poesias...
Meu remédio neste confinamento
Remédio mais que natural
Para alma e coração
Poesias no quarto.

Lenilson Silva

LENILSON SILVA

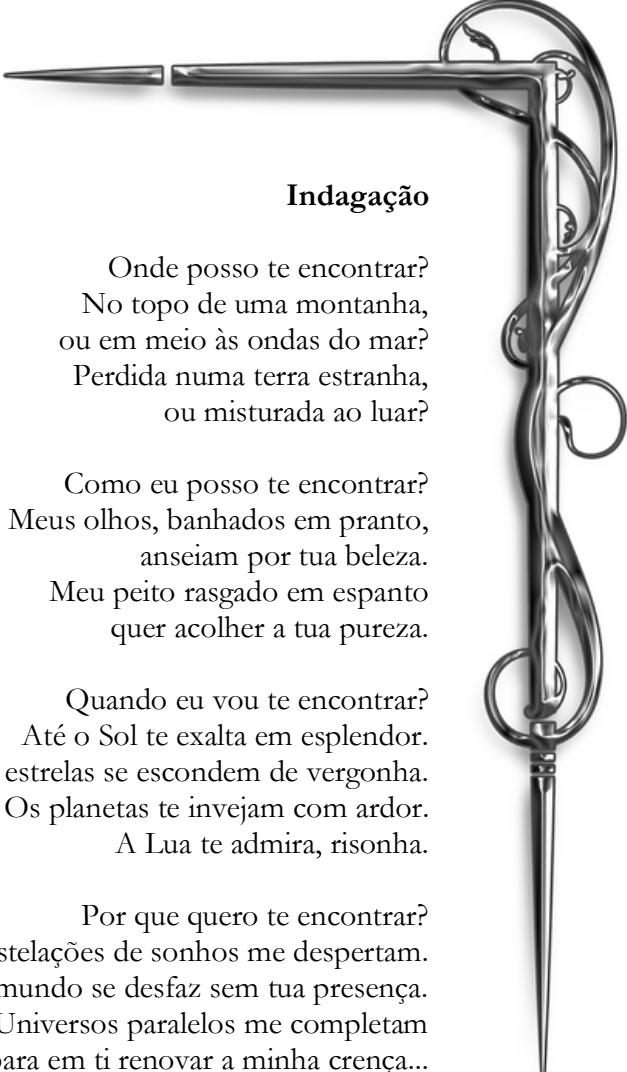
Paraibano de Pedras de Fogo com orgulho. Professor de Língua Portuguesa, escritor, organizador de alguns livros, autor de 6 livros: Aldravias no jardim (Editora Perse); Aldravias no jardim 2 (Editora Clube de autores); Aldravias no jardim 3 (Editora Clube de autores); Nôdoas poéticas (Editora Clube de autores); O jardim do meu quintal – Poesias (Editora Clube de autores); Eflúvio poético - poesias (Editora Clube de autores).





Colapso humano

Paire no ar um clima tenso,
as aves no céu se espantam com o silêncio.
Onde estão os outrora livres humanos?
Para onde foi toda a poluição?
Por que lares se transformaram em prisões
e a liberdade é agora o bem mais caro?
A Terra já não é mais a mesma.
A criação entrou em colapso total.
O toque, antes bem-vindo,
é hoje visto como uma arma letal.
Clamam a Deus por misericórdia,
os templos se encontram vazios.
A igreja, comunidade viva,
voltou à sua forma primitiva, nos lares,
nos corações abertos ao amor.
O medo roubou nossa paz, nossos sonhos,
o inimigo está à espreita, invisível,
cruel, insano, tortura sua presa
e lhe arranca até o último suspiro.
Perdeu a vida humana o sentido?
O homem perdeu o domínio sobre a Terra?
Ou será um aviso extremo e direto
que nos alerta da nossa fragilidade
escondida atrás de tanta arrogância?
Choram os homens, sorri a natureza.
A inteligência e altivez humana
renderam-se ao poder de um vírus
coroado de dor e de mudanças.
Ouçam, filhos da terra, os sinais estão gritando!
Ainda há tempo para um recomeço.
O castigo da Mãe nos traz uma nova chance.
Aprendam a lição enquanto é tempo...



Indagação

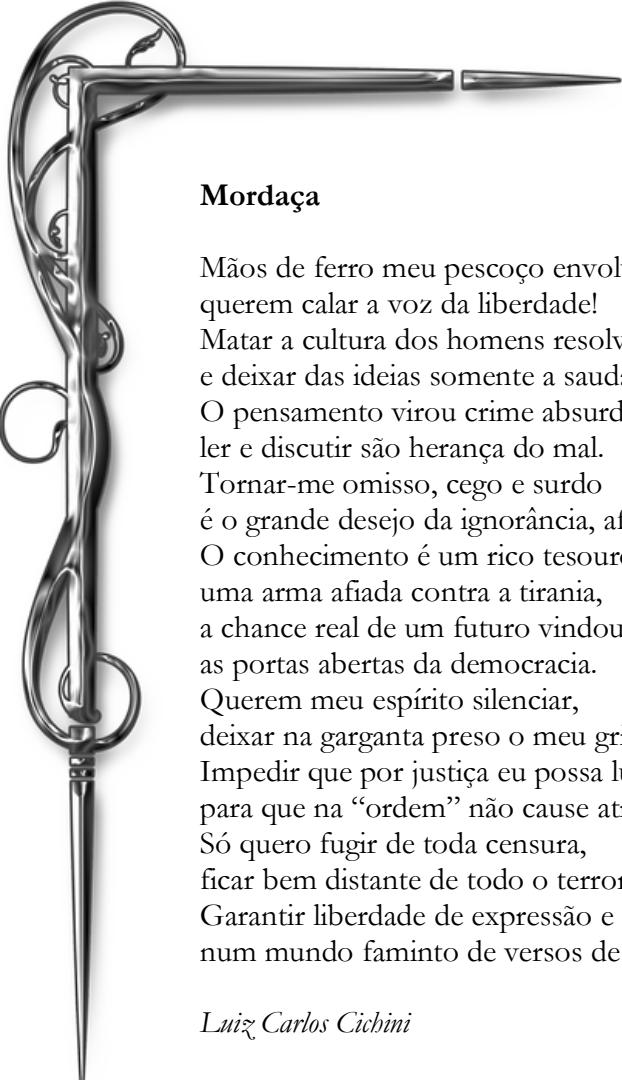
Onde posso te encontrar?
No topo de uma montanha,
ou em meio às ondas do mar?
Perdida numa terra estranha,
ou misturada ao luar?

Como eu posso te encontrar?
Meus olhos, banhados em pranto,
anseiam por tua beleza.
Meu peito rasgado em espanto
quer acolher a tua pureza.

Quando eu vou te encontrar?
Até o Sol te exalta em esplendor.
As estrelas se escondem de vergonha.
Os planetas te invejam com ardor.
A Lua te admira, risonha.

Por que quero te encontrar?
Constelações de sonhos me despertam.
Meu mundo se desfaz sem tua presença.
Universos paralelos me completam
para em ti renovar a minha crença...

Luiz Carlos Cichini



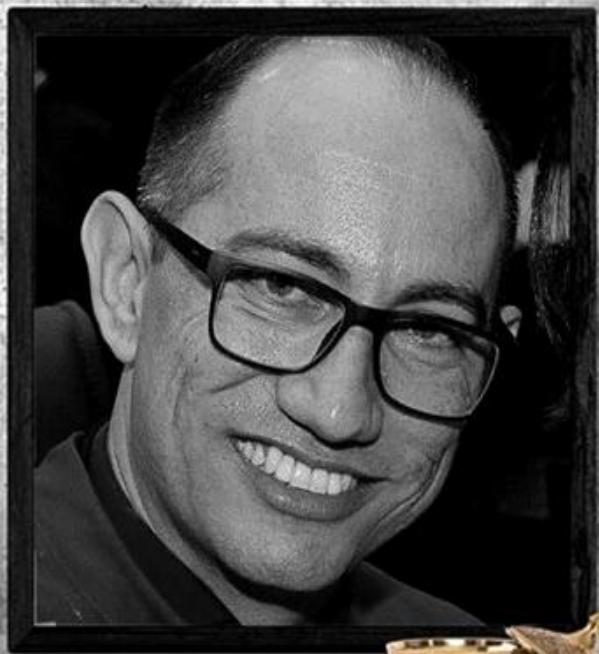
Mordaça

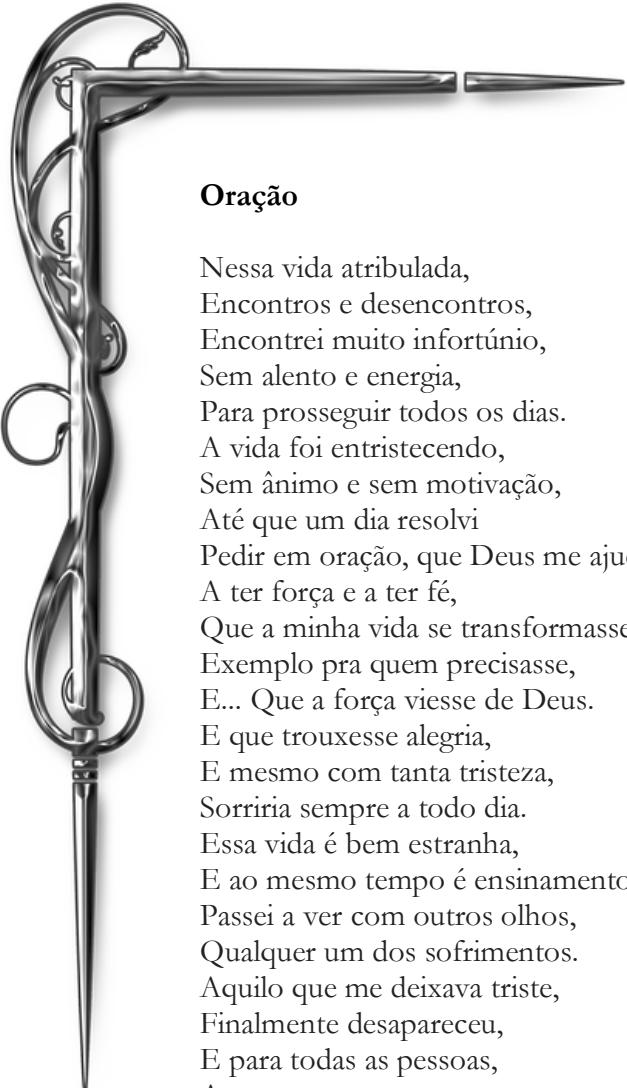
Mãos de ferro meu pescoço envolvem,
querem calar a voz da liberdade!
Matar a cultura dos homens resolvem,
e deixar das ideias somente a saudade.
O pensamento virou crime absurdo,
ler e discutir são herança do mal.
Tornar-me omissô, cego e surdo
é o grande desejo da ignorância, afinal.
O conhecimento é um rico tesouro,
uma arma afiada contra a tirania,
a chance real de um futuro vindouro,
as portas abertas da democracia.
Querem meu espírito silenciar,
deixar na garganta preso o meu grito.
Impedir que por justiça eu possa lutar
para que na “ordem” não cause atrito.
Só quero fugir de toda censura,
ficar bem distante de todo o terror.
Garantir liberdade de expressão e cultura
num mundo faminto de versos de amor.

Luiç Carlos Cichini

LUIZ CARLOS CICHINI

Tem 34 anos, é professor de Língua Portuguesa na rede municipal de ensino de Santa Cruz do Rio Pardo-SP. É formado em letras-Inglês, Pedagogia e História, com pós-graduação em Estudos Linguísticos e Literários (UENP) e Literatura Brasileira (Unina). Membro da Academia Santa-cruzense de Letras e da Academia Independente de Letras. Participou de várias coletâneas e publicou seu primeiro livro, *Entrelaces, vida em prosa e verso*, em fevereiro de 2020 pela Edições & Publicações.

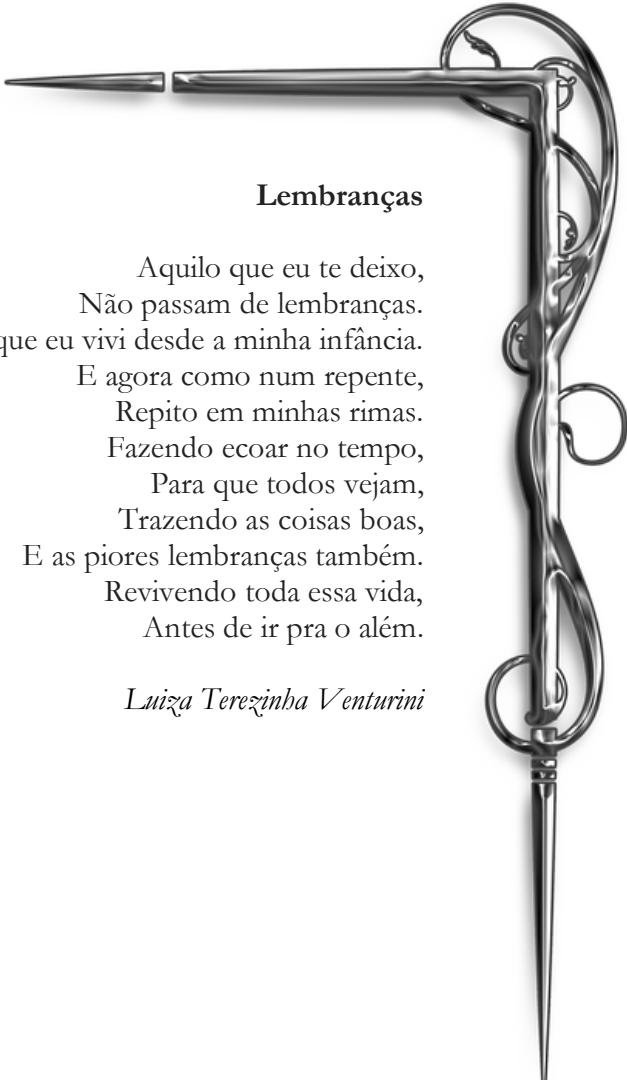




Oração

Nessa vida atribulada,
Encontros e desencontros,
Encontrei muito infortúnio,
Sem alento e energia,
Para prosseguir todos os dias.
A vida foi entrustecendo,
Sem ânimo e sem motivação,
Até que um dia resolvi
Pedir em oração, que Deus me ajudasse
A ter força e a ter fé,
Que a minha vida se transformasse.
Exemplo pra quem precisasse,
E... Que a força viesse de Deus.
E que trouxesse alegria,
E mesmo com tanta tristeza,
Sorriria sempre a todo dia.
Essa vida é bem estranha,
E ao mesmo tempo é ensinamento,
Passei a ver com outros olhos,
Qualquer um dos sofrimentos.
Aquiló que me deixava triste,
Finalmente desapareceu,
E para todas as pessoas,
Agora tento mostrar,
Todo poder de Deus. Se Deus me deu uma ajuda,
Também tenho que ajudar.
Nos dias mais difíceis,
De dúvidas e temor. É a Ele que procuro.
Com certeza e fervor. Que a minha vida se transforme,
Sempre que necessário for. Amém!

Luiza Terezinha Venturini



Lembranças

Aquilo que eu te deixo,
Não passam de lembranças.
De tudo que eu vivi desde a minha infância.
E agora como num repente,
Repto em minhas rimas.
Fazendo ecoar no tempo,
Para que todos vejam,
Trazendo as coisas boas,
E as piores lembranças também.
Revivendo toda essa vida,
Antes de ir pra o além.

Luzia Terezinha Venturini



O luar

Na escuridão da noite, observando o luar.
Somente vejo o seu redondo olhar.
Com crateras e sombras a resplandecer no céu.
Um convite a pensar na magnitude de Deus...

A lembrança de um amor.
O carinho e o fervor.
Tudo a borbulhar.

Através do luar,
O magnetismo convida
A telepatia usar;
Num sentimento profundo, de alegria e de pesar.

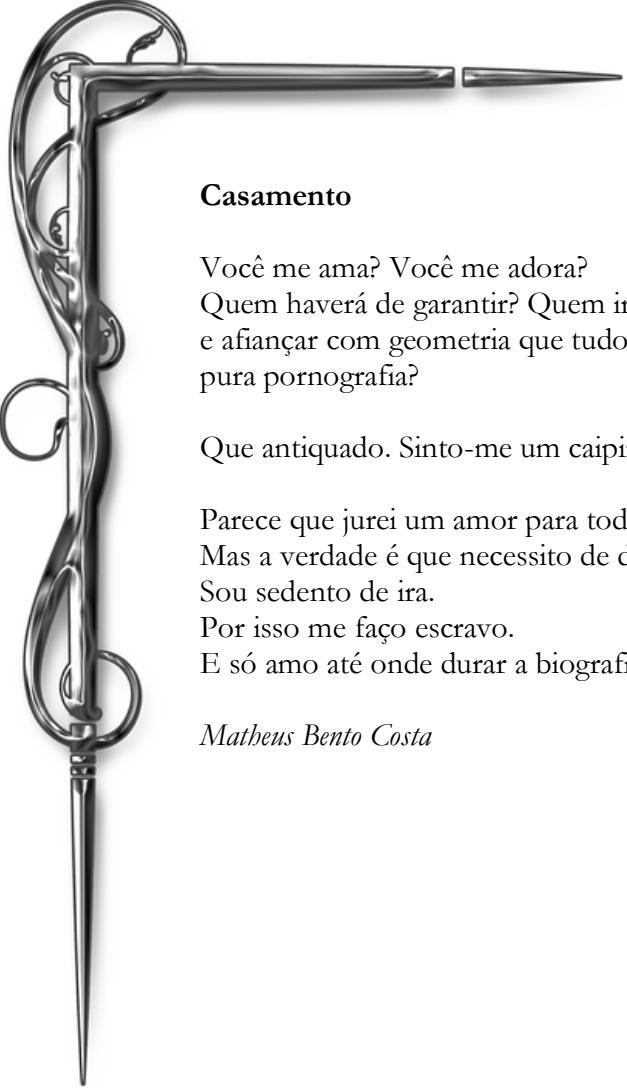
A presença distante.
Sentimentos aflorados dentro de um coração distante.

Luiza Terezinha Venturini

LUIZA TEREZINHA VENTURINI

Graduada em Letras, Pedagogia e com pós-graduação em Língua Portuguesa, Luiza sempre foi apaixonada pelos livros, lecionou em muitas escolas públicas. Atualmente atua como Coordenadora Pedagógica na Escola Municipal de Ensino Fundamental Prof. Arnaldo Moraes Ribeiro, onde é professora efetiva desde o ano 2000. Já participou com suas poesias de três coletâneas, “Bem Vindos ao Jardim 3” e “Poesias sem rotas” no ano de 2019 e “Nossos escritos poéticos” em 2020.





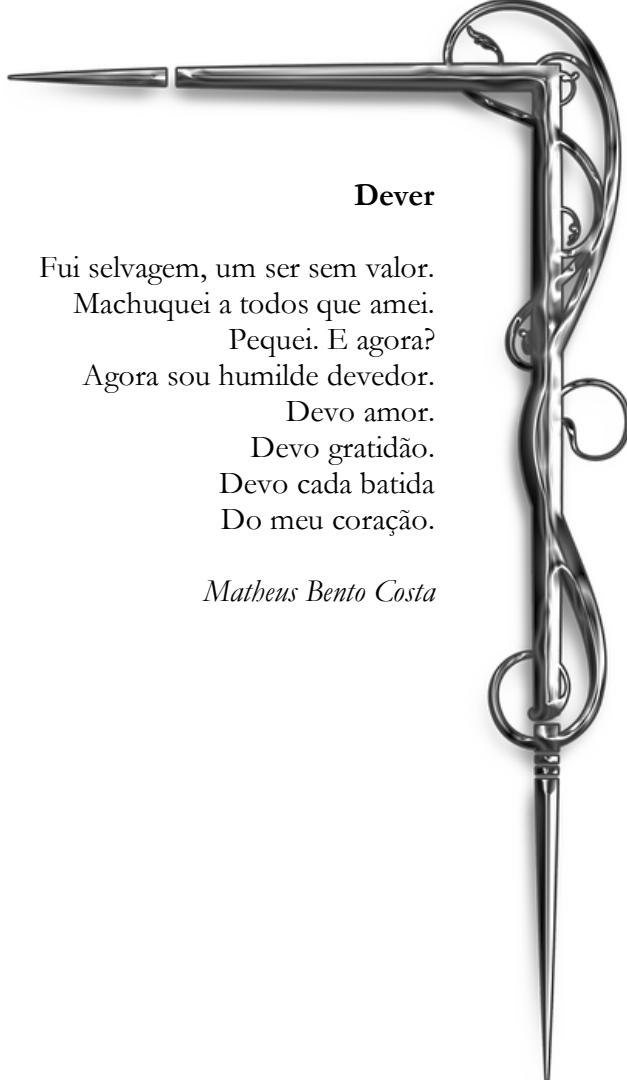
Casamento

Você me ama? Você me adora?
Quem haverá de garantir? Quem irá medir
e afiançar com geometria que tudo não é só
pura pornografia?

Que antiquado. Sinto-me um caipira.

Parece que jurei um amor para toda a vida.
Mas a verdade é que necessito de dor.
Sou sedento de ira.
Por isso me faço escravo.
E só amo até onde durar a biografia.

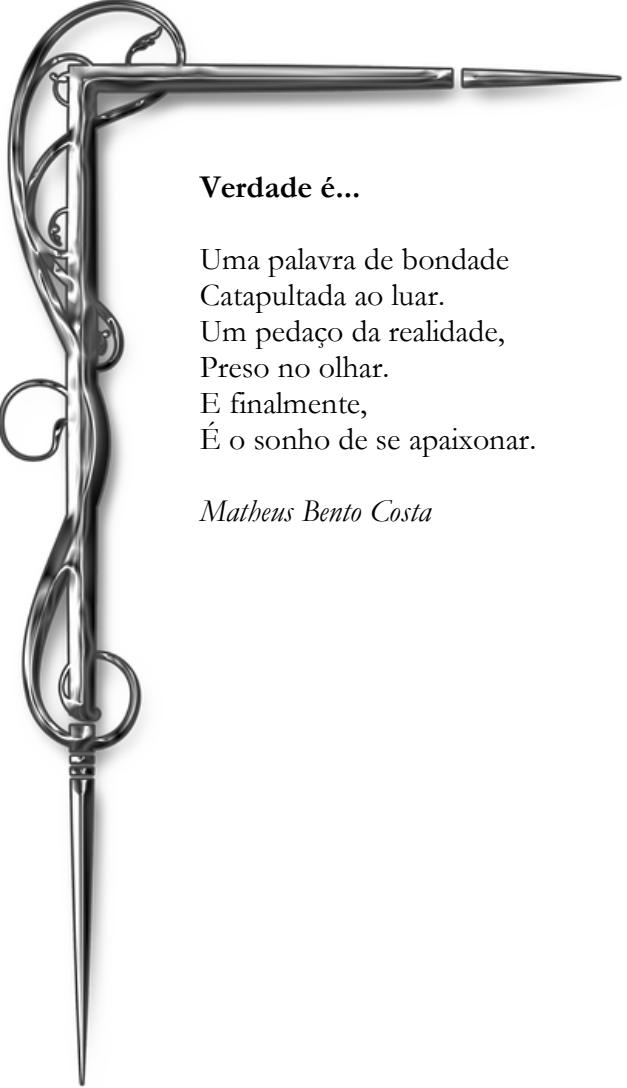
Matheus Bento Costa



Dever

Fui selvagem, um ser sem valor.
Machuquei a todos que amei.
Pequei. E agora?
Agora sou humilde devedor.
Devo amor.
Devo gratidão.
Devo cada batida
Do meu coração.

Matheus Bento Costa



Verdade é...

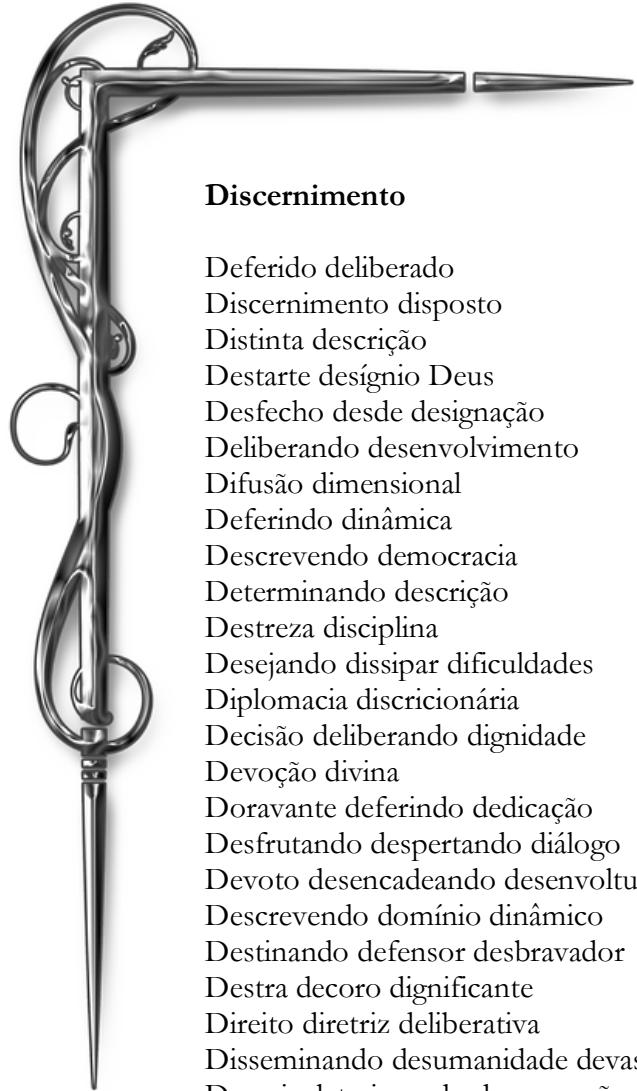
Uma palavra de bondade
Catapultada ao luar.
Um pedaço da realidade,
Preso no olhar.
E finalmente,
É o sonho de se apaixonar.

Matheus Bento Costa

MATHEUS BENTO COSTA

Sou natural de São Paulo, nascido em 21/02/1991, formado em Direito e Mestre em Direito Político e Econômico. Leio e escrevo para enriquecer o meu mundo. Com sorte, talvez enriqueça o mundo de mais alguém.

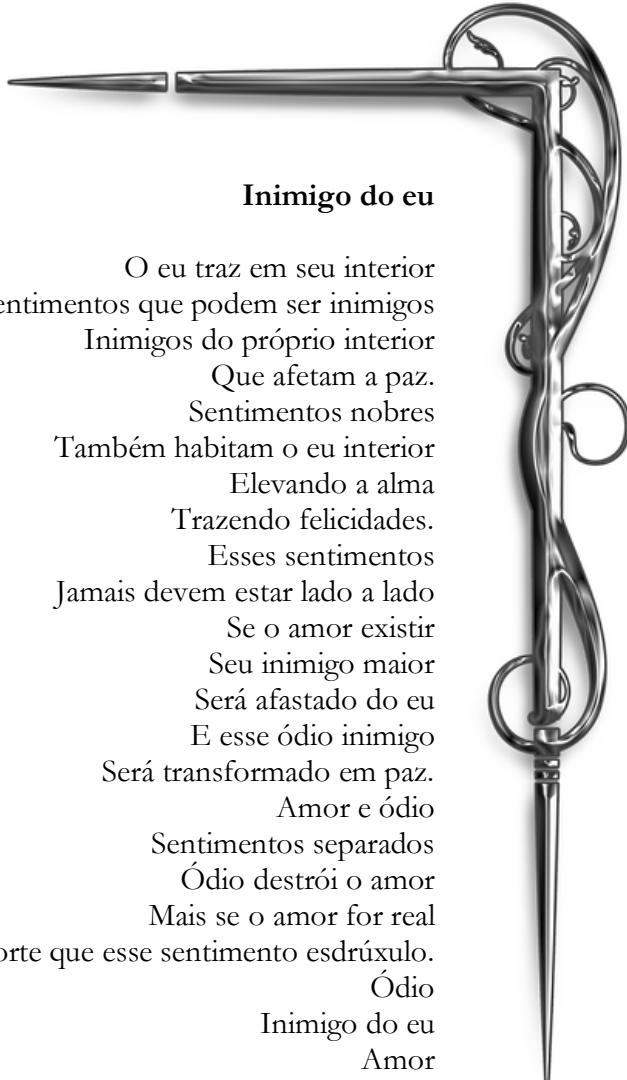




Discernimento

Deferido deliberado
Discernimento disposto
Distinta descrição
Destarte desígnio Deus
Desfecho desde designação
Deliberando desenvolvimento
Difusão dimensional
Deferindo dinâmica
Descrevendo democracia
Determinando descrição
Destreza disciplina
Desejando dissipar dificuldades
Diplomacia discricionária
Decisão deliberando dignidade
Devoção divina
Doravante deferindo dedicação
Desfrutando despertando diálogo
Devoto desencadeando desenvoltura
Descrevendo domínio dinâmico
Destinando defensor desbravador
Destra decoro dignificante
Direito diretriz deliberativa
Disseminando desumanidade devassidão
Demais deteriorando degeneração
Decidindo descobrir decência
Dócil domingo dominical
Dom Deus divinal
Defronte destino doce.

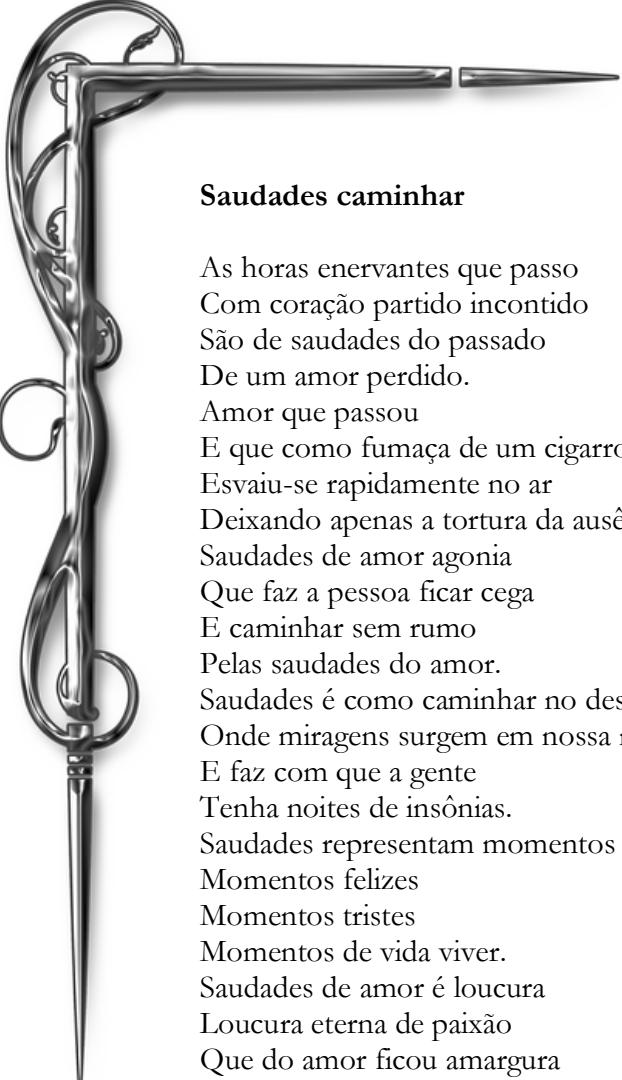
Paulo Roberto Silva



Inimigo do eu

O eu traz em seu interior
Sentimentos que podem ser inimigos
Inimigos do próprio interior
Que afetam a paz.
Sentimentos nobres
Também habitam o eu interior
Elevando a alma
Trazendo felicidades.
Esses sentimentos
Jamais devem estar lado a lado
Se o amor existir
Seu inimigo maior
Será afastado do eu
E esse ódio inimigo
Será transformado em paz.
Amor e ódio
Sentimentos separados
Ódio destrói o amor
Mais se o amor for real
Será mais forte que esse sentimento esdrúxulo.
Ódio
Inimigo do eu
Amor
Amigo do eu.
Vidas com amor
Elevação do eu interior
Criação do Onipresente
Que destrói o inimigo do eu
E fortalece o interior do homem.

Paulo Roberto Silva



Saudades caminhar

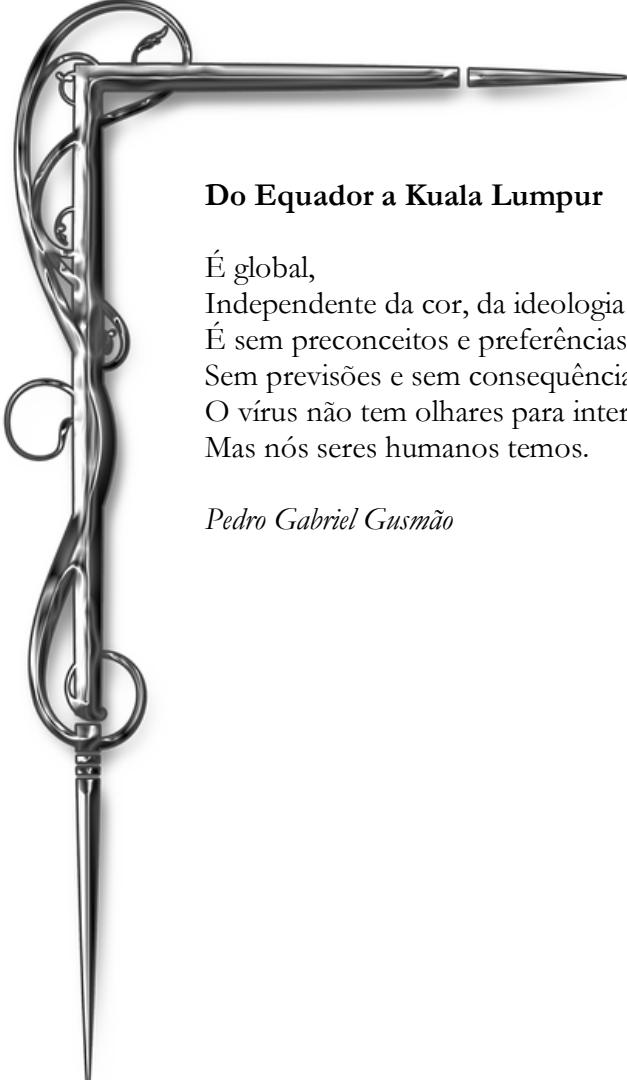
As horas enervantes que passo
Com coração partido incontido
São de saudades do passado
De um amor perdido.
Amor que passou
E que como fumaça de um cigarro
Esvaiu-se rapidamente no ar
Deixando apenas a tortura da ausência.
Saudades de amor agonia
Que faz a pessoa ficar cega
E caminhar sem rumo
Pelas saudades do amor.
Saudades é como caminhar no deserto
Onde miragens surgem em nossa mente
E faz com que a gente
Tenha noites de insônias.
Saudades representam momentos
Momentos felizes
Momentos tristes
Momentos de vida viver.
Saudades de amor é loucura
Loucura eterna de paixão
Que do amor ficou amargura
Dentro do coração.
Quisera eu não ter saudades
Não ter esse sentimento
Quisera eu ser como o vento
Que ao invés de saudades, voltasse para meu amor.

Paulo Roberto Silva

PAULO ROBERTO SILVA

Nascido em Bauru/SP em 19.10.1958. Mestre em Serviço Social e Especialista em Recursos Humanos. Funcionário Público. Participou de diversas antologias/coletâneas e possui quatro livros solos sendo três de poemas/poemas e um de contos. Ex-integrante do Grupo Teatral Dante Alighieri e atuou em diversas peças teatrais e na década de 80 atuou em duas produções cinematográficas. Membro da Academia de Letras Sociedade dos Poetas Virtuais, cadeira 49, Patrono: Rodrigues de Abreu.

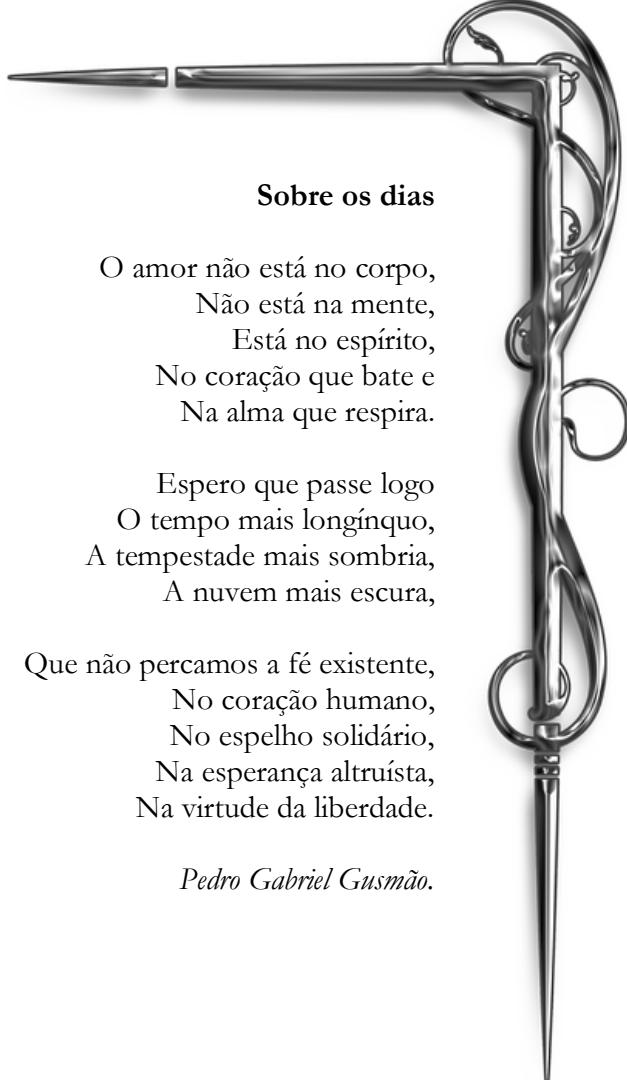




Do Equador a Kuala Lumpur

É global,
Independente da cor, da ideologia ou da fé,
É sem preconceitos e preferências,
Sem previsões e sem consequências.
O vírus não tem olhares para interesses,
Mas nós seres humanos temos.

Pedro Gabriel Gusmão



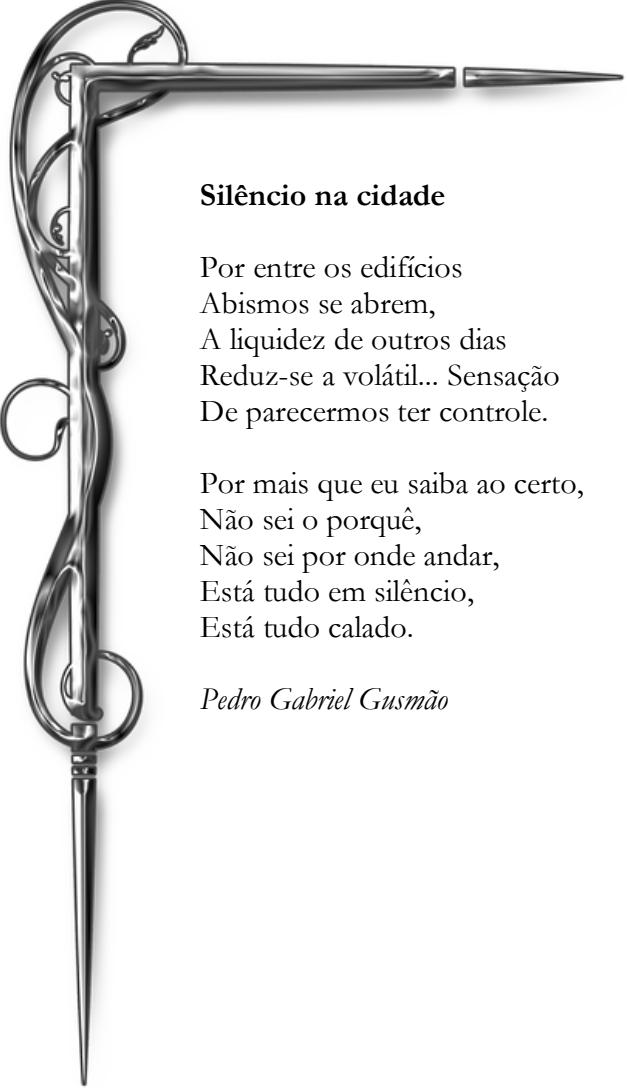
Sobre os dias

O amor não está no corpo,
Não está na mente,
Está no espírito,
No coração que bate e
Na alma que respira.

Espero que passe logo
O tempo mais longínquo,
A tempestade mais sombria,
A nuvem mais escura,

Que não percamos a fé existente,
No coração humano,
No espelho solidário,
Na esperança altruísta,
Na virtude da liberdade.

Pedro Gabriel Gusmão.



Silêncio na cidade

Por entre os edifícios
Abismos se abrem,
A liquidez de outros dias
Reduz-se a volátil... Sensação
De parecermos ter controle.

Por mais que eu saiba ao certo,
Não sei o porquê,
Não sei por onde andar,
Está tudo em silêncio,
Está tudo calado.

Pedro Gabriel Gusmão

PEDRO GABRIEL GUSMÃO

Sou um estudante alagoano, com meus 20 anos de amor, amante da boa literatura, amante incondicional da arte como um todo, sou um cidadão comum, amo muito o que faço, amo de verdade poder expressar minhas sensações através da escrita. Uma paixão verdadeira e imorredoura.

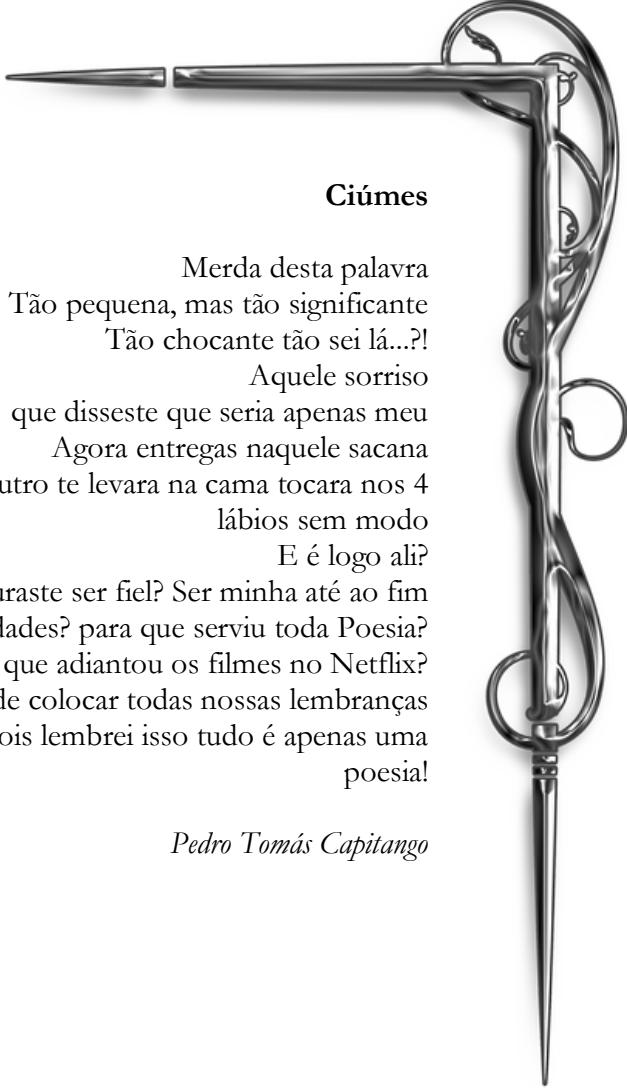




Para a minha mãe

Dona Tomélia Tomás!
Escrevo com os olhos carregados
Lembro da última chamada e do último afeto
Falta de dormir debaixo do mesmo teto
Saiba que estou bem, mas desmoronando por dentro
Sinto inveja dos meus irmãos
Que estão por perto
Tudo que eu queria é um abraço
E um puxão de orelha
Saiba que os teus ensinamentos
Estão valendo o dobro
23 anos que cuidaste de mim
E sei que fizeste sem esforço
Cada palavra tua neste momento é uma barra de ouro.

Pedro Tomás Capitango



Ciúmes

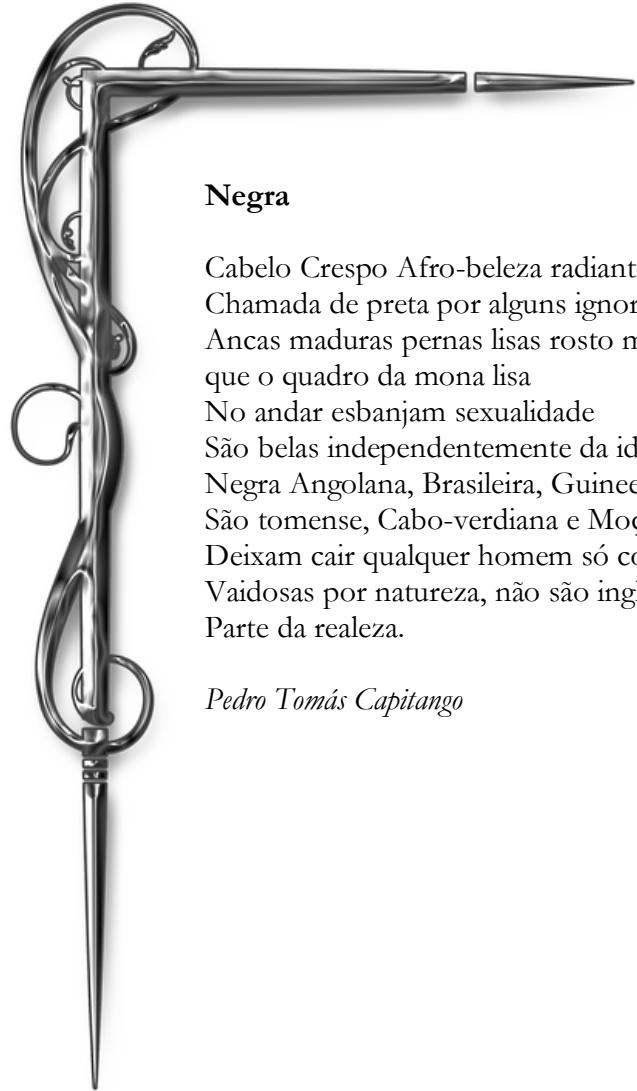
Merda desta palavra
Tão pequena, mas tão significante
Tão chocante tão sei lá...?!

Aquele sorriso
que disseste que seria apenas meu
Agora entregas naquele sacana
Dói bastante saber que outro te levara na cama tocara nos 4
lábios sem modo
E é logo ali?

Onde juraste ser fiel? Ser minha até ao fim
das nossas idades? para que serviu toda Poesia?

Do que adiantou os filmes no Netflix?
minha vontade era de colocar todas nossas lembranças
numa pia, mas depois lembrei isso tudo é apenas uma
poesia!

Pedro Tomás Capitango



Negra

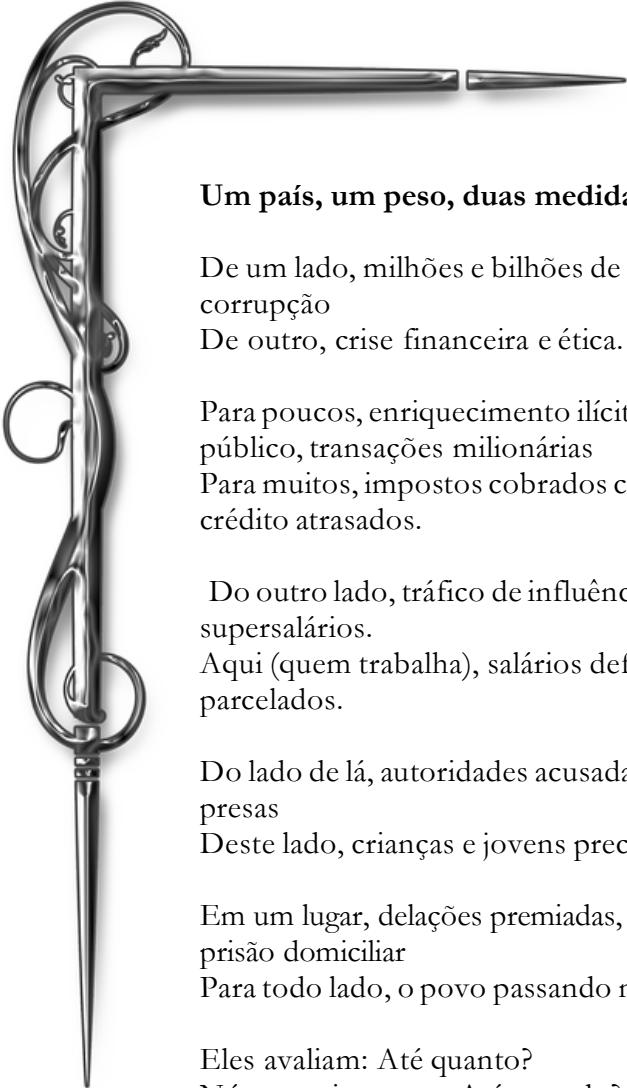
Cabelo Crespo Afro-beleza radiante
Chamada de preta por alguns ignorantes
Ancas maduras pernas lisas rosto mais lindo
que o quadro da mona lisa
No andar esbanjam sexualidade
São belas independentemente da idade
Negra Angolana, Brasileira, Guineense,
São tomense, Cabo-verdiana e Moçambicana
Deixam cair qualquer homem só com a sua gincana
Vaidosas por natureza, não são inglesas, mas fazem
Parte da realeza.

Pedro Tomás Capitango

PEDRO TOMÁS CAPITANGO

Pedro Tomás Capitango, nome artístico de Pedro O Ppoeta, de nacionalidade angolana residente no Brasil Ceará Redenção, frequentou o ensino primário, base, e médio na Escola Teresiana de Viana e atualmente é estudante de Letras Língua Portuguesa na UNILAB, poeta desde 2011. Já participou em seis antologias Brasileiras. Identifica-se mais com a poesia erótica, e conta com mais de quarenta poemas e três contos.





Um país, um peso, duas medidas

De um lado, milhões e bilhões de dólares e muita corrupção
De outro, crise financeira e ética.

Para poucos, enriquecimento ilícito, farras com dinheiro público, transações milionárias
Para muitos, impostos cobrados com afinco, cartões de crédito atrasados.

Do outro lado, tráfico de influência, lavagem de dinheiro, supersalários.
Aqui (quem trabalha), salários defasados, atrasados, parcelados.

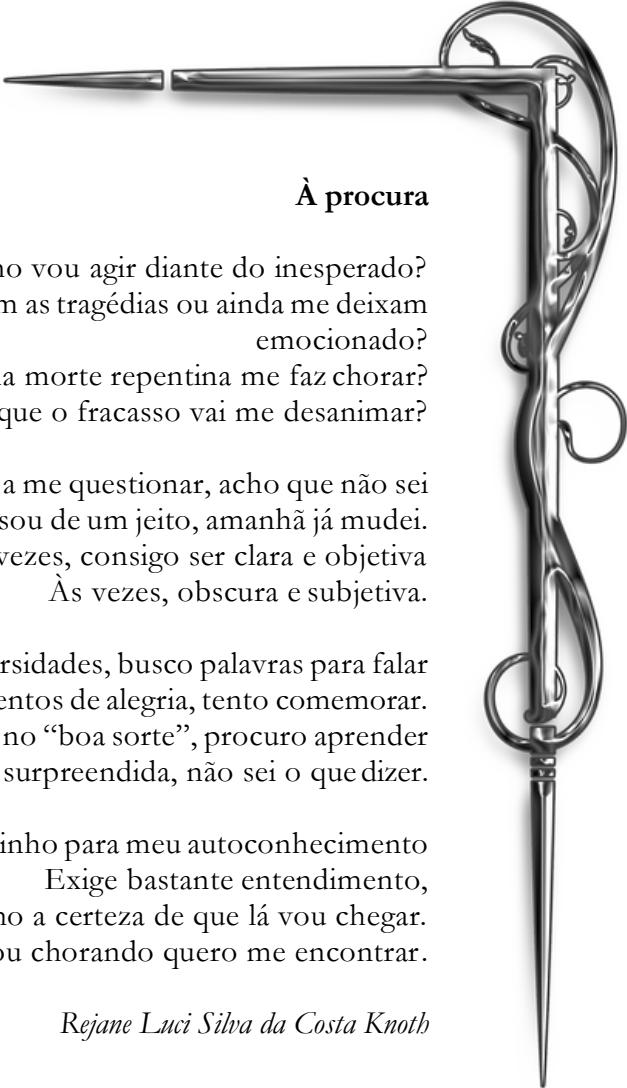
Do lado de lá, autoridades acusadas, tornando-se réis, presas
Deste lado, crianças e jovens precisando de orientação.

Em um lugar, delações premiadas, tornozeleiras eletrônicas, prisão domiciliar
Para todo lado, o povo passando necessidade.

Eles avaliam: Até quanto?
Nós questionamos: Até quando?

Para uns, são dois pesos, duas medidas.
Para a maioria, é cobrança, é uma só saída.

Rejane Luci Silva da Costa Knoth



À procura

Como vou agir diante do inesperado?
Já acostumei com as tragédias ou ainda me deixam
emocionado?

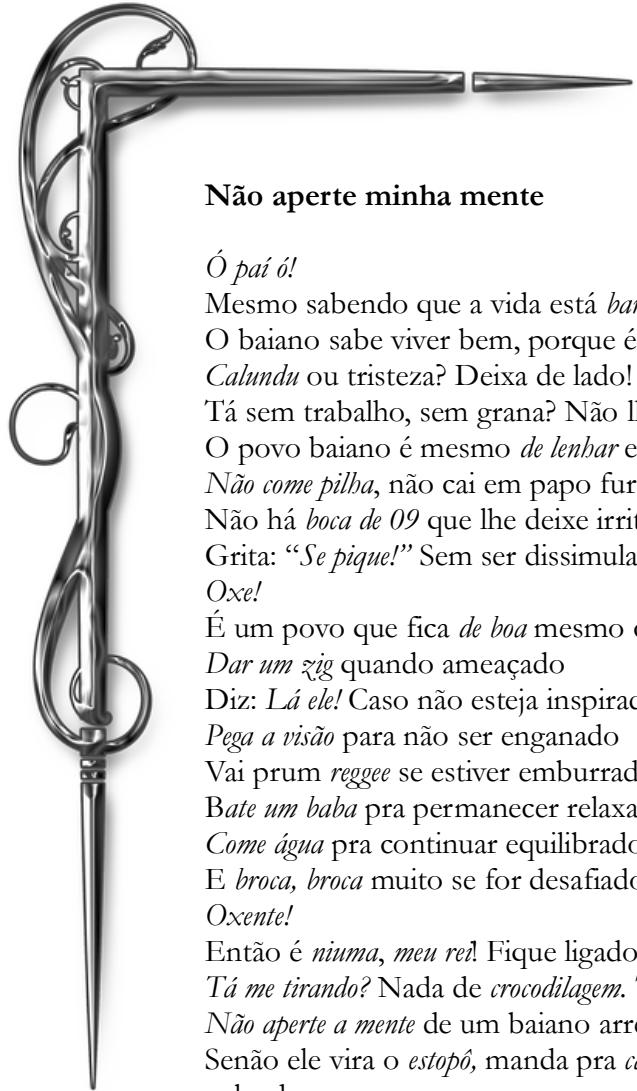
Será que uma morte repentina me faz chorar?
Será que o fracasso vai me desanimar?

Vivo a me questionar, acho que não sei
Hoje sou de um jeito, amanhã já mudei.
Às vezes, consigo ser clara e objetiva
Às vezes, obscura e subjetiva.

Nas adversidades, busco palavras para falar
Nos momentos de alegria, tento comemorar.
Como não acredito no “boa sorte”, procuro aprender
E quando surpreendida, não sei o que dizer.

Se o caminho para meu autoconhecimento
Exige bastante entendimento,
Tenho a certeza de que lá vou chegar.
Amando, discutindo ou chorando quero me encontrar.

Rejane Luci Silva da Costa Knoth



Não aperte minha mente

Ó paí ó!

Mesmo sabendo que a vida está *barril, barril dobrado*
O baiano sabe viver bem, porque é *massa*, porque é retado
Calundu ou tristeza? Deixa de lado!

Tá sem trabalho, sem grana? Não lhe fica apoquentado.

O povo baiano é mesmo *de lenhar* e determinado:

Não come pilha, não cai em papo furado

Não há boca de 09 que lhe deixe irritado

Grita: “*Se pique!*” Sem ser dissimulado.

Oxe!

É um povo que fica *de boa* mesmo chateado

Dar um zig quando ameaçado

Diz: Lá ele! Caso não esteja inspirado

Pega a visão para não ser enganado

Vai prum *reggee* se estiver emburrado

Bate um baba pra permanecer relaxado

Come água pra continuar equilibrado

E *broca, broca* muito se for desafiado!

Oxente!

Então é *niuma, meu rei!* Fique ligado!

Tá me tirando? Nada de *crocodilagem*. Tenha cuidado.

Não aperte a mente de um baiano arretado

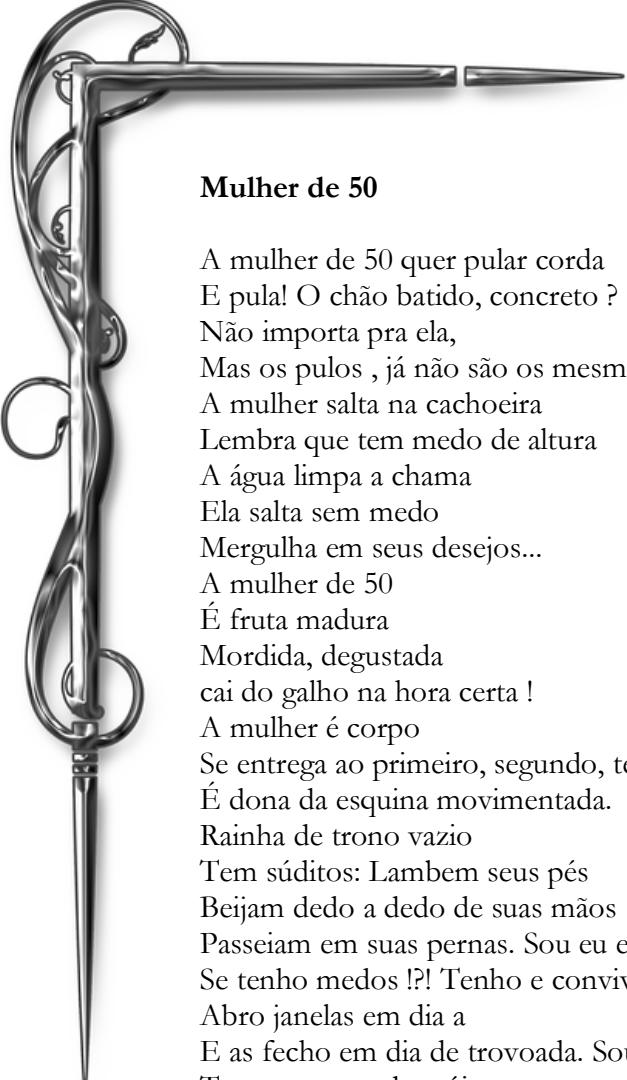
Senão ele vira o *estopô*, manda pra *casa da ...* sem se sentir culpado.

Rejane Luci Silva da Costa Knoth

REJANE LUCI SILVA DA COSTA KNOTH

Baiana de Inhambupe, professora e escritora. Graduada em Letras Vernáculas com Inglês e especialista em Educação Infantil pela Universidade Estadual da Bahia (UNEB); pós-graduada em Metodologias do Ensino da Língua Portuguesa pela Universidade Gama Filho (UGF) e mestre em Letras – UNEB.

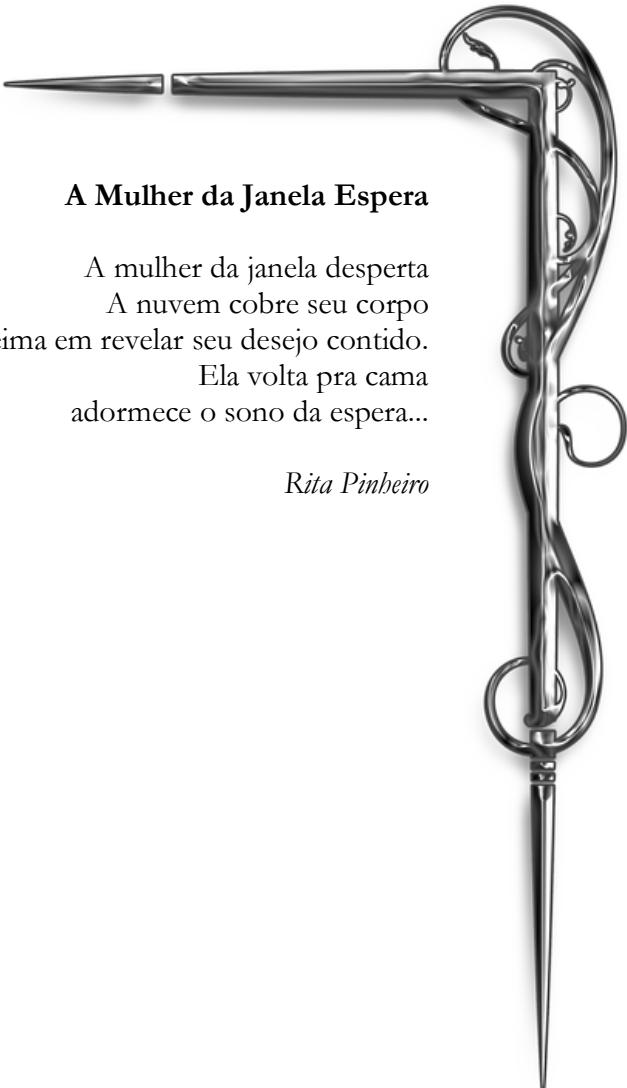




Mulher de 50

A mulher de 50 quer pular corda
E pula! O chão batido, concreto ?
Não importa pra ela,
Mas os pulos , já não são os mesmos...
A mulher salta na cachoeira
Lembra que tem medo de altura
A água limpa a chama
Ela salta sem medo
Mergulha em seus desejos...
A mulher de 50
É fruta madura
Mordida, degustada
cai do galho na hora certa !
A mulher é corpo
Se entrega ao primeiro, segundo, terceiro...
É dona da esquina movimentada.
Rainha de trono vazio
Tem súditos: Lambem seus pés
Beijam dedo a dedo de suas mãos
Passeiam em suas pernas. Sou eu essa mulher
Se tenho medos !?! Tenho e convivo com eles
Abro janelas em dia a
E as fecho em dia de trovoada. Sou chuva fina
Tormenta que destrói
Sou a manhã cinzenta
Sou o dia nublado
Sou uma mulher
Que se descobriu aos 50
E agora? Que venha o próximo...

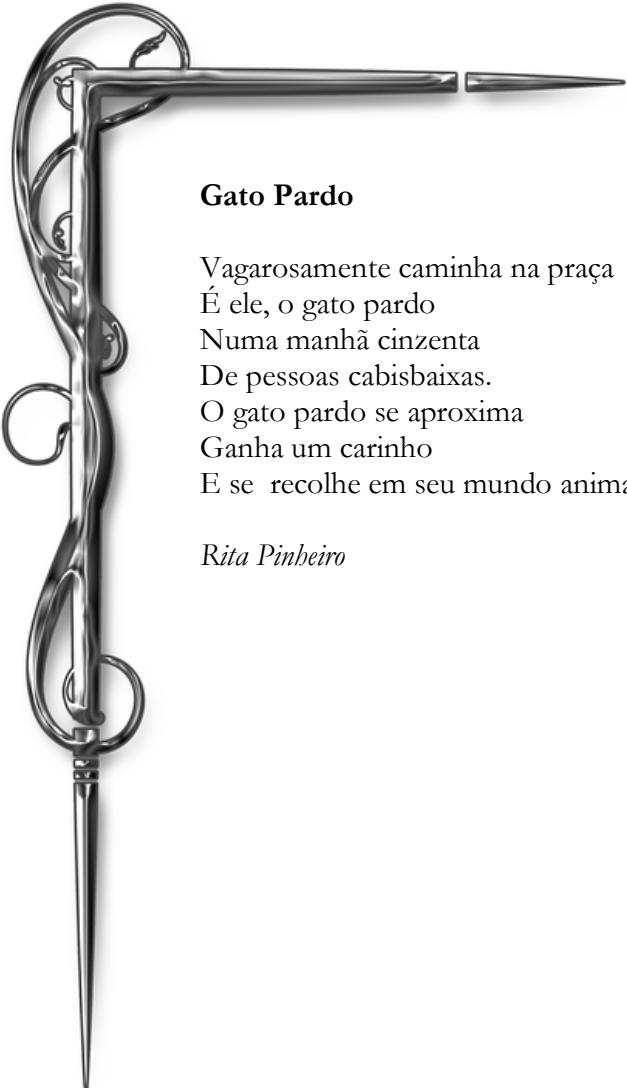
Rita Pinheiro



A Mulher da Janela Espera

A mulher da janela desperta
A nuvem cobre seu corpo
O sol teima em revelar seu desejo contido.
Ela volta pra cama
adormece o sono da espera...

Rita Pinheiro



Gato Pardo

Vagarosamente caminha na praça
É ele, o gato pardo
Numa manhã cinzenta
De pessoas cabisbaixas.
O gato pardo se aproxima
Ganha um carinho
E se recolhe em seu mundo animal.

Rita Pinheiro

RITA PINHEIRO

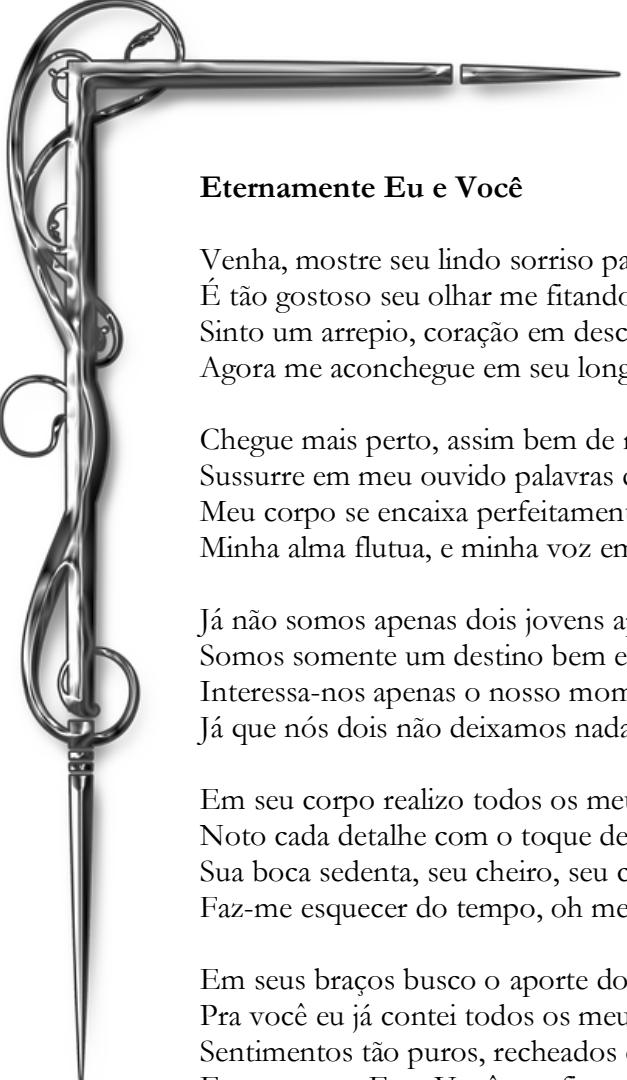
Professora aposentada de 55 anos , nasceu na cidade de Madre de Deus / Bahia.

Arte-educadora, bonequeira, Griot de Tradição Oral ,é idealizadora de vários projetos reconhecidos pela inserção dos menos favorecidos e a promoção de uma arte mais acessível.

Autora de cinco livros, vários artigos e participou de várias antologias e representa o Brasil em encontros literários pelo mundo.

Em agosto lançará seu primeiro livro bilíngue, " La mujer de la ventana ", ou " A mulher da Janela ", no XVIII Encontro Internacional de Escritores do Parlamento Colombiano em Cartagena das Índias.





Eternamente Eu e Você

Venha, mostre seu lindo sorriso para mim,
É tão gostoso seu olhar me fitando assim.
Sinto um arrepio, coração em descompasso;
Agora me aconchegue em seu longo abraço.

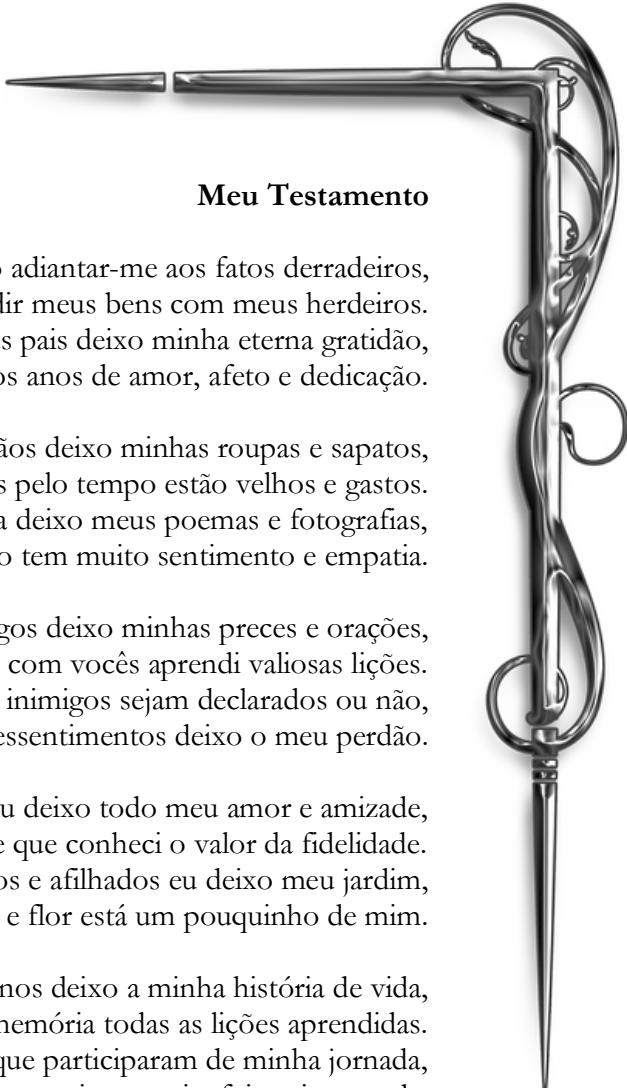
Chegue mais perto, assim bem de mansinho,
Sussurre em meu ouvido palavras de carinho.
Meu corpo se encaixa perfeitamente no seu;
Minha alma flutua, e minha voz emudeceu.

Já não somos apenas dois jovens apaixonados,
Somos somente um destino bem entrelaçado.
Interessa-nos apenas o nosso momento a dois,
Já que nós dois não deixamos nada pra depois.

Em seu corpo realizo todos os meus desejos,
Noto cada detalhe com o toque de meus beijos.
Sua boca sedenta, seu cheiro, seu calor;
Faz-me esquecer do tempo, oh meu amor.

Em seus braços busco o aporte dos meus medos,
Pra você eu já contei todos os meus segredos;
Sentimentos tão puros, recheados de ternura;
Eternamente Eu e Você nos fizemos essas juras.

Rosalina Lopes Pires Fialho



Meu Testamento

Quero adiantar-me aos fatos derradeiros,
Quero dividir meus bens com meus herdeiros.

Aos meus pais deixo minha eterna gratidão,
Pelos longos anos de amor, afeto e dedicação.

Aos meus irmãos deixo minhas roupas e sapatos,
Muito surrados pelo tempo estão velhos e gastos.
Para minha filha deixo meus poemas e fotografias,
Em cada verso tem muito sentimento e empatia.

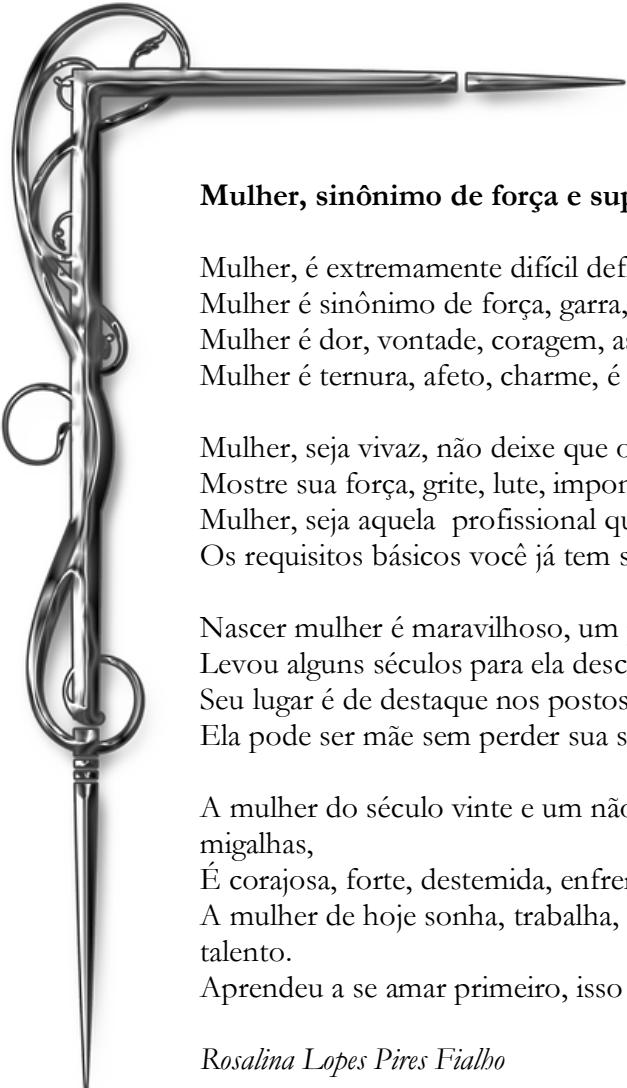
Para meus amigos deixo minhas preces e orações,
Durante a vida com vocês aprendi valiosas lições.

Para os meus inimigos sejam declarados ou não,
Sem mágoas e ressentimentos deixo o meu perdão.

Ao meu marido eu deixo todo meu amor e amizade,
Pois foi com ele que conheci o valor da fidelidade.
Aos meus sobrinhos e afilhados eu deixo meu jardim,
Em cada planta e flor está um pouquinho de mim.

Aos meus alunos deixo a minha história de vida,
Levem em sua memória todas as lições aprendidas.
Sou grata a todos que participaram de minha jornada,
Fui feliz por tê-los comigo, amei e fui muito amada.

Rosalina Lopes Pires Fialho



Mulher, sinônimo de força e superação

Mulher, é extremamente difícil defini-la a contento,
Mulher é sinônimo de força, garra, paixão e sentimento.
Mulher é dor, vontade, coragem, astúcia e superação,
Mulher é ternura, afeto, charme, é poesia e canção.

Mulher, seja vivaz, não deixe que o mundo lhe cale,
Mostre sua força, grite, lute, imponha-se, fale.
Mulher, seja aquela profissional que você quiser,
Os requisitos básicos você já tem só por ser mulher.

Nascer mulher é maravilhoso, um privilégio singular,
Levou alguns séculos para ela descobrir seu lugar.
Seu lugar é de destaque nos postos da sociedade,
Ela pode ser mãe sem perder sua sensualidade.

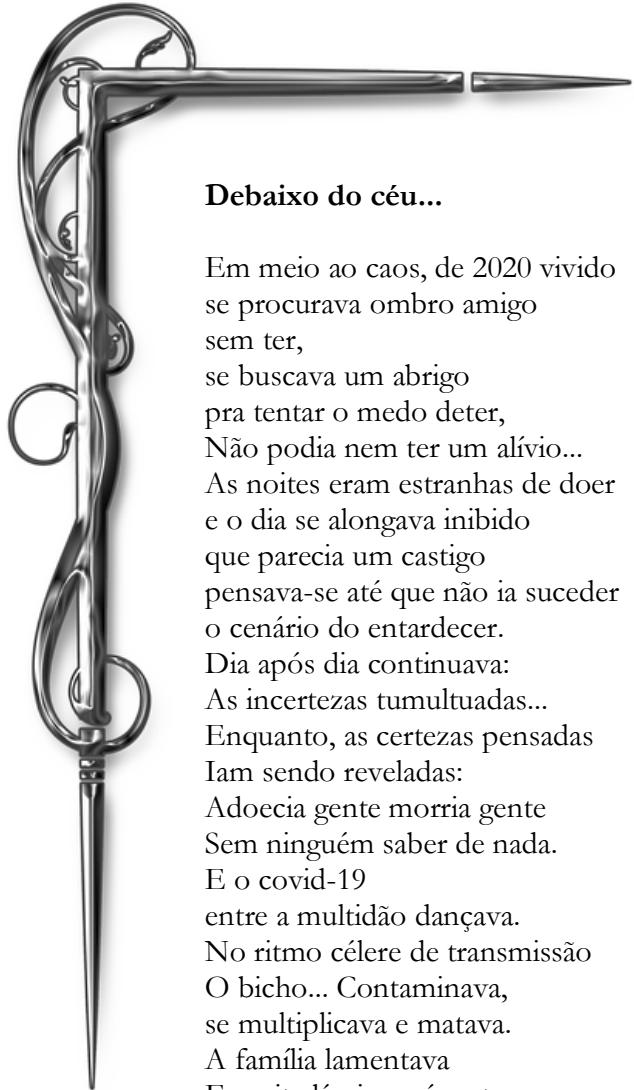
A mulher do século vinte e um não se contenta com
migalhas,
É corajosa, forte, destemida, enfrenta todas as batalhas.
A mulher de hoje sonha, trabalha, estuda, mostra seu
talento.
Aprendeu a se amar primeiro, isso sim é o empoderamento.

Rosalina Lopes Pires Fialho

ROSALINA LOPES PIRES FIALHO

Mineira nascida em Ponte Nova, MG, no dia 25 de maio do ano de 1975, sou a primogênita de um casal muito simples que teve seis filhos. Sou casada e tenho uma filha linda; Resido em Rio Claro há 20 anos. Sou graduada em Ciências Contábeis e Pedagogia, pós-graduada em Neuroaprendizagens, funcionária pública, Professora de Ensino Fundamental I na Rede Municipal de Educação de Rio Claro, SP. Aspirante à Poetisa, adoro escrever poemas, já tive algumas obras premiadas em concursos literários locais e nacionais, fui classificada em primeiro lugar pelo CNNE Poesia Inédita em 2019, com o Poema Vale de Lágrimas. Ainda não tenho livro autoral publicado, é meu grande sonho. Sou apaixonada pela família, pela profissão e por Livros, eu escrevo meus pensamentos em versos e prosa desde a mais tenra idade.

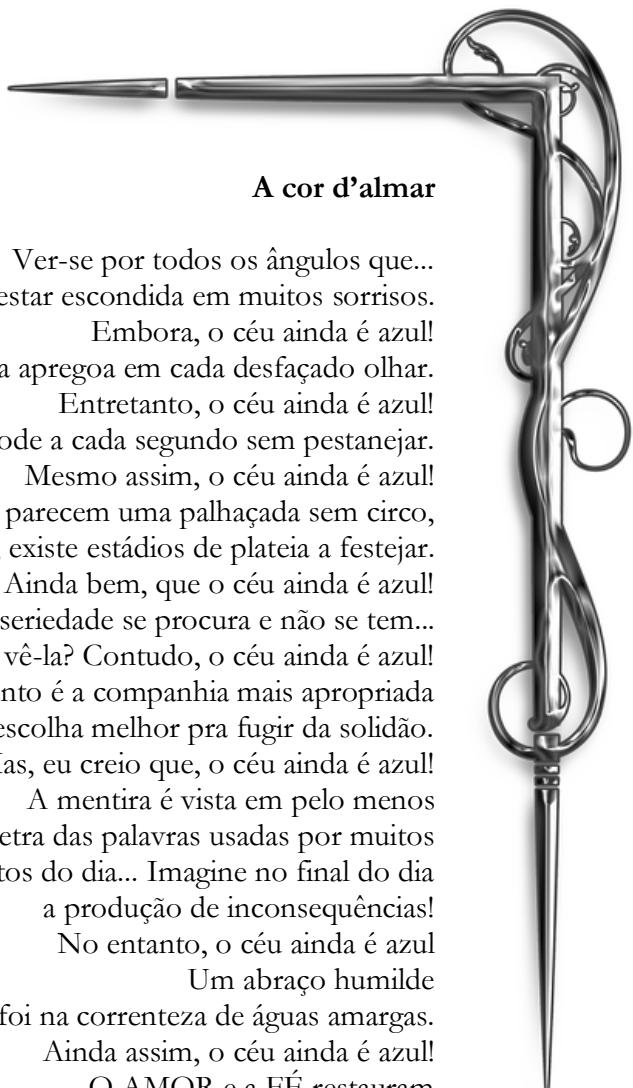




Debaixo do céu...

Em meio ao caos, de 2020 vivido
se procurava ombro amigo
sem ter,
se buscava um abrigo
pra tentar o medo deter,
Não podia nem ter um alívio...
As noites eram estranhas de doer
e o dia se alongava inibido
que parecia um castigo
pensava-se até que não ia suceder
o cenário do entardecer.
Dia após dia continuava:
As incertezas tumultuadas...
Enquanto, as certezas pensadas
Iam sendo reveladas:
Adoecia gente morria gente
Sem ninguém saber de nada.
E o covid-19
entre a multidão dançava.
No ritmo célere de transmissão
O bicho... Contaminava,
se multiplicava e matava.
A família lamentava
E muita lágrima só restava.
Quem aderiu ficar em casa
da sua fé se utilizava
e longe desses, a doença se avistava.
Por fim, debaixo de um infinito céu...
O confinamento era o que salvava!

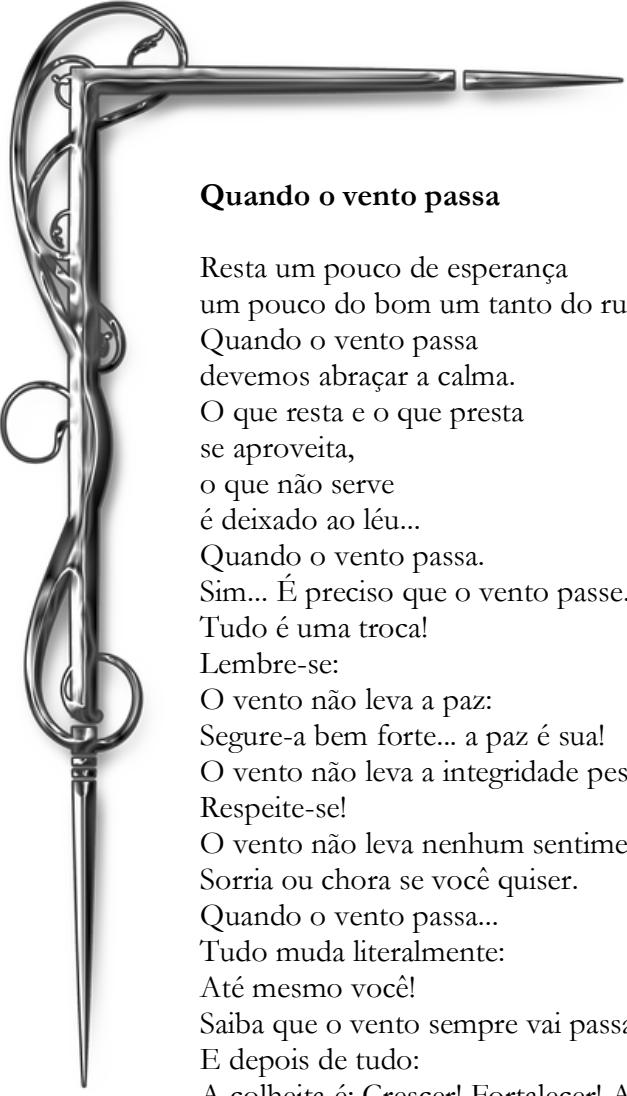
Roseli Silva de Queiroz



A cor d'almar

Ver-se por todos os ângulos que...
A maldade estar escondida em muitos sorrisos.
Embora, o céu ainda é azul!
A inveja apregoa em cada desfaçado olhar.
Entretanto, o céu ainda é azul!
O desamor eclode a cada segundo sem pestanejar.
Mesmo assim, o céu ainda é azul!
Lágrimas hoje parecem uma palhaçada sem circo,
porém, existe estádios de plateia a festejar.
Ainda bem, que o céu ainda é azul!
A seriedade se procura e não se tem...
como se vaivê-la? Contudo, o céu ainda é azul!
O tormento é a companhia mais apropriada
sem poder ter escolha melhor pra fugir da solidão.
Mas, eu creio que, o céu ainda é azul!
A mentira é vista em pelo menos
uma letra das palavras usadas por muitos
em poucos minutos do dia... Imagine no final do dia
a produção de inconsequências!
No entanto, o céu ainda é azul
Um abraço humilde
se foi na correnteza de águas amargas.
Ainda assim, o céu ainda é azul!
O AMOR e a FÉ restauraram
a pintura de uma alma que almeja recomeçar...
Portanto, apesar de tudo, tem esperança sim,
para aquele que sempre vai acreditar
que, o céu permanecerá azul,
azul da cor d'almar...

Roseli Silva de Queiroz Lima



Quando o vento passa

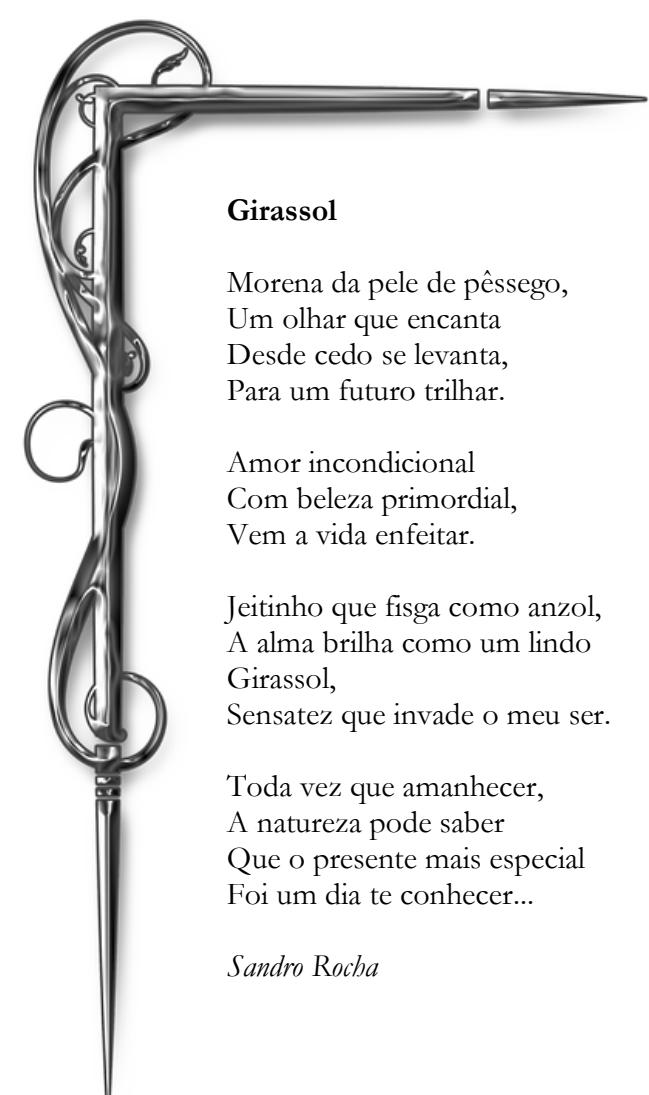
Resta um pouco de esperança
um pouco do bom um tanto do ruim...
Quando o vento passa
devemos abraçar a calma.
O que resta e o que presta
se aproveita,
o que não serve
é deixado ao léu...
Quando o vento passa.
Sim... É preciso que o vento passe.
Tudo é uma troca!
Lembre-se:
O vento não leva a paz:
Segure-a bem forte... a paz é sua!
O vento não leva a integridade pessoal:
Respeite-se!
O vento não leva nenhum sentimento ou emoção:
Sorria ou chora se você quiser.
Quando o vento passa...
Tudo muda literalmente:
Até mesmo você!
Saiba que o vento sempre vai passar!
E depois de tudo:
A colheita é: Crescer! Fortalecer! Agradecer!

Roseli Silva de Queiroz Lima

ROSELI SILVA DE QUEIROZ LIMA

De Santa Cruz do Capibaribe (terra das confecções) – PE. É casada com José Agamenon e graduada em Administração. Autora dos Livros: “Respostas para tuas Lágrimas” e “O Desafio”. Participou de algumas antologias, como: Bem-Vindos ao Jardim 3 e Eclipse Poética (Edições e Publicações); “Chuva Literária” (Scortecci); Ecos do Nordeste, Conexões Atlânticas II, III e IV (In-Finita); “Além da Terra, Além do Céu –“Antologia de Poesia Brasileira Contemporânea – Vol. III e IV”, “Liberdade e Registros Femininos” (as 4 últimas da Chiado Editora) e outras... Participou de um concurso cultural de poesia, ocasião em que foi publicada no livro: Onde Está o seu Sonho? Entre os dez melhores autores participantes.





Girassol

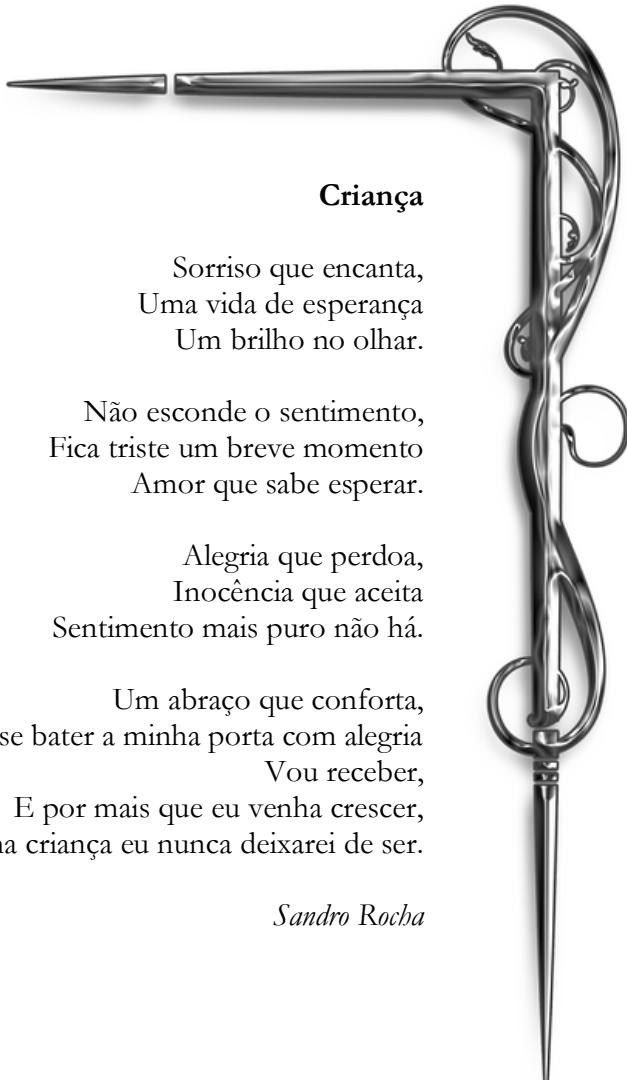
Morena da pele de pêssego,
Um olhar que encanta
Desde cedo se levanta,
Para um futuro trilhar.

Amor incondicional
Com beleza primordial,
Vem a vida enfeitar.

Jeitinho que fisga como anzol,
A alma brilha como um lindo
Girassol,
Sensatez que invade o meu ser.

Toda vez que amanhecer,
A natureza pode saber
Que o presente mais especial
Foi um dia te conhecer...

Sandro Rocha



Criança

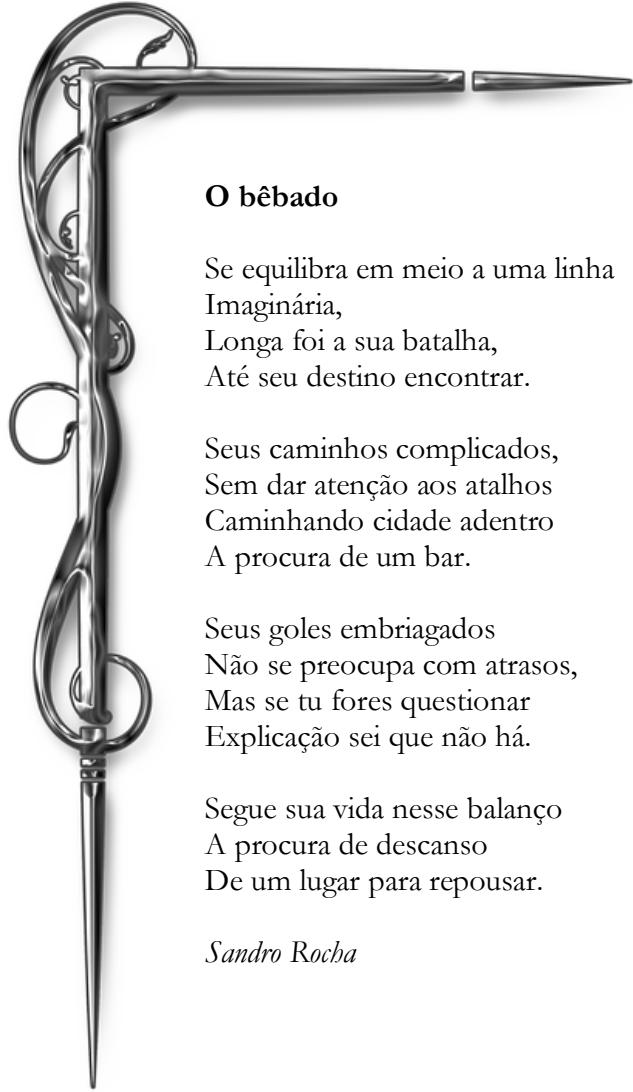
Sorriso que encanta,
Uma vida de esperança
Um brilho no olhar.

Não esconde o sentimento,
Fica triste um breve momento
Amor que sabe esperar.

Alegria que perdoa,
Inocência que aceita
Sentimento mais puro não há.

Um abraço que conforta,
E se bater a minha porta com alegria
Vou receber,
E por mais que eu venha crescer,
Uma criança eu nunca deixarei de ser.

Sandro Rocha



O bêbado

Se equilibra em meio a uma linha
Imaginária,
Longa foi a sua batalha,
Até seu destino encontrar.

Seus caminhos complicados,
Sem dar atenção aos atalhos
Caminhando cidade adentro
A procura de um bar.

Seus goles embriagados
Não se preocupa com atrasos,
Mas se tu fores questionar
Explicação sei que não há.

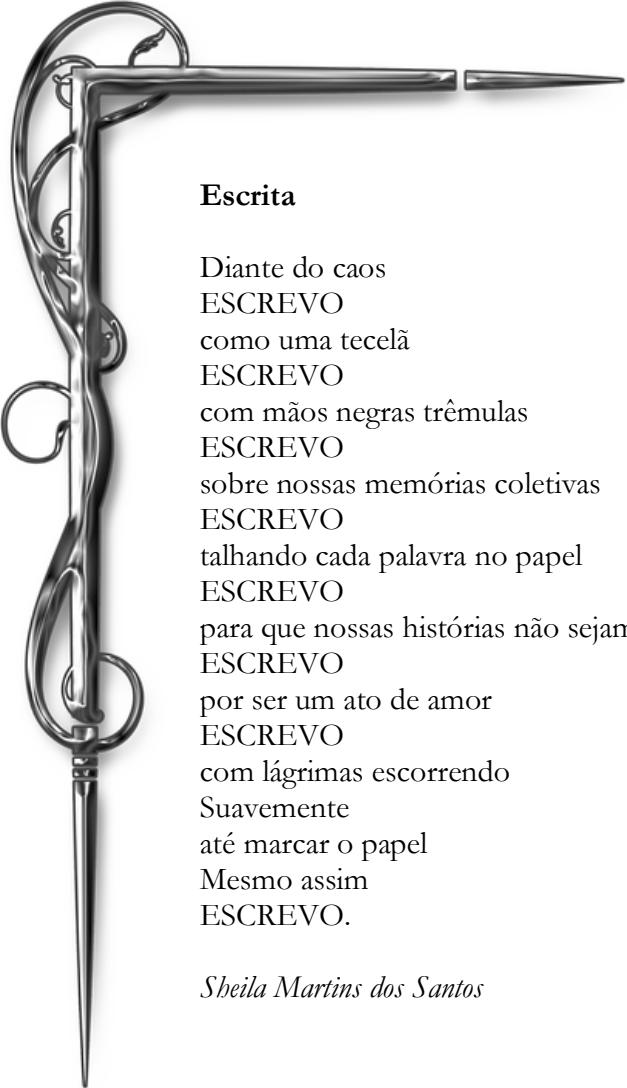
Segue sua vida nesse balanço
A procura de descanso
De um lugar para repousar.

Sandro Rocha

SANDRO ROCHA

Este é Sandro Carlos Rocha da Silva, casado e pai de três filhos Sabrina, Miguel e Manuela, em 2015 graduou-se em Sistemas para Internet pela FATEC na cidade de Carapicuíba - SP, estudou música na universidade livre Tom Jobim, e exerce o trabalho na área de tecnologia da informação até a presente data. Como autor tem inúmeros contos publicados destacando-se "A bailarina do sertão" que ficou entre os 20 melhores do Brasil com menção honrosa pelo CNNE (Concurso nacional de Novos Escritores), um conto adulto, intitulado como "Desejos" que compõe a antologia Lascívia, pela editora Cartola, o terceiro vem como autor do conto "A última casa da Rua", pela editora Verlidelas e por último um livro infantil intitulado "O ursinho de Papelão" que será lançado em breve pela editora Viseu.

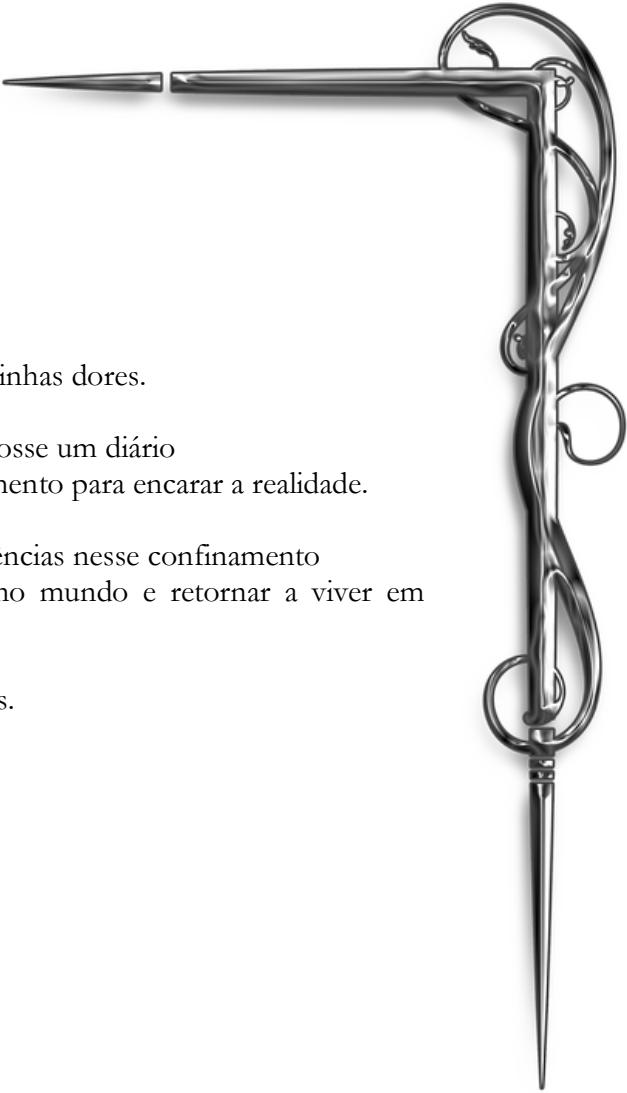




Escrita

Diante do caos
ESCREVO
como uma tecelã
ESCREVO
com mãos negras trêmulas
ESCREVO
sobre nossas memórias coletivas
ESCREVO
talhando cada palavra no papel
ESCREVO
para que nossas histórias não sejam esquecidas
ESCREVO
por ser um ato de amor
ESCREVO
com lágrimas escorrendo
Suavemente
até marcar o papel
Mesmo assim
ESCREVO.

Sheila Martins dos Santos



Escreves poesia?

Ainda escreves poesias?

S-I-M!

Escrevo para curar
para expurgar minhas dores.

Escrevo como se a vida fosse um diário
como fortalecimento para encarar a realidade.

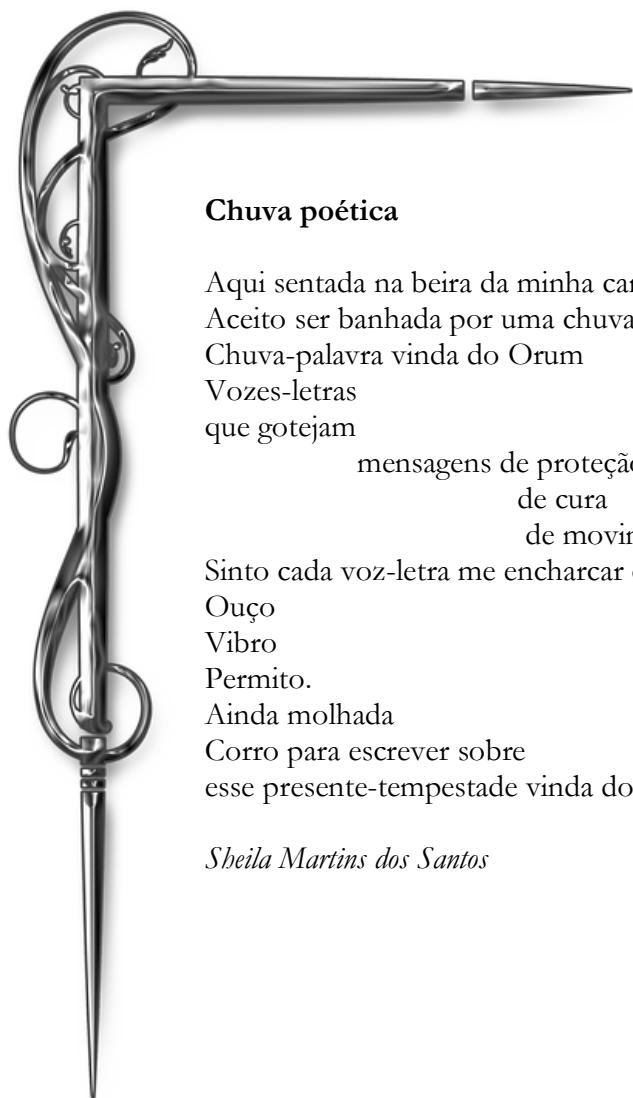
S-I-M!

Escrevo minhas escrevivências nesse confinamento
para desaguar no mundo e retornar a viver em
mim.

SIM!

Ainda ESCREVO poesias.

Sheila Martins dos Santos



Chuva poética

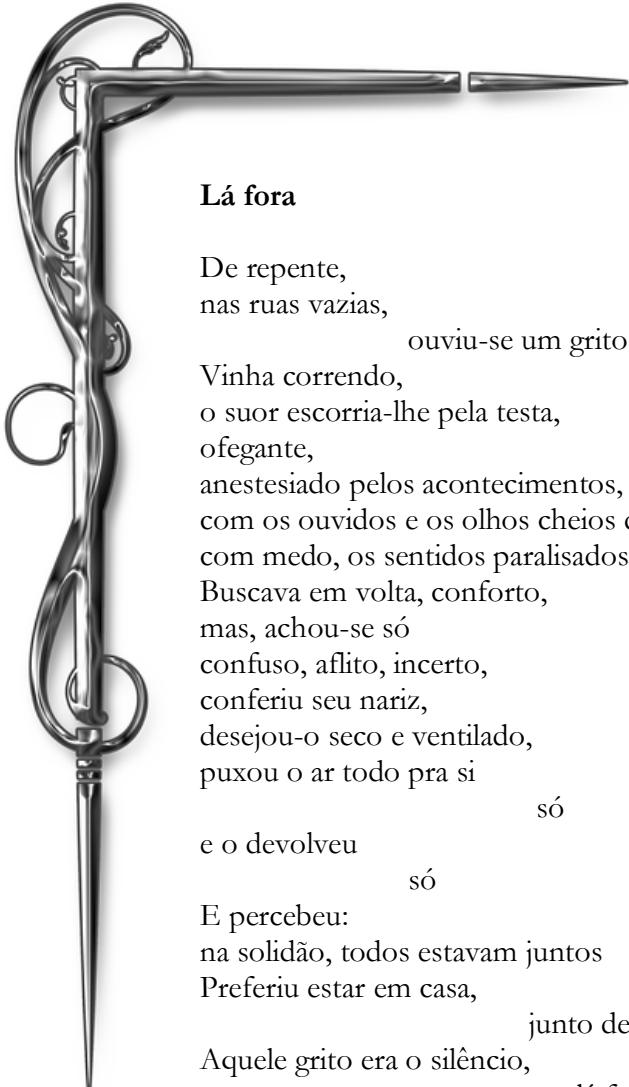
Aqui sentada na beira da minha cama
Aceito ser banhada por uma chuva poética
Chuva-palavra vinda do Orum
Vozes-letras
que gotejam
 mensagens de proteção
 de cura
 de movimento ancestral.
Sinto cada voz-letra me encharcar com suas águas
Ouço
Vibro
Permito.
Ainda molhada
Corro para escrever sobre
esse presente-temppestade vinda dos meus ancestrais.

Sheila Martins dos Santos

SHEILA MARTINS DOS SANTOS

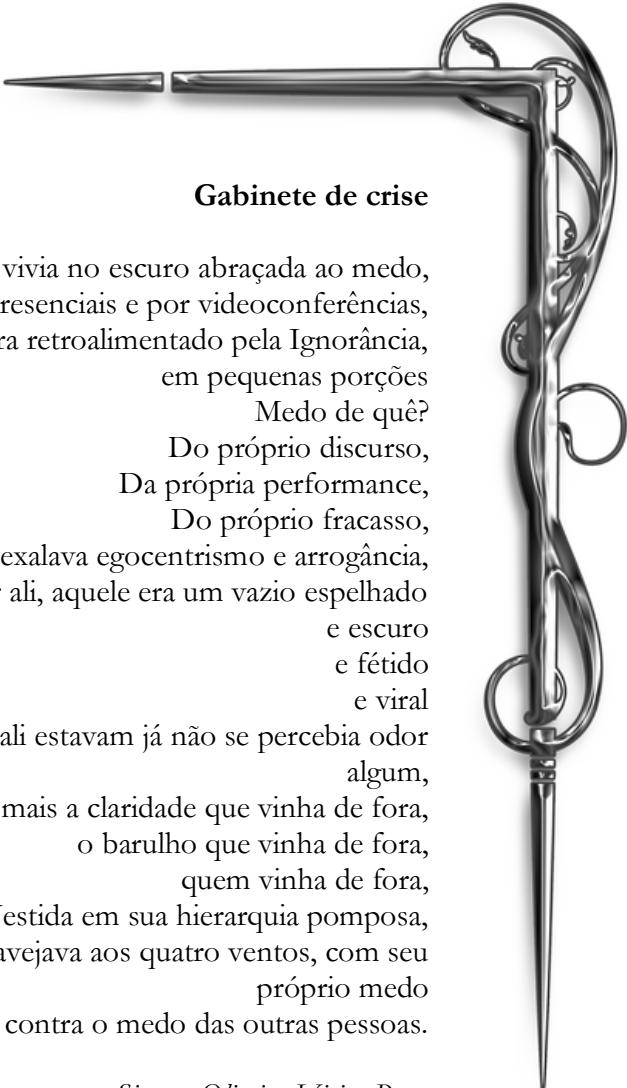
Nascida e criada na Baixada Fluminense, atualmente ouça se desbravar pela Zona Oeste do Rio de Janeiro. Além de atuar como afroempreendedora na livreira na Livraria Nombeko, trabalha como intérprete de LIBRAS no Instituto Nacional de Educação de Surdos, educadora, pedagoga, pesquisadora de Literatura negro-brasileira bem como sua difusão na comunidade Surda e co-autora de “Vértice: escritas negras” (Ed. Malê, 2019). Participou das antologias: Mulheres (Ed. Inovar, 2020), Antologia Ruínas (Ed. Patuá, 2020), Resistência Negra (Ed. IGM, 2020), Vozes da resistência (Ed. Conexão 7, 2020) e desenvolvendo o Projeto do livro “Narrativas Negras”, entre outros projetos.





Lá fora

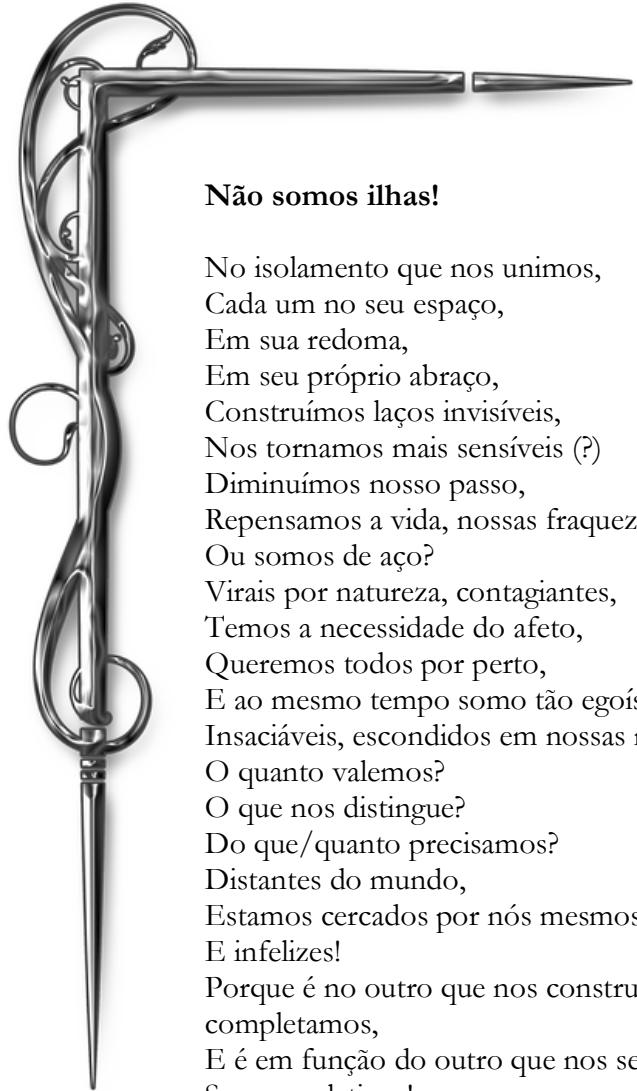
Simone Oliveira Vieira Peres



Gabinete de crise

A Ignorância vivia no escuro abraçada ao medo,
Liderava reuniões presenciais e por videoconferências,
E o medo era retroalimentado pela Ignorância,
em pequenas porções
Medo de quê?
Do próprio discurso,
Da própria performance,
Do próprio fracasso,
Daquela escuridão, exalava egocentrismo e arrogância,
Nada se podia enxergar ali, aquele era um vazio espelhado
e escuro
e fétido
e viral
mas, entre os que ali estavam já não se percebia odor
algum,
incomodava mais a claridade que vinha de fora,
o barulho que vinha de fora,
quem vinha de fora,
Vestida em sua hierarquia pomposa,
a Ignorância esbravejava aos quatro ventos, com seu
próprio medo
e contra o medo das outras pessoas.

Simone Oliveira Vieira Peres



Não somos ilhas!

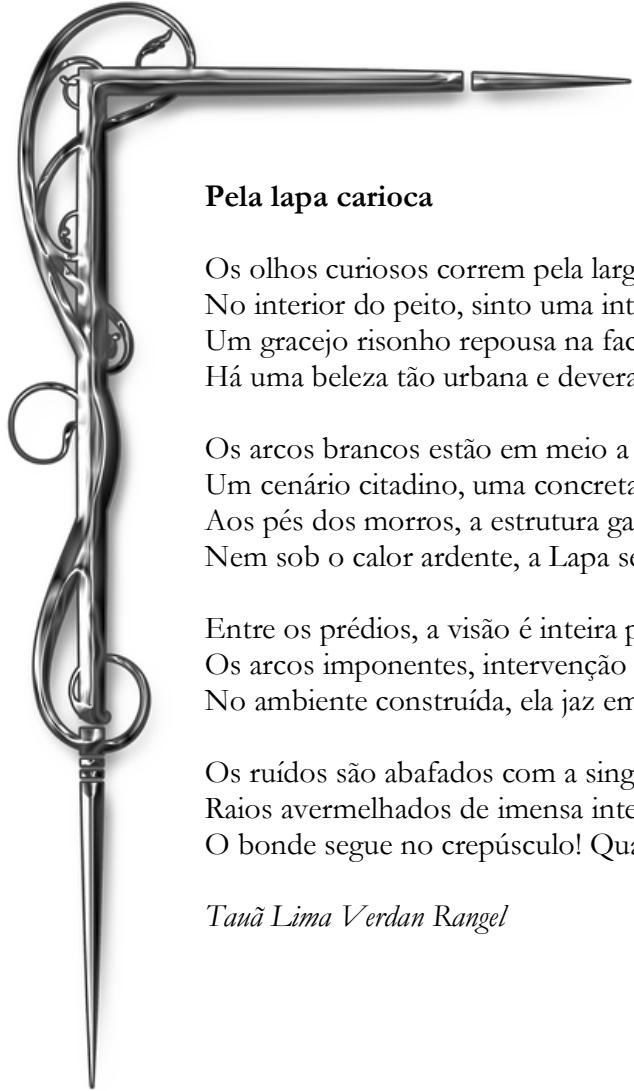
No isolamento que nos unimos,
Cada um no seu espaço,
Em sua redoma,
Em seu próprio abraço,
Construímos laços invisíveis,
Nos tornamos mais sensíveis (?)
Diminuímos nosso passo,
Repensamos a vida, nossas fraquezas,
Ou somos de aço?
Virais por natureza, contagiantes,
Temos a necessidade do afeto,
Queremos todos por perto,
E ao mesmo tempo somo tão egoístas,
Insaciáveis, escondidos em nossas máscaras...
O quanto valemos?
O que nos distingue?
Do que/quanto precisamos?
Distantes do mundo,
Estamos cercados por nós mesmos,
E infelizes!
Porque é no outro que nos construímos e nos
completamos,
E é em função do outro que nos sentimos vivos.
Somos coletivos!
Em ilhas, submergimos em nossa incapacidade de
sobreviver e de ser feliz!

Simone Oliveira Vieira Peres

SIMONE OLIVEIRA VIEIRA PERES

Professora da rede municipal de ensino, licenciada em Letras (UNEMAT), mestra em Estudos de Cultura Contemporânea (UFMT) e pós-graduanda em Docência para o Ensino Técnico e Profissionalizante (IFPA). Apaixonada pelas palavras desde que me entendo por gente!





Pela lapa carioca

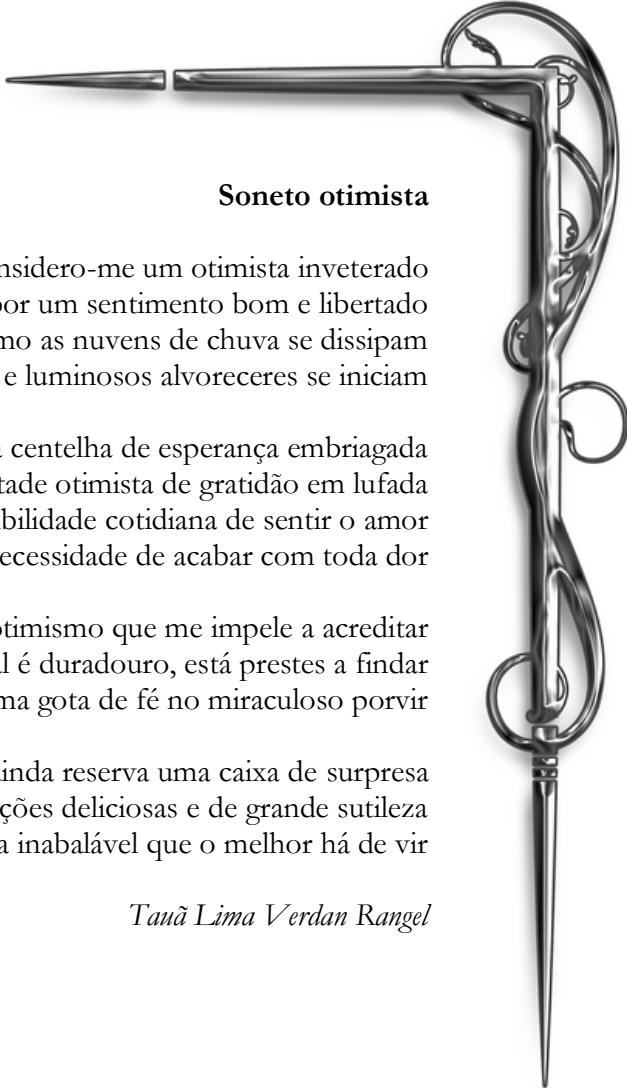
Os olhos curiosos correm pela larga extensão
No interior do peito, sinto uma intensa emoção
Um gracejo risonho repousa na face exultante
Há uma beleza tão urbana e deveras delirante

Os arcos brancos estão em meio a paisagem
Um cenário citadino, uma concreta miragem
Aos pés dos morros, a estrutura ganha forma
Nem sob o calor ardente, a Lapa se deforma

Entre os prédios, a visão é inteira preenchida
Os arcos imponentes, intervenção desmedida
No ambiente construída, ela jaz em singeleza

Os ruídos são abafados com a singularidade
Raios avermelhados de imensa intensidade
O bonde segue no crepúsculo! Quanta beleza

Tauã Lima Verdan Rangel



Soneto otimista

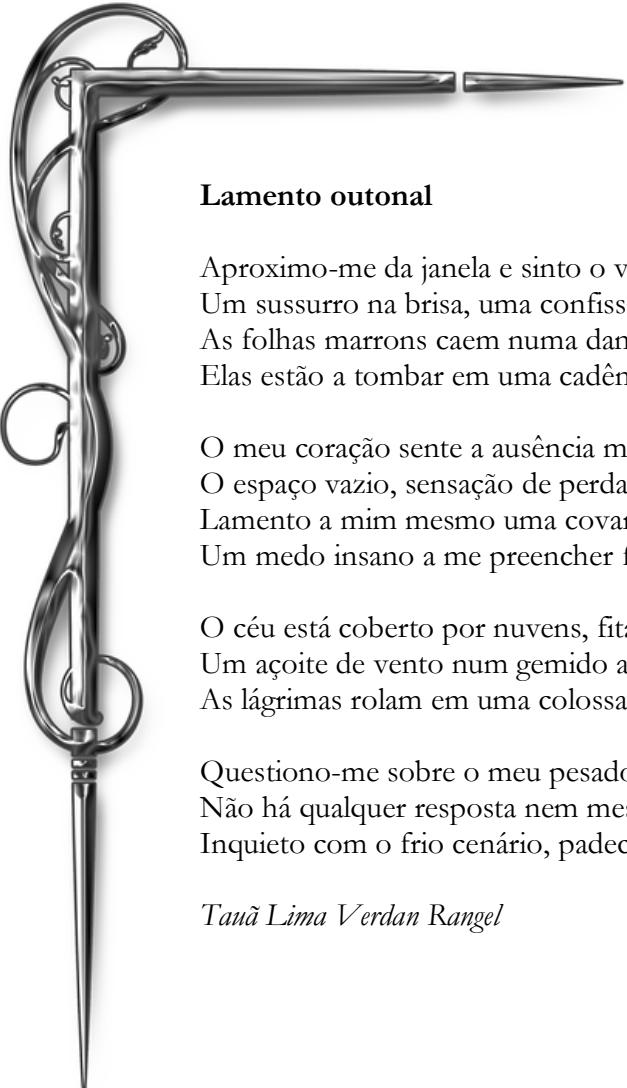
De fato, considero-me um otimista inveterado
Absorvido por um sentimento bom e libertado
Até mesmo as nuvens de chuva se dissipam
E lindos e luminosos alvoreceres se iniciam

Há uma centelha de esperança embriagada
Uma vontade otimista de gratidão em lufada
Uma possibilidade cotidiana de sentir o amor
E uma necessidade de acabar com toda dor

Enfim, é o otimismo que me impele a acreditar
Nem um mal é duradouro, está prestes a findar
Subsiste uma gota de fé no miraculoso porvir

O futuro ainda reserva uma caixa de surpresa
Com sensações deliciosas e de grande sutileza
É a confiança inabalável que o melhor há de vir

Tauã Lima Verdan Rangel



Lamento outonal

Aproximo-me da janela e sinto o vento outonal
Um sussurro na brisa, uma confissão tão irreal
As folhas marrons caem numa dança ritmada
Elas estão a tombar em uma cadênciâ pensada

O meu coração sente a ausência mui pesarosa
O espaço vazio, sensação de perda tão odiosa
Lamento a mim mesmo uma covardia indolente
Um medo insano a me preencher funestamente

O céu está coberto por nuvens, fitar nebuloso
Um açoite de vento num gemido assombroso
As lágrimas rolam em uma colossal profusão

Questiono-me sobre o meu pesado lamento
Não há qualquer resposta nem mesmo alento
Inquieto com o frio cenário, padece o coração

Tauã Lima Verdan Rangel

TAUÃ LIMA VERDAN RANGEL

É Mestre e Doutor em Ciências Jurídicas e Sociais pela UFF. Autor dos livros: "Fome: Segurança Alimentar & Nutricional em pauta" (2018) (acadêmico); "Segurança Alimentar & Nutricional na região sudeste" (2019) (acadêmico); "Versos, Inversos & Outros Escritos" (2019) (poemas); "Indrisos em Versos" (2019) (poemas); "Efemeridade em Versos" (2019) (poemas); "Aldravias e Versos" (2020) (aldravias) (no prelo). Tem muitos projetos em andamento com editoras diversas, além de um apaixonado assumido por contos e Antologias.



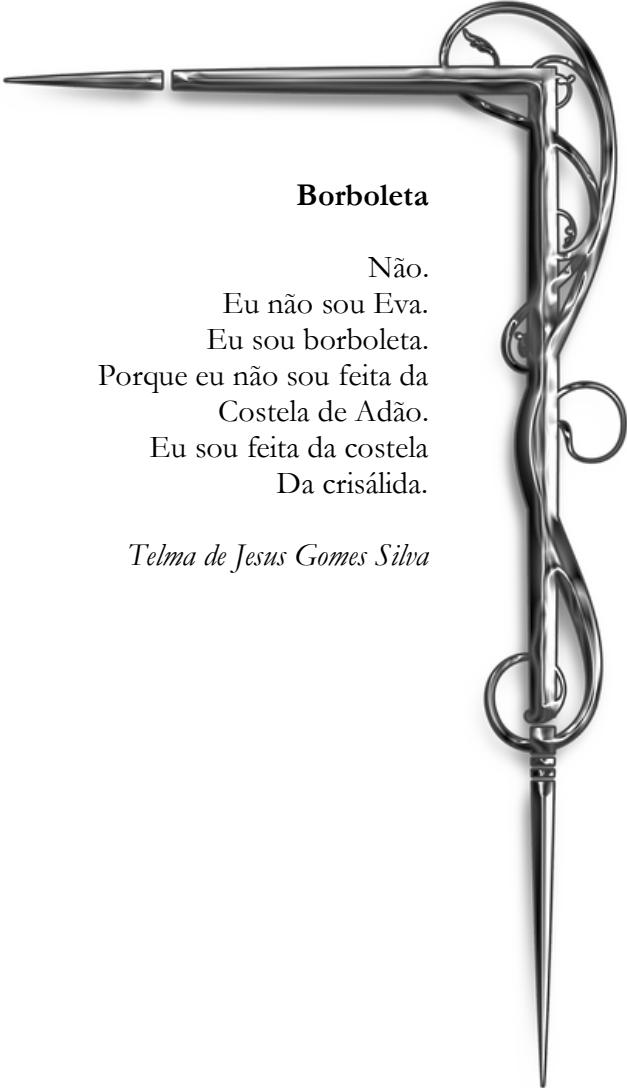


Mão da Alma

Na mão da alma
Não quero vinho de romã
Na mão da alma
Não quero vinho de maçã
Essa paixão temporal

Na mão da alma
Eu quero vinho do Amor.

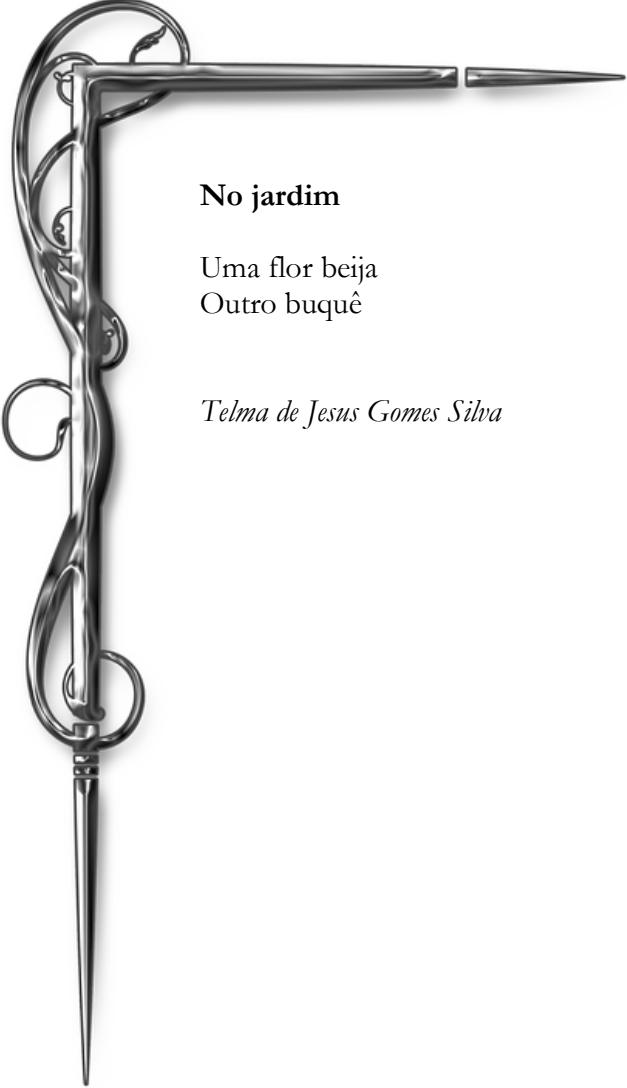
Telma de Jesus Gomes Silva



Borboleta

Não.
Eu não sou Eva.
Eu sou borboleta.
Porque eu não sou feita da
Costela de Adão.
Eu sou feita da costela
Da crisálida.

Telma de Jesus Gomes Silva



No jardim

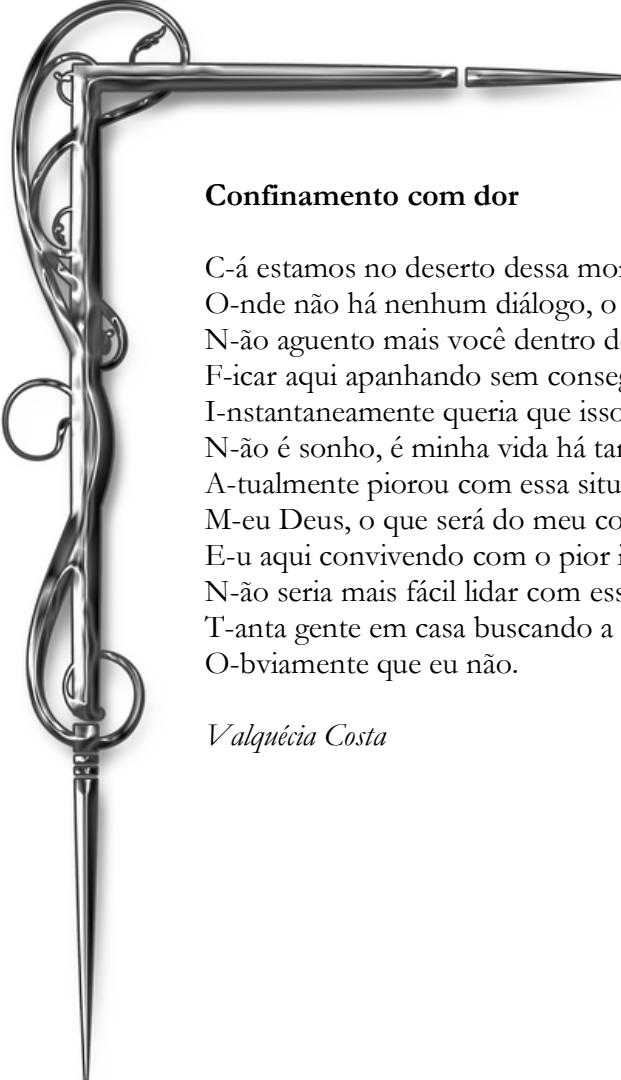
Uma flor beija
Outro buquê

Telma de Jesus Gomes Silva

TELMA DE JESUS GOMES SILVA

Fez parte da coletânea de poemas, crônicas e contos
volume XXXIII edição comemorativa de 14 anos do
lançamento da eldorado 2020

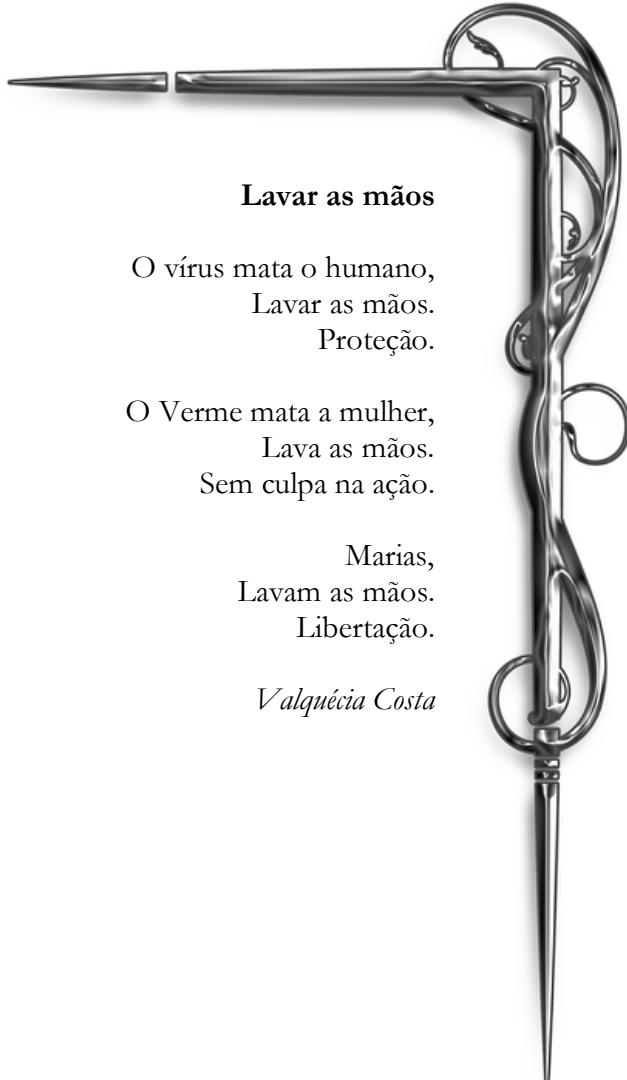




Confinamento com dor

C-á estamos no deserto dessa morada,
O-nde não há nenhum diálogo, o lema é boca fechada.
N-ão aguento mais você dentro de casa,
F-icar aqui apanhando sem conseguir fazer nada.
I-nstantaneamente queria que isso fosse sonho.
N-ão é sonho, é minha vida há tantos anos.
A-tualmente piorou com essa situação.
M-eu Deus, o que será do meu coração?
E-u aqui convivendo com o pior inimigo.
N-ão seria mais fácil lidar com esse vírus?
T-anta gente em casa buscando a proteção.
O-bviamente que eu não.

Valquécia Costa



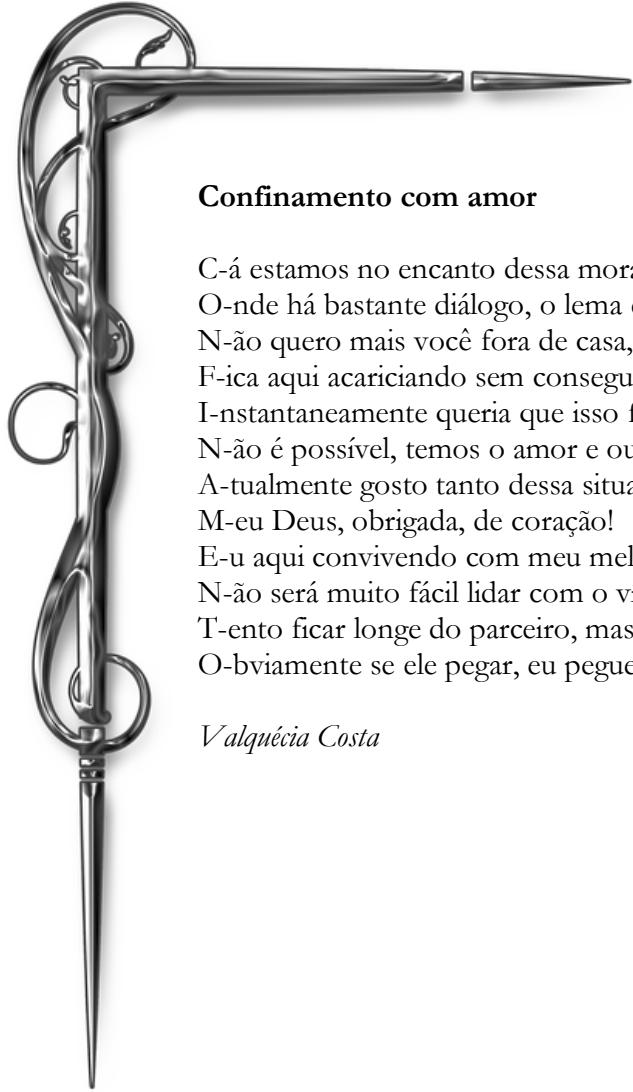
Lavar as mãos

O vírus mata o humano,
Lavar as mãos.
Proteção.

O Verme mata a mulher,
Lava as mãos.
Sem culpa na ação.

Marias,
Lavam as mãos.
Libertação.

Valquíria Costa



Confinamento com amor

C-á estamos no encanto dessa morada,
O-nde há bastante diálogo, o lema é trocar palavras.
N-ão quero mais você fora de casa,
F-ica aqui acariciando sem conseguir fazer nada.
I-nstantaneamente queria que isso fosse real.
N-ão é possível, temos o amor e outro ideal.
A-tualmente gosto tanto dessa situação.
M-eu Deus, obrigada, de coração!
E-u aqui convivendo com meu melhor amigo.
N-ão será muito fácil lidar com o vírus,
T-ento ficar longe do parceiro, mas que jeito?
O-bviamente se ele pegar, eu peguei primeiro.

Valquécia Costa

VALQUÉCIA COSTA

Graduada em Serviço Social pela UFTM, especialista em Educação, Diversidade e Inclusão Social pela UDB, cursando especialização em Violência Doméstica pelo Grupo Educacional Faveni. Do lar, esposa, Mãe e poetisa. Militante no enfrentamento à violência contra as mulheres. Motivadora de um relacionamento saudável. Convicta no amor. Autora da poesia *Simplesmente* (Antologia 40º Graus de versos) e *Autoamor* (Coletânea tempo para Amar)







Autores
Escrevem
Mais
Poesias
Diante
Confinamento.

ISBN 978-65-86615-09-8



9 786586 615098 >


Edições
& Publicações